

MÁRCIA MARIA PEREIRA

**A IGREJA CATÓLICA EM MARINGÁ E A
GESTÃO DE D. JAIME LUIZ COELHO (1947-1980)**

Dourados – 2007

MÁRCIA MARIA PEREIRA

**A IGREJA CATÓLICA EM MARINGÁ E A
GESTÃO DE D. JAIME LUIZ COELHO (1947-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
História da Universidade Federal da Grande Dourados
para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jérri Roberto Marin

Dourados – 2007

282.81626 Pereira, Márcia Maria

P 436i *A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947- 1980)* / Márcia Maria Pereira – Dourados, MS: UFGD, 2007.
93 f.
Orientador: Prof. Dr. Jérri Roberto Marin. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados
1. Igreja Católica – diocese de Maringá. 2. D. Jaime Luiz Coelho, 1916 - Poderes. I. Título.

MÁRCIA MARIA PEREIRA

**A IGREJA CATÓLICA EM MARINGÁ E A
GESTÃO DE D. JAIME LUIZ COELHO (1947-1980)**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador: Dr. Jérri Roberto Marin

2º Examinador: Dr. Damião Duque de Farias

3º Examinador: Dr.^a Solange Ramos de Andrade Dadid

Dourados _____ de _____ de 2007

DADOS CURRICULARES

MÁRCIA MARIA PEREIRA

NASCIMENTO: 17/05/1981 – CAMPINAS, SP

FILIAÇÃO: Sebastião Pereira e Neusa Pereira

2001/2004: Curso de Graduação em História
Universidade Estadual de Maringá – UEM

2005/2007: Curso de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado, na
Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD – Dourados, MS

RESUMO

Este trabalho analisa a presença da Igreja Católica em Maringá, no Estado do Paraná, e a atuação do primeiro bispo, D. Jaime Luiz Coelho. O estudo abrange a atuação da instituição, desde a fundação da cidade, em 1947, até a década de 1980, com a implantação da Arquidiocese e a elevação de Maringá à Província Eclesiástica. Procurou-se analisar a ofensiva da Igreja Católica a fim de consolidar sua presença na sociedade que estava sendo formada e implantar normas e valores católicos. Essa sociedade era caracterizada pela heterogeneidade cultural, derivada da intensa migração de colonos de diversas partes do Brasil e do exterior. A pesquisa destaca a ofensiva da Igreja Católica para impor como legítima a sua representação de mundo.

Palavras Chaves: Maringá, Igreja Católica, D. Jaime Luiz Coelho.

ABSTRACT

This work analyzes the presence of the Catholic Church in Maringá, in Paraná State, and the first bishop's performance, D. Jaime Luiz Rabbit. The study involves the performance of the institution, since the foundation of the city, in 1947, until the decade of 1980, with the implantation of the Archdiocese and the awarding of Maringá to the Ecclesiastical Province. It was looked to analyze offensive of the Catholic Church to consolidate its presence in the society that was being formed and to implant catholic norms and values. This society was characterized by the heterogeneous culture, from the intense colonist migration of several parts of Brazil and abroad. The research emphasizes the Catholic Church offensive to impose its world representation as legitimate one.

Á Deus e ao futuro...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me feito vir ao mundo já abençoada, pois me colocou na responsabilidade de pessoas maravilhosas como os meus pais, Neusa e Sebastião, que muito lutaram e lutam para ver meu sucesso nos estudos, no trabalho ou em qualquer atividade que eu venha a desempenhar, demonstrando por mim um amor incondicional. Devo tudo aos dois, por eventuais privações que passaram, em prol de minha formação e a de meu irmão Marcos, pessoa que também tenho muito a agradecer, pelo exemplo de garra, coragem determinação e fé. Ao meu sobrinho Victor, que só me dá alegria e momentos de muita ternura.

Quero agradecer, também, a todas as pessoas que fazem parte de minha vida, e que diretamente ou não, contribuíram para a realização desse trabalho. Pessoas que são essenciais no decorrer de minha trajetória até aqui.

Ao professor Dr. Jérri Roberto Marin, pela paciência, experiência e orientação. Ao Professor Dr. Damião Duque de Farias e à Professora Dr^a Solange Ramos de Andrade David, pelas sugestões, orientações e indicações, pelas palavras amigas e de incentivo, durante o exame de qualificação e em todos os momentos cruciais.

A todos os professores e funcionários do programa de Mestrado em História da UFGD, por terem me recebido muito bem. Aos meus colegas, em especial aos que dividiram comigo angústias, problemas e incertezas.

À Agnes e à Rosangela, por serem para mim, mais do que amigas, praticamente irmãs, que mesmo estando longe, me incentivam, apóiam-me tanto nos momentos ruins, quanto nos bons. À Lívia, Michele, Viviane e Tatiane, pelo período em que passei morando com elas, dividindo não só o apartamento, mas também os problemas, as alegrias e tristezas. À Cristiene, à Kátia e à Priscila, que não eram somente minhas vizinhas, mas também companheiras de descontração e desabafo. A meus eternos amigos de Maringá, Alisson, Marina, Maicon, Ana Lúcia (e família), e Priscila, pessoas com quem eu sempre pude e posso contar, em auxílio de pesquisa ou qualquer outra solicitação. E à Juliana, amiga que tenho próxima, com quem também divido angústias e alegrias.

À minha família japonesa, tia Keiko, tio Geraldo e Débora, que me adotou com muito carinho e que considero muito.

Ao Padre Orivaldo Robles pelo apoio e incentivo, e também a todos os funcionários da Cúria Metropolitana de Maringá, que me receberam muito bem e me disponibilizaram acesso ao arquivo.

Finalizo agradecendo novamente a Deus pela saúde que me faz ter vigor e determinação para lutar por meus objetivos.

Àqueles que não citei o nome, mas que fazem parte de minha vida, não pensem que estou esquecida, saibam que estão todos no meu coração.

*“Eu não tenho imaginação,
o que me fascina é a vida
que tento compreender.”
(Henri Cartier).*

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE FIGURAS	11
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 A COLONIZAÇÃO E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA EM MARINGÁ	22
1.1 A fundação de Maringá	22
1.2 A Igreja Católica em Maringá	25
1.3 A ofensiva católica em Maringá	29
2 A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE MARINGÁ E A POSSE DE D. JAIME LUIZ COELHO	38
2.1 A chegada à Maringá de seu primeiro bispo, D. Jaime Luiz Coelho	42
3 A GESTÃO EPISCOPAL DE D. JAIME LUIZ COELHO	56
3.1 Frente de Atuação	62
3.2 A Província Eclesiástica	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89
4.1 Fontes Manuscritas	89
4.2 Fontes impressas	89
4.3 Jornais e Revistas	90
4.4 Fontes Orais/Depoimentos	90
4.5 Fontes Iconográficas	90
4.6 Bibliografia	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Chegada de D. Jaime Luiz Coelho em Maringá. 24 de março de 1957. Reprodução do arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá. Pasta 01.

Figura 2 – Avenida Brasil enfeitada e com a presença das pessoas na expectativa da passagem do cortejo, nos festejos da chegada de D. Jaime. 24 de março de 1957. Reprodução do arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá. Pasta 01.

Figura 3 – A multidão aglomerada em torno da Catedral para assistirem à posse de D. Jaime Luiz Coelho. 24 de março de 1957. Reprodução do arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá. Pasta 01.

Figura 4 – Prefeito Américo Dias Ferraz e D. Jaime Luiz Coelho, posando para os fotógrafos no dia do banquete de recepção para o bispo. 25 de março de 1957. Reprodução do arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá. Pasta 01.

Figura 5 – Brasão de Armas do bispado de D. Jaime Luiz Coelho. Reprodução da Carta Pastoral de Saudação de D. Jaime, p. 1.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho é o resultado de uma pesquisa em arquivos, acervos bibliográficos, museus e entrevistas, que objetiva analisar a presença da Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho. O período de análise compreende a fundação da cidade pela Companhia de Terras Norte do Paraná, em 1947, e se estende até a década de 1980, com a implantação do arcebispado de Maringá. Nesse período, a Igreja desenvolveu bases para se consolidar como a instituição mais importante da sociedade em estudo e passou a assumir a liderança no cenário religioso local. Sua presença iniciou-se quase que juntamente com o processo de instalação oficial da Companhia Colonizadora, quando a instituição trabalhou para reverter o cenário religioso desfavorável, tais como: escassez de clero, falta de infraestrutura, falta de edifícios religiosos e de acessos, devido à precariedade de estradas e poucos meios de transportes, e também o desafio de homogeneizar as manifestações religiosas heterogêneas, resultado das múltiplas contribuições culturais dos migrantes. Dessa forma, o objetivo também é compreender como a Igreja Católica impôs-se frente ao Estado, à Companhia, as demais religiões e à sociedade.

Ao perseguir esse objetivo, identifica-se como problemática da pesquisa a percepção de como a Igreja atuou para conseguir essa posição de destaque na sociedade. Nesse sentido, a documentação contribuiu ao revelar as ações dos agentes responsáveis pela ofensiva católica em Maringá, pois apontam para a implantação de capelas, paróquias, onde estava sempre presente a ajuda dos fiéis, que eram convocados a colaborar e também por meio do respaldo da empresa colonizadora e, finalmente, o incentivo para o estabelecimento de ordens de Religiosas e Religiosos, para auxiliarem em obras sociais da Igreja e do ensino, determinados em evangelizar e homogeneizar a sociedade enfatizando os dogmas cristão-católicos.

As motivações que impeliram para a análise da Igreja Católica em Maringá são as seguintes: em primeiro lugar, a importância da abordagem, pois a maioria dos trabalhos

existentes são relatos encomendados pela própria instituição local, fato que inibe uma análise imparcial, promovendo aspectos tendenciosos que tão somente atendem às demandas internas da instituição¹. Em segundo lugar a necessidade de analisar as singularidades da presença da Igreja em Maringá e a atuação marcante de D. Jaime Luiz Coelho. Por fim, está o interesse pelo processo histórico e conjuntural da Igreja Católica em termos mundiais e nacionais, procurando entender e relacionar essa conjuntura com o desempenho da instituição no local estudado.

Um momento relevante da trajetória da Igreja Católica em Maringá compreende a elevação da cidade à categoria de diocese no ano de 1956. Maringá, emancipada em 1952, tornou-se sede de bispado, fator de muita importância tanto para os setores dirigentes do município quanto para a instituição, pois permitiria consolidar sua presença na sociedade local. A chegada do primeiro bispo, D. Jaime Luiz Coelho, e sua atuação, são fatores carregados de significações, que circulam no campo das representações, que neste trabalho foram exploradas na tentativa de explicar em que esses eventos contribuíram na consolidação da presença da Igreja Católica em Maringá.

No trabalho analisou-se a gestão de D. Jaime, seus discursos, suas ações e as estratégias que adotou para realizar sua administração frente à diocese maringaense. Levando-se em conta a diversidade cultural presente nesse cenário, que recebeu famílias advindas de regiões e países diferentes e, também, aos problemas que a Igreja Católica enfrentava no local como falta de clero, de congregações, de edifícios e estrutura. Outro ponto analisado foi a estreita relação do bispo com a política e o corpo empresarial de Maringá. Englobaram-se no estudo os contextos nacional e internacional da Igreja Católica, pois por meio desses delineou-se a forma de atuação na sociedade estudada. Enfocou-se também como D. Jaime fez a transição, em nível diocesano, à concepção pastoral pós-Concílio Vaticano II.

O presente estudo apoiou-se nas discussões teóricas que abordam a Igreja Católica e suas ações diante da sociedade moderna² e da secularização da sociedade. Porque a Igreja entendendo o avanço de doutrinas e religiões concorrentes como uma grave ameaça para a sua presença, procurou proteger-se defensivamente por meio da recristianização social e de um reordenamento de suas posturas frente à sociedade.

1 Refiro-me as seguintes obras: OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ. Maringá, 1982; DIOCESE DE MARINGÁ: os trinta e cinco anos de história, Maringá, 1992; DIOCESE DE MARINGÁ: os quarenta anos de história, Maringá, 1997; SANCHES, Antenor, *Maringá Outrora e agora*, Maringá: Bertoni Gráfica e Editora, 2006; SANCHES, Antenor, *Maringá sua terra e sua gente*, Maringá: Massoui, 2002.

2 Entre as obras, cito aquelas que foram relevantes à pesquisa, a saber: MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e política no Brasil 1916 -1985*. São Paulo: Brasiliense, 2004; MARCHI, Euclides. *A Igreja e o plano de emergência – 1952/1962*. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, 2001, p.81-108; DIAS, Rômulo. *Imagens de Ordem: a Doutrina Católica sobre autoridade no Brasil – 1922 – 1933*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996; MANOEL, Ivan Aparecido, *O Pêndulo da História: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: EDUEM, 2004; VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002; MARIN, Jéri Roberto. *História e historiografia da romanização: reflexões provisórias*. In. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, 2001, p. 149-169; BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

No artigo: *A igreja do Brasil e o plano de emergência – 1952/1962*, o autor Euclides Marchi afirma:

Quase um século se passara desde que Pio IX, em 1870, condenara o mundo moderno. Mesmo assim, a Igreja Católica ainda não superara o trauma decorrente das idéias propostas pela modernização do mundo ocidental. Ao longo de décadas, afirmara e ratificara suas posições condenatórias ao seu principal inimigo, o modernismo.³

Traçando um panorama histórico da atuação dos pontífices da Igreja Católica dos séculos XIX ao XX começando por Pio VII (1800) até Pio XII (1958), observam-se mudanças nas posturas e nos posicionamentos da instituição. De Pio VII (1800 – 1823) a Leão XIII (1878 – 1903) houve um reforço da doutrina e das práticas devocionais. De Pio X (1903 – 1914) a Pio XII (1939 – 1958) a Igreja passou a intervir nos aspectos sócio-políticos por intermédio dos programas da Ação Católica. Essa mudança de postura deu-se na tentativa de recristianizar a sociedade, com o intuito de barrar a influência na sociedade de doutrinas como o materialismo, o liberalismo e o comunismo.⁴

Entende-se que os problemas que a Igreja Católica enfrentava agravaram-se após o término da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, a instituição intensificou sua ofensiva contra os seus principais inimigos: as novas e ameaçadoras ideologias. Essa campanha se desdobrou de maneira intensa no fim da década de 1950. Quando, em 1958, morreu Pio XII e assumiu João XXIII, a Igreja passou a viver um de seus momentos mais importantes no século XX. Marchi analisa:

Um novo olhar sobre a sociedade e os tempos modernos provocaria transformações nos comportamentos do clero e fiéis tanto no que se refere às ações pastorais quanto no procedimento dos rituais de espiritualidade. Senão a totalidade, parcelas significativas dos sacerdotes (incluindo os bispos) e dos católicos leigos seriam impelidos a uma nova conquista do mundo, a saírem das sacristias em busca das ovelhas tresmalhadas ou daquelas que nunca haviam pertencido ao rebanho da cristandade. Eram tempos novos que batiam à porta das dioceses e das paróquias e demandavam posicionamentos não comuns à trajetória da instituição. As questões sociais e políticas exigiam um comportamento ético-moral e demandavam um comprometimento institucional tanto dos homens de primeira linha quanto de toda a catolicidade. O mundo da política e a sociedade moderna não comportavam mais as, outrora, repetidas condenações dos pontífices romanos. Passavam a ser sujeitos da ética e da moral nas preocupações da Igreja. Era um novo discurso sobre a sociedade e sobre a atuação do clero. Interna e externamente a Igreja estava vivendo um processo de arejamento ou de agiornamento como tanto se repetiu naquele momento.⁵

3 MARCHI, E., *A Igreja e o plano de emergência – 1952/1962*, p. 81.

4 MANOEL, I. A., *O Pêndulo da História: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*, p. 21.

5 MARCHI, E., *A Igreja e o plano de emergência – 1952/1962*, p. 87.

Esse período é denominado por muitos, segundo Marchi, como o “arejamento joanino”, o Papa João XXIII tendo nas mãos o poder de dirigir uma instituição religiosa que atravessava problemas no seu campo doutrinal e de atuação, preocupou-se em promover urgentes mudanças e “remodelagens” na doutrina e em todos os setores do catolicismo, a fim de tentar reverter o quadro. O pontífice preocupava-se também com os países do “terceiro mundo” que enfrentavam problemas sociais, como fome e desemprego, entre outros, e que estariam suscetíveis à aceitação de novas idéias “salvadoras”.

Porém, foi no Concílio Vaticano II, que as propostas de modificações significativas no catolicismo ocorreram. A convocação do concílio e suas propostas provocaram muitas discussões, pois uns viam com bons olhos essa tentativa de um reordenamento no catolicismo, outros, mais conservadores, desaprovavam. Mainwaring em seu estudo da Igreja Católica e política no Brasil, afirma:

Tanto para os críticos como para partidários, o Concílio Vaticano II (1962 – 1965) marcava um dos mais importantes eventos na história do catolicismo romano. A despeito das contradições, tensões e limites que cercavam as mudanças, o Concílio enfatizou a missão social da Igreja, declarou a importância do laicato dentro da Igreja, motivou, por exemplo, maiores responsabilidades, co-responsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja, desenvolveu a noção de Igreja como povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível e introduziu uma série de outras modificações. Os documentos conciliares enfatizavam o caráter hierárquico da Igreja e insistiam que sua missão estava acima da política, mas a nova doutrina revia de modo significativo os padrões de autoridade da Igreja e a relação entre a fé e o mundo.⁶

A religião passou a ser vista sob o prisma social, a partir de uma construção dialética dos homens com seu meio. É produto da atividade e da consciência humana, ou seja, do processo histórico humano.⁷ Nesse aspecto, a pesquisa distanciou-se dos teólogos que, como Giuseppe Alberigo, diferenciam a história da Igreja dos estudos teológicos. A história da Igreja, como ramo da pesquisa histórica, permite um distanciamento do ponto de vista institucional e uma análise mais clara das articulações da Igreja com a sociedade e as instituições.⁸

O modelo analítico utilizado para abordar a história da Igreja Católica no Brasil foi proposto por Augustin Wernet. A instituição adotou, ao longo do tempo sucessivas autocompreensões, ou seja, “diversas maneiras de auto-entendimento, diversas imagens [...] de si mesma; autocompreensões marcadas pelas grandes superestruturas de cada época, seja nas suas formas institucionais, seja em sua linguagem e em seus modos de pensar”⁹.

O conceito de “autocompreensão” permite fundamentar a existência de distinções e

6 MAINWARING, S. *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 62.

7 BERGER, P. L., *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, p. 186.

8 ALBERIGO, G., *Novas fronteiras da história da Igreja? Concilium*, n. 57, p. 870-885, set. 1970.

9 WERNET, A., *A Igreja paulista no século XIX*, p. 12.

de mudanças nos posicionamentos da Igreja ao longo dos séculos, mudanças essas em termos políticos e pastorais que facilitam compreender as atitudes e posições da Igreja no decorrer da história. Ou seja, de acordo com os momentos e as necessidades, as reformulações são efetuadas, numa ofensiva de manter posições e aceitações. Segundo Ivan Manoel:

Quando nos referimos às autocompressões da Igreja referimos-nos de fato, à Igreja na sua vertente institucional em um dado momento histórico, onde o Papa (entenda-se, a hierarquia eclesiástica) define um conceito de Igreja, estabelece suas tarefas e estratégias de ação e reordena sua política interna em função de seu projeto político e pastoral externo, e essa nova forma de autoentendimento permanecerá em vigência até ser substituída por outra, gerada nas suas próprias contradições internas e externas.¹⁰

A presença da Igreja Católica em Maringá, nesse sentido, engloba as autoentensões romanizadas e a pós-conciliar. Sendo assim, as gestões papais situadas entre os papas Pio X e Pio XII devem ser vistas como um período de transição, durante o qual o ultramontanismo clássico sobrevivia na doutrina e na prática da Igreja.¹¹ Algumas práticas, como a atuação do laicato ao lado da hierarquia e o maior engajamento da Igreja junto à população, acabaram por forçar as mudanças doutrinárias e até teológicas verificadas na Igreja pós-Concílio Vaticano II. Para Manoel, “se empregarmos o conceito de Catolicismo Romanizado para designarmos o longo período de 160 anos entre Pio VII e João XXIII, ele não conseguirá elucidar as mudanças ocorridas nesse período de mais de um século, ficando a impressão de que tudo permaneceu igual”.¹² Ivan Manoel destaca três momentos que explicitam essas mudanças:

1º momento: de Pio VII (1800-1823) a Pio IX (1846-1878), que corresponde à consolidação da doutrina conservadora, com uma estratégia centrada mais no discurso do que na ação; 2º momento: Pontificado de Leão XIII (1878-1903), que, sem abandonar a doutrinação contra o mundo moderno, deu passos decisivos para o estabelecimento de uma política de intervenção católica na realidade concreta, de que as Concordatas são exemplo, além de, em certas questões, como a idéia de democracia, demonstrar menos restrições; 3º momento: de Pio X (1903-1914) a Pio XII (1939-1958), a conversão da doutrina em política, do discurso em práxis, por meio do desenvolvimento dos programas de Ação Católica, que acabaram por gerar as contradições que levaram ao Concílio Vaticano II e, na América Latina, à Teologia da Libertação.¹³

10 MANOEL, I. A., *O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800- 1960)*, p. 10.

11 A Igreja, após a segunda Guerra Mundial, passou a aceitar o pluralismo cultural, embora defendesse o respeito à unidade institucional.

12 MANOEL, I. A., *A esquerdização do catolicismo brasileiro (1960-1980): notas prévias para uma pesquisa*. Estudos históricos, p. 142.

13 MANOEL, I. A., *O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800-1960)*, p. 12.

No Brasil, a Igreja objetivava, por meio dessas práticas romanizadoras, afirmar-se na sociedade, conquistar espaços, aliados políticos e uma recristianização das instituições, dos demais segmentos sociais e do Estado. Dessa forma, o episcopado brasileiro juntamente com a Santa Sé, pretendia criar uma Igreja centralizada e hierarquizada.¹⁴

Porém, o sucesso das práticas romanizadoras adotadas e desempenhadas pela vertente conservadora, conhecida como neocrisandade, passou a sofrer a partir da década de 1930, as conseqüências da permanência de práticas de um catolicismo autoritário e conservador num momento em que a sociedade se modernizava. A partir daí a hierarquia eclesiástica teve que repensar os seus posicionamentos e optou por uma postura modernizadora. No período de 1955 a 1964, entrou numa fase reformista, principalmente após o Concílio Vaticano II, que chamou a atenção para um novo direcionamento da instituição em todo o mundo.

As mudanças propostas no Concílio Vaticano II foram mais significativas em países da América Latina do que nos europeus. Isso se deu porque mudanças como justiça social, maior participação dos leigos, maior sentido de comunidade e co-responsabilidade dentro da Igreja e maior proximidade do clero com o povo exigiram de países latinos maior desprendimento.¹⁵

A sociedade brasileira, após 1961, vivenciou uma forte polarização nos âmbitos políticos, que acabou por gerar conflitos, pois de um lado se encontrava uma direita, que cada vez mais se via ameaçada pelos movimentos progressistas de esquerda. A direita contava com o apoio da Igreja Católica e da classe média e essa movimentação culminou com o golpe de 1964.

Porém, dentro da própria Igreja ocorriam, já em 1964, graves conflitos de posições. De um lado estava a esquerda católica que apoiava e pretendia realizar mais mudanças significativas na religião e, de outro, a direita católica que defendia a concepção de fé tradicional. Segundo Mainwaring, a Igreja Católica, naquele momento, estava dividida entre os reformistas e os modernizadores conservadores. Essas duas vertentes entendiam que a Igreja deveria passar por importantes modificações, no entanto, elas se distanciavam em alguns aspectos.

Os modernizadores conservadores, por exemplo, eram a favor de uma maior participação leiga na Igreja, mas não deixavam de enfatizar o dever à obediência hierárquica, já os reformistas defendiam a intensa participação leiga concebendo a Igreja como o povo de Deus. Além disso, divergiam na idéia do envolvimento da política na Igreja, os modernizadores iam contra esse envolvimento aberto e direto, para eles a Igreja deveria se manter acima da política.¹⁶

Os reformistas possuíam uma visão mais ampla em relação às mudanças, acreditavam

14 MARIN, J., *História e historiografia da romanização: reflexões provisórias*, p. 151.

15 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 62.

16 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 65.

que eram necessárias mudanças políticas para melhorar a sociedade, ou seja, eram mais voltados para os problemas sociais, defendiam mais autonomia aos grupos leigos e reformas na liturgia e no catecismo. Dessa forma, entende-se que os dois grupos defendiam a missão social da Igreja, porém de forma diferente.

Todas essas reformas e modos de ação foram derivados do Concílio Vaticano II e um dos pontos mais importantes foi o repensar do papel do laicato dentro da Igreja Católica, pois no período anterior ao papado de João XXIII os leigos eram sufocados pela hierarquia católica, que impedia os movimentos leigos de tomarem autonomia. Essa configuração foi modificada e os reformistas passaram a defender um espaço maior para os movimentos leigos, pois o “concílio acentuava que a Igreja era o povo de Deus, enfatizando a co-responsabilidade mais do que a hierarquia”.¹⁷

Nesse período, a Igreja Católica no Brasil também se preocupou com as questões agrárias devido às más condições que muitos agricultores viviam e a grande concentração fundiária. Como decorrência ocorriam as migrações em massa para as cidades. Esse cenário, para a hierarquia eclesiástica, era propício para implantação das idéias comunistas. Preservar essa base de cunho agrário, mais afeita a aceitar as normas católicas, em contraposição ao mundo urbano, pecaminoso e dissidente, era um desafio a ser enfrentado. Mainwaring afirma que para os bispos “a forma mais eficaz de tratar com a ameaça comunista era promover as reformas que satisfizessem as aspirações das massas, tornando-as menos sucessíveis as idéias comunistas”.¹⁸

Tendo em vista a preocupação com esse e demais problemas sociais, que pudessem acarretar o avanço do comunismo, a instituição promoveu o incentivo ainda maior aos movimentos leigos. Porém, o que deve ser ressaltado é que a autonomia desses movimentos era relativa, pois essa abertura era uma forma de manter ao seu lado e sob controle as massas descontentes.

Essa conjuntura social e da Igreja Católica, analisada anteriormente, de meados do século XX em diante, período destacado nesse estudo, sobre a presença da Igreja Católica em Maringá, tem o seu ápice no ponto em que Maringá, recém emancipada, tornou-se sede de um bispado. Esse aspecto tem muitos significados tanto para a Companhia Colonizadora como para a Instituição, que por meio de projetos e frentes de atuação, procurou desmembrar grandes territórios em várias dioceses para que, dessa forma, pudesse consolidar sua presença. Maringá possuía uma população heterogênea, devido às frentes imigratórias que lá se estabeleceram durante o processo colonizatório, toda essa heterogeneidade proporcionou práticas culturais híbridas. Sendo assim, o bispado em Maringá atuou na tentativa de unificar as manifestações religiosas e impor a presença da Igreja na sociedade.

A busca de certa unidade do catolicismo configura os esforços do primeiro bispo D.

17 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 70.

18 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 77.

Jaime Luiz Coelho. Tanto que ele utilizou-se de diferentes estratégias para desempenhar sua missão, construindo solidamente sua auto-imagem relacionada ao divino, tomando os diocesanos como “filhos”, para que estes o aceitassem como pai, como líder que os conduziria amorosamente à salvação.

A boa aceitação de D. Jaime na sociedade facilitou sua atuação frente à diocese de Maringá e possibilitou que estabelecesse relações com todas as classes sociais, configurando uma relação de cooperação e organização, em que todos os interesses pudessem ser atendidos. Dessa forma, utiliza-se do apoio econômico e político, das elites e da Companhia Colonizadora para seu êxito, estabelecendo com essas forças uma troca de favores.

Esse estudo aborda a presença da Igreja Católica em Maringá e propõe-se a desconstruir a idéia de uma presença pouco significativa no período anterior à implantação do bispado, conforme abordam os ensaios e obras publicadas pela diocese.

As fontes utilizadas para o desenvolvimento do trabalho foram variadas. Nos arquivos da Cúria Metropolitana de Maringá foram levantadas as cartas pastorais, registros de livro tomo, correspondências enviadas e recebidas, termos de visitas pastorais, recortes de jornais, revistas comemorativas de aniversários da diocese e também fotografias que registraram os momentos da cerimônia de chegada e posse de D. Jaime Luiz Coelho. Para complementar foram utilizados alguns depoimentos de católicos que chegaram a Maringá nos períodos estudados. Contou-se também com registro de memorialistas que discutem a importância e relevância da fundação de Maringá e um trabalho acadêmico a respeito da implantação do município e as características da Companhia Colonizadora.

Os depoimentos puderam complementar a análise dos textos institucionais no sentido de comprovarem as hipóteses levantadas. As fotografias ajudaram na compreensão da intensidade do evento, na medida em que analisadas puderam transmitir com mais clareza a importância do contexto em estudo. Os registros de memorialistas permitiram analisar a criação do imaginário acerca da Companhia. A partir daí aproveitou-se para desconstruí-lo. As fontes possuem papel fundamental na pesquisa e por meio delas o historiador se posiciona diretamente em contato com seu problema. Como afirma Barros:

Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo [...] ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma é o próprio fato histórico. Vale dizer, neste último caso considerar-se que o texto que se está tomando naquele momento como fonte é já aquilo que deve ser analisado, enquanto discurso de época a ser decifrado, a ser compreendido, a ser questionado. É neste sentido que diremos que a fonte pode ser vista como ‘testemunho’ de uma época e como ‘discurso’ produzido em uma época.¹⁹

19 BARROS, J., *O campo da história: especialidades e abordagens*, p. 134-135.

Os vários registros utilizados nesta pesquisa são trabalhados com o devido respeito às suas características, pois cada um possui seus próprios problemas e exigências metodológicas. Na documentação escrita, por exemplo, deve-se ficar atento aos espaços dissimulados que podem vir a contornarem silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor não pretendia revelar, ou também ocultar ou camuflar informações não convenientes. Diz Barros: “Quando alguém utiliza determinadas expressões e palavras, já está dizendo algo ao bom analista de textos, independente dos sentidos que ele pretende atribuir às palavras.”²⁰

Barros defende, que a análise de um texto deve contemplar três dimensões fundamentais: o intratexto, o intertexto e o contexto. Nessa abordagem o primeiro corresponde aos aspectos internos do texto; o seguinte refere-se ao relacionamento do texto com outros textos e o terceiro corresponde à relação do texto com a realidade que o envolve. Nesse trabalho, essa tríplice abordagem é adotada na medida em que se trabalha com os documentos clericais levando em conta seus aspectos internos e também relacionando-os com outros textos, elaborando-se uma contextualização com os aspectos teóricos que abordam e caracterizam o momento histórico correspondente ao evento estudado.

Há outros aspectos na análise dos textos clericais que devem ser levados em conta, como o fato de que qualquer texto visa a um receptor ou a um lugar de recepção, pois ele tem uma intenção, uma mensagem a ser transmitida ou uma informação a ser registrada.²¹ Barros afirma:

O historiador pode lidar tanto com textos que visam ‘receptores’, como com textos que buscam cumprir determinadas ‘finalidades’. Grosso modo, pelo que pudemos ver até aqui, o triângulo da comunicação em que se insere todo o texto tem estes três vértices: um lugar de produção, um conteúdo (intenção, mensagem), um lugar de recepção (ou um destino). O historiador deve lidar habilmente com cada um destes vértices e com a sua interação (porque cada um deles se inscreve no outro, no sentido, por exemplo, de que o produtor do texto antecipa certas expectativas do seu receptor).²²

Os documentos clericais, como as cartas pastorais, assumem uma postura de informar, mas ao mesmo tempo promover uma espécie de coerção em seus receptores, configurando essa relação de intenções imbricadas nas mensagens a serem transmitidas.

Dessa forma, o historiador diante de suas fontes textuais deve, no primeiro momento, fazer-lhes perguntas fundamentais, procurando identificar sua procedência, as condições de sua produção, especialidades e abordagens tanto quanto sua inserção em uma sociedade mais ampla. Posteriormente, devem vir as perguntas que correspondem aos caminhos internos do texto como “Com quem falas? Do que falas? Mas também. Sobre o que silencias?”.²³

20 BARROS, J., *O campo da história: especialidades e abordagens*, p. 135.

21 BARROS, J., *O campo da história: especialidades e abordagens*, p. 138.

22 BARROS, J., *O campo da história: especialidades e abordagens*, p. 138-139.

23 BARROS, J., *O campo da história: especialidades e abordagens*, p. 140.

O uso de depoimentos orais vem nesse trabalho como uma forma de complementação do discurso textual, na medida em que vai ao encontro com as informações encontradas e observa-se neles uma incorporação de significados. Deve-se levar em conta que a História Oral remete-se a um dos caminhos metodológicos e não como enfoque. As fontes visuais, que também vêm associadas às demais, possuem significações, porém essas devem ser percebidas através de incansáveis análises, pois revelam aspectos da vida material. Por isso devem ser questionadas para que sua leitura ultrapasse a avaliação da fotografia como mera ilustração.

Entende-se, contudo, que as fontes não são neutras e nem podem ser utilizadas com argumento de autoridade, ou seja, como verdade. Assim, para Bourdieu, as representações podem ser úteis na produção daquilo por elas descritas ou designadas, ou seja, a realidade objetiva. Para Chartier, os discursos “produzem estratégias e práticas sociais, que [...] tendem a impor uma autoridade à custa de outras por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas ou condutas”.²⁴

As fontes encontradas nos arquivos da Cúria Metropolitana de Maringá apresentaram-se em boas condições de conservação, porém, estão mal organizadas em relação à identificação de autorias, procedência e datas. Exemplo: os documentos referentes a vários assuntos estão reunidos em encadernações de capa dura, que compromete quase sempre o início dos parágrafos à esquerda, e a autoria e data dos registros não aparecem. Apesar dessas dificuldades, há muitos materiais em excelente estado de conservação, principalmente os manuscritos clericais em folhas de seda. O acesso a tais documentos foi fácil, pois a direção da Cúria viabilizou e possibilitou a exploração de seus arquivos sem nenhum empecilho.

Os resultados da pesquisa podem ser apreciados em três capítulos. O primeiro analisa a fundação de Maringá e faz uma explanação a respeito da presença da Igreja Católica desde o início da formação do município até as vésperas da implantação da diocese. Destacou-se presença da Instituição já atuante e significativa a partir dos momentos iniciais da colonização, desconstruindo a idéia de total precariedade. O segundo capítulo enfoca a implantação da diocese em Maringá e destaca a preparação, a chegada e a posse do primeiro bispo diocesano, D. Jaime Luiz Coelho. Já o terceiro aborda a atuação do bispo frente à diocese, na tentativa de conseguir atender aos anseios da Igreja e promover no local a consolidação da Instituição, fator que veio a ocorrer com a implantação da arquidiocese já na década de 1980. Ou seja, a Igreja em Maringá saiu vitoriosa em sua proposta de cobertura e representatividade doutrinal.

Em suma, nesta pesquisa o leitor poderá conhecer os caminhos da Igreja Católica em Maringá pleiteando atender aos objetivos traçados pela Santa Sé. Porém, deve-se levar em conta que os resultados aqui apresentados são preliminares possibilitando e abrindo precedentes para análises complementares, que possam a levar a novos questionamentos.

24 CHARTIER, R., *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 17.

1 A COLONIZAÇÃO E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA EM MARINGÁ

1.1 A fundação de Maringá

A Companhia de Terras Norte do Paraná começou atuar em 1928, com o cultivo de algodão. Em 1929, foi constituído o primeiro núcleo em Londrina. Na década de 1940, devido às más safras de algodão, a Empresa redirecionou seus investimentos à colonização. Posteriormente, foi vendida para investidores brasileiros e passou a chamar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná passando a conciliar a venda de terras com a produção agrícola cafeeira. Como decorrência desses investimentos, foi fundada, em 10 de maio de 1947, a 127 km de Londrina, o núcleo colonizatório de Maringá. A Companhia recebeu o apoio do governo federal, sem o qual dificilmente ela teria alcançado êxito.

A fundação de Maringá insere-se num amplo contexto, que envolve um enorme planejamento e intenções estabelecidas. O memorialista Rogério Recco, em sua publicação “À sombra dos Ipês da minha terra”, registrou os momentos iniciais de fundação numa perspectiva oficial, laudatória:

No dia 10 de novembro de 1942 a Companhia de Terras Norte do Paraná lançou a pedra fundamental de Maringá, oportunidade em que inaugurou o Hotel Campestre (depois denominado de Hotel Maringá), de sua propriedade, construído com lascas de palmito e coberto com tabuinhas, destinado a hospedar os primeiros interessados em investir na região. O primeiro a chegar foi o ‘Zé Maringá’, um pernambucano de Garanhuns, que veio justamente para cuidar do hotel. Em seguida Vitório Balani instalou a primeira serraria, pertencente à Companhia [...]. A localidade, cercada de mata virgem, apenas cortada pela estrada começou a progredir. José Jorge Abrão, com a primeira casa comercial; Hilário Alvez, com a primeira loja de tecidos; Durval Francisco dos Santos com a primeira maquina de arroz; Marcio Siqueira Jardim, com a primeira farmácia e Aniceto Gomes da Silva com a primeira padaria.¹

Os primeiros registros de povoação datam de 1938. Porém, Maringá foi fundada oficialmente em 1947. Esses anos que antecedem à fundação foram penosos, pois os migrantes

¹ RECCO, R., *À sombra dos Ipês da minha terra*, p. 31.

e funcionários se estabeleceram no Maringá Velho, local onde a Companhia instalou seu escritório. O local reservado para fundar a cidade estava sendo desmatado e esses primeiros migrantes trabalharam na derrubada da mata. Entre os problemas enfrentados pelos primeiros migrantes estavam: moradias desconfortáveis, comércio inexistente e infra-estruturas precárias. Apesar disso, permaneceram na espera de encontrarem melhores condições de vida num lugar que era representado como repleto de oportunidades.

Os lotes eram vendidos em várias prestações, fator esse que incentivava os compradores. Maringá era dividida em três partes, o Maringá Velho, Maringá Novo, e Vila Operária. A separação de Maringá Velho do Novo era uma faixa de mata que ficou por alguns anos intacta. O Maringá Velho era um ponto de apoio, ou seja, um local indesejado pela Companhia para se construir a cidade, então servia, no início, de uma espécie de “acampamento”, ou porta de entrada para o local ou a planície onde seria construída a cidade, a Vila Operária era o outro extremo.

Como o povoado no Maringá Velho começou a crescer, a Companhia logo vetou a venda de lotes para construção de casas, pois era de seu interesse construir uma cidade na área plana já estabelecida. O urbanista paulista Jorge de Macedo Vieira desenhou a planta de Maringá, inspirado em cidades-jardins européias. Somente com o passar dos anos, com a expansão da cidade para os lados é que essa divisão acabou. A respeito do planejamento da cidade, Luz afirma:

Com a demarcação definitiva da estação da estrada de ferro, a 2 km a leste da primitiva posição, pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro, a Companhia de Terras Norte do Paraná mandou realizar os levantamentos e estudos da topografia local para o planejamento urbano. As linhas mestras para a construção da futura cidade foram estabelecidas pelo Dr. Cássio Vidigal, cabendo ao engenheiro Dr. Jorge de Macedo Vieira traçar o plano geral e definitivo da mesma. Com os dados indispensáveis sobre a topografia, o clima e a vegetação da região, que lhe foram fornecidos pela Companhia, o referido urbanista planejou Maringá de acordo com a mais avançada concepção de cidade existente na época.²

A cidade foi planejada no centro geométrico da zona colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e contava com vias de comunicação que a permitiam ter contato com outras regiões do estado e também com São Paulo. Maringá, diante de condições favoráveis tais como a topografia e clima, tornou-se desde logo um dos principais núcleos urbanos fundados pela Companhia.³ Refere-se Luz:

2 LUZ, F., *Maringá em fase de implantação*, p. 135.

3 A área urbana da cidade abrangia, no plano inicial, 600 alqueires, com cerca de 5 km de comprimento e 3 de largura. Dessa área, 44 alqueires foram reservados para dois bosques de florestas naturais, com 22 alqueires cada um, que se localizaram em pleno perímetro urbano, cortados pelos córregos Moscados e Cleópatra, respectivamente.

A planta da cidade previu a conveniente localização dos bairros, determinando-lhes previamente a função: residencial, residencial popular, industrial, operário, de armazéns (com desvios ferroviários) etc. O centro cívico e administrativo teve a sua localização prevista na parte central da cidade, próximo às estações rodo-ferroviária. Ali se ergueram, com o tempo, os edifícios públicos municipais, estaduais e federais. Foram reservados, no plano da cidade, áreas para escolas, igrejas, hospitais, parques infantis, logradouros públicos, além de seis alqueires destinados aos esportes, incluindo o futuro estádio municipal. Na parte leste, uma área de 90 alqueires foi reservada para o aeroporto; as condições técnicas do terreno eram as idéias para tal finalidade, permitindo a construção de pistas planas de 1.700 metros de comprimento e 200 de largura.⁴

Maringá, em virtude da propaganda desenvolvida pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, nas décadas de 1940 e 1950, tornou-se região de grande absorção de migrantes. Nas propagandas eram enfocados a fertilidade do solo, o clima agradável e favorável ao cultivo e as boas oportunidades econômicas.⁵ Apesar disso, ao chegarem os migrantes encontravam inúmeras dificuldades, como falta de infra-estrutura, escassez de alimentos, medicamentos, materiais de construção, equipamentos agrícolas, entre outras. Porém, mesmo diante de tantas condições adversas a cidade rapidamente se desenvolveu.

O pioneiro Antenor Sanches afirma que o café e o planejamento efetuado pela empresa colonizadora foram responsáveis pelo acelerado desenvolvimento de Maringá:

[...] em 1954 Maringá já foi elevada a categoria de comarca, então isso aí prova o progresso vertiginoso que Maringá teve, tudo isso se deve ao café, a terra rocha e ao planejamento de Maringá que foi um planejamento que para mim, acho difícil uma cidade do Brasil e talvez até estrangeira tivesse o planejamento que Maringá teve, tudo foi previsto dentro do projeto da Companhia de terras que queria que Maringá fosse uma cidade exemplo, fosse como diz, a menina dos olhos da Companhia e isso realmente se tornou uma realidade, pois em pouco tempo Maringá vai a avançar a categoria de terceira maior cidade do Estado do Paraná.⁶

Na fala do pioneiro fica claro que a Companhia conseguiu construir uma imagem de empresa pujante e vitoriosa.

Os pioneiros chegavam de todo o país, eram eles: metalúrgicos de São Paulo, tecelões do Rio de Janeiro, gráficos mineiros e também nordestinos, acostumados com o trato da terra e dos animais, chegavam também imigrantes japoneses, alemães, italianos, espanhóis, portugueses, árabes. Os japoneses entraram no país para trabalhar nas lavouras de café,

4 LUZ, F., *Maringá em fase de implantação*, p. 135-136.

5 Maringá em seus aspectos geopolíticos: Fundada em 10 de maio de 1947, é cortada pelo Trópico de Capricórnio, possui a latitude de 23° 25' S e 23° 52' W, altitude média de 554,90 metros, clima subtropical (chuvas bem distribuídas), com pluviosidade média de 1638,8mm, temperatura média de 21,78°C e com tipo de solo latossolo (terra roxa).

6 SANCHES, A., *Antenor Sanches: depoimento*, [maio 2006], p. 3.

localizadas no estado de São Paulo, todavia mais tarde algumas levadas dirigiram-se para o Norte do Paraná.⁷ Nesse sentido, a região passou a caracterizar-se pela heterogeneidade. Ali se fundiam diferentes etnias, nacionalidades, culturas e imaginários. As múltiplas contribuições culturais favoreceram as trocas, os intercâmbios e as hibridizações.

Muitos colonos mantinham suas religiões, aspecto que favoreceu a reconstrução grupal. Os alemães, por exemplo, procuravam unir-se em torno da religião Luterana. Os ucranianos também enfrentaram as dificuldades iniciais no novo país em torno da religião. Essa movimentação e a grande mescla cultural presente no local vieram a promover o aumento e o interesse por outras religiões. Assim a região também abrigou a heterogeneidade religiosa.

1.2 A Igreja Católica em Maringá

A Igreja Católica apoiou o empreendimento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná⁸ ao confortar espiritualmente os colonos recém chegados e ao auxiliar na reconstrução grupal. Tanto a Companhia como a Igreja estavam empenhadas em atrair colonos católicos, disciplinados e ordeiros. O desafio era fazer-se presente, superar as heterogeneidades, a escassez de recursos e de clero, combater seus inimigos e as religiões concorrentes, ocupar e organizar todos os espaços e impor seus princípios e valores à sociedade. A Igreja Católica atuou na tentativa de moldar a sociedade que se formava, como afirma Bourdieu:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impões um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural – sobrenatural do cosmos.⁹

Por outro lado, a Companhia apoiou financeiramente, concedendo espaços, prestigiando iniciativas, pois reconhecia a Instituição como uma importante aliada na constituição de uma sociedade purificada, homogênea, moralizada, ordeira, pacífica e moderna. A Companhia, por exemplo, colaborou na construção de capelas, atendendo aos anseios e necessidades de ambas as partes, pois a empresa utilizava-se de um sistema de classificação dos espaços e práticas do circuito modernizante de comportamento e caráter empresarial.

A Igreja e a Companhia procuraram consolidar a idéia de que a fé católica era um dos principais elementos constitutivos da sociedade maringaense. Mainwaring assevera:

7 STADNIKY, H. P., *Contribuição ao estudo da presença nipo-brasileira no Norte Novo de Maringá*, p. 240.

8 Nome dado à Companhia após se tornar nacional.

9 BOURDIEU, P., *A economia das trocas lingüísticas*, p. 33-34.

O objetivo principal de qualquer Igreja é propagar sua mensagem religiosa. Todavia, dependendo da percepção que tenha dessa mensagem, pode vir a se preocupar com a defesa de interesses tais como sua unidade, posição: em relação às outras religiões, influência na sociedade e no Estado, o número de seus adeptos e sua situação financeira. Quase toda instituição se preocupa com a própria preservação, muitas tratam de se expandir. Essas preocupações facilmente levam à adoção de métodos que são inconsistentes quanto aos objetivos iniciais. [...] A idéia básica da análise institucional é que podemos compreender as mudanças nas instituições como uma tentativa de defender seus interesses e de expandir sua influência. A organização muda principalmente porque seus interesses a obrigam as mudanças que estejam de acordo com as transformações da sociedade como um todo. Esse tipo de análise enfatiza o estudo da instituição propriamente dita, embora não exclua as condições sociais que a afetam.¹⁰

A Igreja, por outro lado, via em Maringá a oportunidade para se fortalecer e pretendia conquistar a sua posição de liderança na sociedade que ali se constituía. Pois, com isso, delineava sua ofensiva em ocupar espaços recém-constituídos.

O surgimento das primeiras capelas na região, processo ocorrido juntamente com o começo da formação da população, esboça o início da ligação da Igreja Católica com a Companhia colonizadora. Tais capelas pertenciam à paróquia de Mandaguari e eram assistidas pelo padre Antônio Loch. A região pertencia à jurisdição da diocese de Jacarezinho (administrada pelo bispo D. Geraldo de Proença Sigaud) e à arquidiocese de Curitiba (administrada pelo arcebispo D. Manoel D'Elbous).

A capela São Bonifácio, a primeira a ser criada, foi construída na propriedade do padre Emilio Clemente Scherer, que chegou a Maringá no ano de 1938, vindo da Alemanha.¹¹ O Padre Scherer adquiriu da Companhia 400 alqueires de terra, que se localizavam uma légua ao sul do local onde seria construída a cidade. Era um local afastado que o padre transformou na Fazenda São Bonifácio.¹² Em meados de 1940 estavam abertos cerca de 80 alqueires para café, roça e criação de gado *vacum* e suíno. A sede da fazenda localizava-se entre o ribeirão e o espigão, ou seja, entre o Rio Pingüim e a estrada que dava acesso ao local, abrangia a residência do padre e a capela, construída e benta no início do mesmo ano. Todo o complexo era construído de madeira e o interior ornado com objetos de arte.

Essa capela atendia aos moradores da região mesmo se localizando numa região afastada. Muitos fiéis, para receber os sacramentos, deslocavam-se até a capela ou nos locais de passagem do padre. Ele costumava deslocar-se até Maringá Velho e também em outras propriedades rurais para prestar assistência religiosa. Mesmo distante da povoação, a capela obteve êxito e o padre, apesar de ser estrangeiro, não encontrou dificuldades perante a Companhia para conseguir se estabelecer no local.

10 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 17.

11 O padre Emilio Scherer foi incardinado à diocese de Jacarezinho e podia prestar assistência religiosa em Maringá.

12 SANCHES, A., *Maringá – sua terra e sua gente*, p. 40-43.

Maringá era capela de Mandaguari, tendo como vigário o Padre Antonio Loche, que diversas vezes celebrou as missas de sábado no Maringá Velho, mas no dia primeiro de janeiro de 1946, o padre Emilio Clemente Scherer assumiu o controle do local, onde também constituiu residência. Então a cada segundo domingo do mês realizava missa na sua varanda. Já na primeira vez contaram-se mais de 400 fiéis presentes. Em decorrência de muitas chuvas no mês de fevereiro e março compareceram apenas 100 pessoas. No domingo de Ramos, dia 14 de abril de 1946, teriam assistido à missa umas 500 pessoas, das quais 50 teriam comungado e 29 crianças foram batizadas. Nessa data constituiu-se uma comissão para pleitear a construção de uma capela, que viria a se chamar Capela Santa Cruz, a primeira na zona urbana.¹³

A necessidade de construir a capela e melhor atender a esses fiéis era evidente, pois dia após dia chegavam à região famílias à procura de lotes e empregos. Esse fato proporcionou um aumento da demanda de fiéis, aspecto que forçou a Companhia a construir um edifício religioso para melhor sanar as necessidades espirituais e religiosas da sociedade que ali se constituía.

Segundo anotações do padre Teófilo Carlos, arquivada no acervo da cúria Metropolitana:

[...] Padre Emilio Clemente Scherer fez uma campanha pró-construção que deu a soma de 12.000,00 cruzeiros e reuniu-se com a diretoria da Companhia em Londrina. Estes mostraram vontade, mas, estavam interessados em construir uma capela no centro do futuro “Maringá novo”, mas como naquele tempo no Maringá novo não havia nem uma única casa a comissão resolveu de erguer a capela em Maringá velho.¹⁴

Esse fragmento mostra o interesse da Companhia em construir no centro de seu futuro empreendimento um edifício religioso. Sua presença iria normatizar a sociedade que a cercava e criar uma comunidade cristã e ordeira. A capela tinha como padroeira a Santa Cruz, uma devoção representativa e simbólica que denota a ofensiva da Igreja Católica no sentido de ocupar espaços de cristianizar a população e impor-se como a instituição mais importante da sociedade. No dia 6 de junho de 1946, durante uma missa foi levantado um gigante cruzeiro, sinalizando o local onde seria construída a capela.

Para dar início à construção, o padre Scherer organizou uma quermesse para o mês de junho, onde o padre Carlos Giebel, de Londrina, preparou o lançamento da pedra fundamental. A festa iniciou-se no dia 6 de junho de 1946, foram distribuídas 52 comunhões, realizou-se uma procissão na qual foi levado o grande cruzeiro. Estavam presentes autoridades civis de outras localidades, como o prefeito de Apucarana, João Georeto, e também os membros

13 CARLOS, T., *A construção da capela Santa Cruz*, p. 1.

14 CARLOS, T., *A construção da capela Santa Cruz*, p. 1.

da diretoria da Companhia. Todas as autoridades discursaram com a assistência de muitas pessoas, que se sentiam satisfeitas com a iniciativa da construção da capela.¹⁵

O cruzeiro simbolizava a sacralização do espaço, que a partir daí se tornou sagrado. Sobre isso Marin afirma:

A religiosidade é construída socialmente, por meio da inserção de imagens mentais, informações orais, representações físicas, simbólicas e discursivas entre outras estratégias. O processo de socialização fornece elementos, percepções e imagens que no âmbito da experiência, modelam os comportamentos e são incorporados e transmitidos pelas representações coletivas. A manipulação do imaginário social pela Igreja procurava redefinir as identidades e forjar uma nova sociedade e novos homens. A Igreja procurava desta forma, fazer-se presente e impor suas normas e seus valores.¹⁶

O levantamento de um símbolo cristão como o cruzeiro demonstrava a afirmação da presença da Igreja e a sacralização do espaço. O Pe. Scherer, com seus esforços mobilizou a população em prol da construção da capela, solicitou autorização à Companhia, provando que a Igreja Católica estava totalmente vinculada ao poder. Buscando, ao mesmo tempo, demarcar seus espaços frente às demais instituições e religiões existentes na sociedade, sempre almejando manipular o imaginário social. Ao colocar a cruz, o padre sacralizou aquele espaço, incorporando as terras e os homens à Igreja. As conclusões de Marin, ao analisar a diocese de Corumbá podem ser aplicadas ao cenário religioso de Maringá:

A eficácia da estratégia intervencionista consistia em fazer circular o discurso religioso por meio da presença da Igreja na sociedade. A difusão de imagens, edifícios e símbolos religiosos, aliada às demais intervenções, buscavam colocar em evidência e em movimento o discurso religioso para, torná-lo aceito na sociedade. A Igreja buscava fazer-se conhecer e fazer reconhecer como legítima sua representação de mundo.¹⁷

Nessa perspectiva, o gesto do levantamento do cruzeiro no local onde ia ser construída a capela demonstrou essa necessidade já tradicional da Igreja Católica de se posicionar e impor sua presença no território a ser colonizado e ocupado.

A Companhia demonstrou o desejo e necessidade de constituir naquele local um novo modo de vida a fim de criar uma identidade sócio-cultural e religiosa. Atendendo assim aos anseios da própria Igreja que procurava desempenhar sua atividade missionária e impor-se às legislações, às instituições, ao Estado e no seio da sociedade.

15 CARLOS, T., *A construção da capela Santa Cruz*, p. 2.

16 MARIN, J. R., *História e historiografia da romanização: reflexões provisórias*, p. 167.

17 MARIN, J. R., *História e historiografia da romanização: reflexões provisórias*, p. 167.

Realizou-se então uma quermesse como forma de festejar a conquista e angariar fundos, a quermesse encerrou-se no dia 30 de junho, com a realização de uma missa que contou com a participação de muitos fiéis e autoridades. Dezesseis crianças receberam a primeira comunhão e realizou-se uma grande procissão. No dia 03 de julho foi realizado em Londrina, na sede da Companhia, o contrato da doação da área de terra e no dia 11 de agosto a serraria “Soutiojo” forneceu as primeiras madeiras, e deram então início a limpeza do terreno.¹⁸

O padre Teófilo comenta:

[...] foi feito um poço e a 20 m de profundidade encontrando-se a água. E assim o pedreiro em 3 de outubro pode iniciar a construção. Dia 18/10 o padre Emilio fez um contrato com os carpinteiros Vicente e João, o contrato de 20.000,00 cruzeiros pela mão de obra. As chuvas dificultaram a construção e 23/10 nuvens de gafanhotos invadiram a zona de Maringá. Já no dia seguinte levantaram novo vôo, mas ficaram os ovos e 12/11 saíram deles os novos insetos que causaram bastante prejuízo. 11/11 os carpinteiros, as serrarias forneceram as madeiras restantes para a cobertura e um altar provisório foi feito, celebrou-se a primeira missa na nova capela no domingo da paixão de 1946. Já neste dia a capela era pequena demais, a população mostrou durante a construção grandiosidade e espírito de sacrifício contribuindo com muitos donativos. E no dia da fundação de Maringá Novo, a Companhia Melhoramentos fez doação de 20.000,00 para a capela de Maringá Velho.¹⁹

Observa-se que o padre faz questão de destacar as dificuldades enfrentadas pela comissão na construção da capela, enfatizando a insistência e a colaboração da sociedade em prol da realização do projeto. A Igreja nesse sentido juntamente com o respaldo da Companhia, foi atendendo seus interesses de permanecer atuante no cenário recém-implantado e mesmo sob dificuldades, ela permaneceu atuante visando à realização de sua tarefa.

A capela Santa Cruz inaugurada em 1947 tornou-se, dessa forma, num marco da presença da Igreja Católica em Maringá. Esse edifício religioso foi idealizado pelo padre Emilio Clemente Scherer, que mobilizou a população para concretizar seu projeto. A capela localizava-se no Maringá Velho, foi construída em terreno doado pela Companhia e permaneceu sendo o único núcleo pastoral urbano até a construção da primeira paróquia de nome “Santíssima Trindade”, em 1950.

1.3 A ofensiva católica em Maringá

Em 1947, Maringá foi oficialmente fundada parte da planície encontrava-se desmatada e as construções começavam surgir em meio a muita poeira, fumaça e troncos enormes. O Maringá Velho já era uma vila, porém a faixa de mata que separava um lado do outro ainda

18 CARLOS, T., *A construção da capela Santa Cruz*, p. 2-3.

19 CARLOS, T., *A construção da capela Santa Cruz*, p. 3-4.

permanecia, as pessoas que se instalavam na recém fundada Maringá, deviam atravessar essa mata para irem no Maringá Velho adquirir algum produto, visitar um amigo, ou participar da missa, pois o edifício religioso católico mais próximo, a capela Santa Cruz, se encontrava lá e essa situação se estendeu por algum tempo.

Em 1950, em Maringá já existiam alguns estabelecimentos comerciais, hotéis, bares e várias casas já se encontravam construídas, pessoas chegavam todo momento advindas dos mais diferentes lugares. A intensa movimentação, o fechamento diário de grandes negócios pela Companhia e também a aproximação da estrada de ferro vieram a coroar o moderno empreendimento.

Até 1951²⁰, Maringá ficou sendo distrito de Mandaguari e era atendida pela paróquia de Nossa Senhora da Aparecida, dessa mesma localidade, ambas estavam sob a jurisdição da diocese de Jacarezinho, tendo como bispo D. Geraldo de Proença Sigaud, bispo pertencente à autocompreensão romanizadora, num momento em que “a conversão da doutrina em política, do discurso em práxis e por meio do desenvolvimento dos programas da Ação Católica, que acabaram por gerar as contradições que levaram ao Concílio Vaticano II.”²¹ Essa ala, de acordo com a periodização, proposta por Manoel, situa-se no terceiro momento, quando o catolicismo viveu uma fase de transição do “Ultramontanismo para um catolicismo mais progressista, uma fase em que o Ultramontanismo clássico sobrevivia na doutrina e na prática da Igreja, mas que outras práticas - como a atuação do laicato, por exemplo - acabaram por forçar mudanças.”²²

D. Geraldo procurava atender a grande diocese da melhor forma possível, apesar da existência de problemas como falta de clero, falta de edifícios religiosos, infra-estrutura básica, entre outros. A tarefa de impor uma presença atuante da Igreja Católica nos espaços recém-criados foi intensa. Ao atestar o crescimento populacional e econômico resolveu erigir a primeira paróquia. O bispo era cioso de sua missão apostólica e sua ofensiva pretendia manter o catolicismo representativo e atuante na sociedade que se formava.

Por um decreto de 18 de abril de 1950, criou-se a paróquia da Santíssima Trindade, tendo sido nomeado como primeiro vigário Teófilo Carlos. Seguindo o traçado urbanístico a paróquia foi construída no centro, ou seja, num local notável e que lhe trouxe importância e imponência. No mesmo ano foi lançada a pedra fundamental para a construção da igreja São José Operário.

No livro tomo da criação da Paróquia Santíssima Trindade constam os registros do padre Teófilo Carlos, onde explicava como se deu o surgimento da paróquia:

20 O município de Maringá foi criado no dia 14 de novembro de 1951 através da lei nº 790, de autoria do deputado Rivadavia Vargas (pai do ex-deputado Túlio Vargas), com uma extensão territorial de 999km², tendo como distritos Paissandu, Floresta, Ivatuba, Doutor Camargo, Iguatemi e Florianópolis, abrangendo as barrancas do rio Ivaí. Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural de Maringá.

21 MANOEL, I. A., *O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800-1960)*, p. 12.

22 MANOEL, I. A., *O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800-1960)*, p. 12.

Necessário se trabalhar para iniciar a construção duma pequena Igreja que atendesse o povo. Sem fundos qualquer e com pouca vontade por parte da grande maioria do povo que não sentia entusiasmo para auxiliar economicamente na construção da igreja por já ter outra no Maringá velho. A Igreja de Santa Cruz.²³

Percebe-se a preocupação do padre com a secularização da sociedade evidenciada pelo desinteresse da população em mobilizar-se em prol da construção da paróquia. O padre também destacou o maior interesse da população por cinemas, bares e outros atrativos, em vez de colaborarem na construção do edifício religioso. Esse fato se devia principalmente aos interesses estarem voltados para o efervescente momento de bons negócios e para as oportunidades econômicas. Nota-se que a urgência era, para a maior parte da população, a construção de outros benefícios e instituições, já se contentavam com uma capela, mesmo essa sendo de pequena proporção e distante. Esse aspecto pode ser observado nesse outro trecho do relato do padre Teófilo:

Após de concedido o apoio moral do Dr. Herman de Barros superintendente geral da Companhia de Terras norte do Paraná, foi obtido dele licença para iluminação da praça Rodoviária pela generosidade da companhia e montou-se algumas barraquinhas para angariar fundos para aquisição de madeiras e mão-de-obra, empreiteiros, construtor, etc. Enquanto os ofícios religiosos eram celebrados à toda intempéries, poeira, vento, imundices, chuva, as vezes numa das barracas da festa, tudo isso de maio a 20 de setembro de 1950, íamos trabalhando aos sábados e domingos com modestas quermesses, sendo que pequena foi a ajuda de grande parte do povo que preferia o cinema e os bares ao esforço de cooperação da festa.²⁴

Nesse trecho, o padre exalta o apoio cedido pela Companhia em facilitar as primeiras iniciativas para a construção da igreja paroquial. Esse evento vem a demonstrar que a Igreja e a elite dirigente tinham interesses comuns. A respeito dos que colaboraram o padre comentou:

Não foram pequenas as dificuldades a serem vencidas pelos trabalhadores responsáveis pela pouca renda de três meses de quermesse, tudo foi feito para que começasse a construção da matriz, mas fosse avante para aqueles que sentindo incansáveis pela nova paróquia de Maringá novo: Santíssima Trindade [...] Os políticos da Companhia muito auxiliaram com seus donativos para atender ao programa dos empreiteiros construtores da Igreja, candidatos a deputados também ajudaram.²⁵

23 CARLOS, T., *Livro Tombo de criação da primeira paróquia de Maringá*, p. 1.

24 CARLOS, T., *Livro tomo de criação da primeira paróquia de Maringá*, p. 1-2.

25 CARLOS, T., *Livro tomo de criação da primeira paróquia de Maringá*, p. 2.

Os benfeitores foram destacados, pois eram políticos e candidatos a deputados que auxiliaram dando donativos para a realização do projeto. Isso demonstra a união entre as elites políticas e a Igreja Católica, no contexto da ofensiva católica em Maringá. O padre ainda escreveu sobre a recompensa: “A Santíssima Trindade recompensou muito generosamente aos representantes da Companhia de Terras e assim mesmo todos os políticos que auxiliaram nas causas de Deus, porque nunca perderão a sua recompensa”.²⁶

Sobre a inauguração da paróquia o padre escreve: “No dia 20 de setembro, de 1951, foi celebrada solenemente às 10 horas a primeira Santa Missa com grande assistência do povo, que encheu literalmente o templo. Às 16 horas uma grande procissão percorreu pela primeira vez as avenidas da cidade”.²⁷

A população de Maringá não era inteiramente formada por católicos, pois recebeu imigrantes estrangeiros, que traziam consigo suas religiões, não descartando os estrangeiros que também eram católicos. Muitos eram protestantes, como os batistas e os presbiterianos, que iam organizando-se, reuniam-se em casas improvisadas até construírem seus templos.

A colônia japonesa que chegou a Maringá antes de sua fundação oficial, já contava, em 1947, com várias famílias que tentavam preservar suas tradições. Muitos eram católicos batizados, mas encontravam dificuldades de se integrarem devido à língua. Dessa forma, o apostolado nipo-brasileiro, se fez presente em Maringá e região quando enviou o padre Inácio Takeuchi, de São Paulo, para atender aos fiéis nipônicos.

No ano de 1953, quando Maringá já era um município, o bispo D. Geraldo atribuiu como padroeira “Nossa Senhora da Glória”, pois, em 1950, foi proclamado o dogma da assunção de Maria, mãe de Jesus Cristo, de corpo e alma aos céus²⁸. Devido a esse fato, a primeira paróquia de Maringá, que se chamava Santíssima Trindade passa a se chamar Nossa Senhora da Glória. E, em 1954, foi construída e criada a segunda paróquia de Maringá, São José Operário.

Como se pode perceber a Igreja Católica em Maringá enfrentava diversos problemas. A distância da autoridade episcopal impossibilitava que eles fossem resolvidos em curto prazo de tempo. Era necessário coordenar uma série de empreendimentos e obras assistenciais, combater aqueles que consideravam seus inimigos e normatizar a sociedade. Todavia, a atuação de D. Geraldo frente a esse grande território, antes do desmembramento da diocese, possibilitou a criação de uma infra-estrutura religiosa na região. O objetivo era se impor e ocupar espaços, a fim de reverter às situações desfavoráveis. Para isso, era importante manter boas relações com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Nunca houve desamparo religioso, as pessoas eram atendidas espiritualmente pelo clero e pelo bispo. Esse empenhou-se em convidar e importar Ordens e Congregações

26 CARLOS, T., *Livro tomo de criação da primeira paróquia de Maringá*, p. 3.

27 CARLOS, T., *Livro tomo de criação da primeira paróquia de Maringá*, p. 3-4.

28 SANCHES, A., *Maringá: outrora e agora*, p. 131.

religiosas para atenderem espiritualmente os católicos, auxiliarem na catequese, na recristianização social e para prestarem assistência educacional, também no âmbito da saúde, sobretudo hospitalar. Como decorrência passaram a atuar os Irmãos da Misericórdia de Maria Auxiliadora (Santa casa de Maringá) e, em 1952, as Irmãs Carmelitas da Caridade (Colégio em Maringá). Nas cidades menores e próximas, como Mandaguari, Mandaguaçu, Alto Paraná, Paranavaí, se encontravam em paróquias e capelas os Josefinos, Palotinos, Jesuítas, Capuchinhos e Carmelitas, que também começaram a chegar em 1952.

Em comum acordo com as elites presentes em Maringá, a Igreja Católica promoveu a assistência educacional cristã, na formação das crianças e jovens. As elites desejavam educar seus filhos em escolas católicas e a Igreja Católica via a possibilidade de criar uma elite cristã combativa que recristianizasse a população, o estado, as leis e lutasse ao lado da hierarquia eclesiástica. Essa associação de interesses trouxe à Igreja inúmeros benefícios, como apoio financeiro, incentivos fiscais e inúmeras matrículas nos estabelecimentos de ensino. Já em 1952, D. Geraldo trouxe para cidade as Irmãs da Congregação das Carmelitas da Caridade para atuarem nessa missão:

Em 16 de junho de 1952 chegaram a Maringá as cinco primeiras Religiosas, convidadas por D. Geraldo de Proença Sigaud, procedentes da Espanha. Já a 20 de março de 1953 iniciaram-se as atividades escolares com um curso Primário, denominado Escola Santa Cruz. Localizaram-se as Irmãs junto à capela Santa Cruz. [...] com a finalidade de formar em seus alunos cristãos conscientes e comprometidos com a causa do Evangelho na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, onde todos os homens se sentiam irmãos em Cristo, as atividades do colégio são programadas de acordo com este objetivo.²⁹

O fragmento mostra que o bispo D. Geraldo preocupou-se em promover uma eficaz assistência religiosa no local, pois tratou de trazer congregações religiosas para atenderem às necessidades de uma evangelização por prever um desenvolvimento do laicato católico na promissora Maringá. Com a finalidade de evangelizar as elites e promover um espaço ordeiro e ideal, essas congregações foram se estabelecendo. A Companhia inaugurou também o Colégio Maringá, que, em 1954, a Mitra Diocesana de Jacarezinho assumiu a direção na pessoa do padre Cleto Altoé.

Quando foi criada a diocese de Maringá, em 1956, já atuavam as seguintes Ordens e Congregações religiosas:

Palotinos, Jesuítas, Capuchinhos, Carmelitas e Josefinos, em Paróquias, e Irmãos da Misericórdia de Maria auxiliadora (Santa Casa de Maringá); Irmãs Carmelitas da Caridade (Colégio em Maringá e em Mandaguaçu); Irmãs Franciscanas da Sagrada Família (colégio em Mandaguari); Irmãs

29 DIOCESE DE MARINGÁ: Os quarenta anos de história, p. 40.

Franciscanas de Bonladem (colégio em Alto Paraná); Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha (Jardim da infância em Paranavaí e Graciosa) e Irmãs Missionárias do Santo nome de Maria (Santa Casa e trabalhos paroquiais em Maringá).³⁰

Dessa forma, a presença dessas congregações religiosas em Maringá, antes da implantação da diocese, caracteriza a ação ofensiva da Igreja nesse espaço. A população que ali se formava deveria ser assistida numa tentativa de superar a concorrência com outras religiões, pois devido às intensas migrações e imigrações, muitas culturas díspares dividiam o mesmo espaço. Por outro lado, a conjuntura social apresentava atrativos que dispersavam os fiéis para outras práticas. Tudo isso vinha a ameaçar a hegemonia católica em Maringá. De todos os problemas, a extensão territorial e a heterogeneidade da população dificultavam as ações. Além disso, havia a escassez de recursos e de clero. Porém, apesar das dificuldades, a presença da Igreja Católica em Maringá, nos primeiros anos de fundação, configurou-se atuante e persistente. No decorrer dos anos ela foi firmando-se e se intensificou.

Em visita pastoral a então paróquia de Maringá, o bispo D. Geraldo de Proença Sigaud destacou os avanços obtidos durante sua gestão:

Aos treze de Agosto de 1955 chegamos à Paróquia de Nossa Senhora da Glória em Maringá, vindo de Londrina. Fomos festivamente recebidos pelos Rev. Pe. João, pároco, Pe. Cláudio Boccassio, coadjutor, Pe. Cleto Altoe, diretor do Ginásio Diocesano Nossa Senhora de Fátima, Irmãs da Escola Santa Cruz, Associações, colégios e fiéis.³¹

No trecho acima se observa a presença das congregações, de alunos dos colégios católicos, de associações religiosas e de fiéis. As associações religiosas leigas, como o Apostolado de Oração, Filhas de Maria, Congregados Marianos, entre outras tinham como fim reunir os católicos de acordo com a idade, sexo e estado civil. Eram um importante meio para criar um “exército” católico que marcharia ao lado do clero. Seriam também aliados na recristianização da sociedade no combate dos inimigos (ideologias e religiões concorrentes) e para auxiliar no provimento de rendas. Os associados deveriam ser modelos aos demais paroquianos. O objetivo era purificar e homogeneizar toda a paróquia formando uma “comunidade” católica.

Durante a semana visitamos as capelas maiores da paróquia, onde pregamos e administramos a confirmação, examinamos os livros das capelas, encontramos os livros em uma boa ordem, e notamos uma boa ordem, e notamos um grande progresso em todas as capelas. Todas elas são novas belas, sólidas, construídas nos últimos anos, todas elas existiam congregados fervorosos,

30 DIOCESE DE MARINGÁ: *Os quarenta anos de história*, p. 43.

31 SIGAUD, G. P. de, *Termo de visita pastoral*, p. 1.

que organizam a vida da capela, cooperando com o Pe. Vigário. Algumas pedem padres, mas é ainda prematura elevá-las a paróquia. Podemos pensar em localizar nelas alguma congregação religiosa.³²

Nesse fragmento, o bispo exalta o incremento religioso da região e o futuro promissor que estava reservado a ela. Ali surgiram inúmeras paróquias que necessitariam de mais Congregações e Ordens religiosas. Nota-se uma tentativa de firmar a presença da Igreja expondo as belezas e a aceitação da população que colaborava com as iniciativas do clero e do bispo. O bispo afirmava:

Na matriz pudemos falar em conferências especiais aos Marianos, Filhos de Maria, Apostolados de Oração, Obra da vocação [...] desde a última visita pastoral, o Revr. Pe. Vigário realizou um trabalho tanto nas capelas como na cidade. Nessas devemos mencionar, o sacramento das dívidas da paróquia a construção do colégio Santa Cruz, e do ambulatório Nossa Senhora de Fátima e da aquisição do ginásio de Maringá. Durante os dias da Visita Pastoral, aproveitamos a oportunidade para resolver o assunto da santa casa, tendo sido contratado o Dr Thilo Hihure por três meses, a título de experiência. Esse foi um passo decisivo para o bom desenvolvimento do ambulatório. Esperamos que a Providencia Civina nos conceda os recursos necessários para a ampliação do atual ambulatório, e depois o necessário para a construção da Santa Casa de Misericórdia.³³

D. Geraldo destacou nesse trecho a existência de congregações e apostolados de oração em Maringá, e também, a Igreja como colaboradora e atuante no desenvolvimento da cidade ao elencar os trabalhos e realizações do pároco. Essa exaltação vem carregada de intenções, pois todas essas obras dependiam do apoio financeiro da Companhia. Observa-se que logo abaixo o bispo afirma que depende da providência divina para conseguir fundos, a fim de terminar as obras do ambulatório e a construção da Santa Casa. Ou seja, de onde viriam esses fundos? As fontes pesquisadas permitem concluir que vieram da Companhia e também da colaboração dos fiéis.

Deve-se destacar que a Igreja Católica atuava em várias frentes que incluíam a educação das elites, o ensino profissionalizante para os pobres, a saúde pública, a assistência social aos desamparados, a catequese e a reconstrução da sociedade.

Finalizando o termo da visita pastoral, o bispo apontou os problemas que a Igreja Católica enfrentava com uma doutrina concorrente, ele comenta:

A maçonaria tem criado grandes obstáculos a nossos trabalhos, mas de nosso lado a Virgem Maria tem feito sentir visivelmente a sua proteção. Deixamos aqui consignado em louvor todo especial ao Revr. Pe. João que com certo

32 SIGAUD, G. P. de, *Termo de visita pastoral*, p. 2.

33 SIGAUD, G. P. de, *Termo de visita pastoral*, p. 2-3.

espírito de sacrifício e perseverança realizou tantas missas, e venceu tantas barreiras nesta cidade que se caracteriza pela agitação constante.³⁴

Nesse ponto, D. Geraldo esboça a preocupação com a maçonaria, que começava ganhar espaço na sociedade maringaense, pois esta se configurava atrelada aos parâmetros da modernidade. Os obstáculos aos quais o bispo se refere, pode-se concluir, têm a ver com questões de conversão da elite à maçonaria, atrapalhando de uma forma direta aos interesses da Igreja. D. Geraldo também aponta para as barreiras enfrentadas pela instituição em Maringá, devido à grande mobilidade da população numa região que se formava. O interesse da Igreja era a exclusividade no mercado de bens simbólicos. É interessante notar que outros inimigos já elencados pela hierarquia eclesiástica não foram citados, como as religiões concorrentes e as ideologias condenadas pela Igreja Católica.

Esse Termo de Visita Pastoral, feito por D. Geraldo de Proença Sigaude em 1955, menos de dois anos antes da implantação da diocese em Maringá, mostra que o bispo se esforçava muito para manter toda a sua jurisdição bem assistida e sua preocupação ia além, pois em seu discurso, fica clara a intenção de passar uma imagem de representatividade sólida e constituída da Igreja na sociedade estudada. E, apesar de todos os problemas e negligências já apresentados, D. Geraldo conseguiu manter a região bem assessorada. No discurso do bispo não se percebe desânimo frente às dificuldades. Ao contrário, ele faz planos para a atuação católica no local. Porém, houve a necessidade do desmembramento da enorme diocese de Jacarezinho, criando-se as dioceses de Londrina e Maringá. A justificativa para a criação foi a grande extensão territorial, o incremento demográfico e econômico que a região alcançaria e a necessidade de intensificar a ofensiva católica a fim de superar os desafios que se apresentavam.

Alguns problemas que a Igreja Católica enfrentava em Maringá, durante o bispado de D. Geraldo, eram relevados diante das dificuldades enfrentadas. A expectativa era que a criação da nova diocese iria superar os problemas existentes. As condições dos edifícios religiosos eram precárias e não atendiam as exigências da legislação eclesiástica. A pia batismal da igreja matriz de Nossa Senhora da Glória não era circundada por uma grade, as pedras d'ara não eram revestidas com toalhas e faltavam paramentos e demais objetos para o culto. As toalhas dos altares, as alfaias e os vasos não eram considerados decentes por falta de asseio. A inexistência de sacristias inviabilizava a organização do arquivo paroquial e o zelo de todo o edifício religioso. Os párocos eram omissos na atualização dos assentamentos dos batizados, crismas, casamentos e óbitos e não enviavam à cúria de Jacarezinho as duplicatas. Muitas capelas eram construídas sem aprovação episcopal e sem observar as normas canônicas.³⁵

34 SIGAUD, G. P. de, *Termo de visita pastoral*, p. 3.

35 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 5.

No período da criação da diocese de Maringá, a sociedade brasileira passava por inúmeras transformações. Houve um avanço do protestantismo e também houve um aumento das manifestações religiosas fora do controle do clero. Dessa forma, a necessidade de campanhas contra essas ameaças fez com que a Igreja se tornasse mais consciente e preocupada com os valores populares e não mais apenas com os da elite, como desempenhava o modelo da neocristandade.³⁶

Essas mudanças promoveram divisões dentro da própria Igreja, onde a doutrina católica dividia espaço com a ala progressista, com a moderno-conservadora e a tradicional.³⁷ Nesse sentido, a Igreja Católica passou a delinear estratégias para aumentar sua representatividade junto à sociedade.

Enfim, quando D. Jaime Luiz Coelho assumiu como primeiro bispo diocesano de Maringá uma série de empreendimentos e estratégias para normatizar o espaço urbano já haviam sido tomadas, não descartando as dificuldades e os problemas já apresentados, Maringá era bem assistida pela Igreja Católica, pois no local já se constituía uma sociedade que procurava se organizar e se consolidar tanto econômica e politicamente como também no campo religioso. Enfim, quando D. Jaime assumiu como primeiro bispo a região não era somente mato e pó. Inúmeras iniciativas já haviam sido encaminhadas e a ofensiva católica era intensa. Nesse olhar, construído pelos biógrafos³⁸ de D. Jaime, procurou se criar uma determinada imagem que associou o progresso alcançado na região às suas iniciativas.

36 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 54.

37 Por volta de 1955 havia três facções principais dentro da Igreja. Cada qual com uma visão diferente no tocante às mudanças sociais. Aqueles que continuavam a endossar a estratégia da neocristandade passaram a ser os tradicionalistas, embora esse modelo não pudesse ser classificado como tradicionalistas, antes dos anos 50. Esse grupo acreditava a Igreja deveria seguir no combate à secularização e no fortalecimento da presença da instituição na sociedade.[...]Os modernizadores conservadores acreditavam que a Igreja precisava mudar para cumprir sua missão no mundo moderno com maior eficácia.[...]havia um núcleo de reformistas que compartilhava da preocupação dos modernizadores, porém se preocupavam mais com a mudança social com um fim em si mesmo. MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916 – 1985*, p. 56-57.

38 ROBLES, O., *A Igreja que brotou da mata*. Maringá: Sextante, 2007.

2 A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE MARINGÁ E A POSSE DE D. JAIME LUIZ COELHO

A implantação da diocese de Maringá, em 1957, foi importante para a atuação da Igreja Católica naquele espaço heterogêneo e em constante expansão e também para a empresa colonizadora, que pode auto-promover-se ao destacar a relevância de seu empreendimento.

No contexto de criação da diocese, a Igreja Católica no Brasil, nas décadas de 1940 – 1950, enfrentava problemas com o surgimento e expansão de outras doutrinas como o protestantismo e o espiritismo, pois a hierarquia eclesiástica que desempenhava o modelo da neocristandade¹ não se preocupava efetivamente em modificar as práticas pastorais entre os setores populares, e sim, se preocupava em manter seu vínculo com as elites. Nesse período, o papa Pio XII, preocupava-se com o sócio-político, numa tentativa de resgate das massas juntamente com atuação de uma forte ação católica para combater o avanço de novas doutrinas e ideologias ameaçadoras para a hegemonia do catolicismo. Nessa conjuntura, a Igreja identificava como seu principal adversário o comunismo, pois a instituição entendia tal sistema como uma grande força de atuação sobre as massas pauperizadas, tanto nas cidades como no campo. Por reconhecer essa força, a Igreja lança um desafio aos católicos no sentido de agirem em prol da instituição, na tentativa de conter essa ameaça.

Ou seja, a comunidade leiga foi convocada a combater o avanço da doutrina comunista. Diante dessas ameaças tanto do comunismo, quanto do protestantismo, que apresentavam novos caminhos de salvação, a Igreja Católica abre precedente para mudanças. Mainwaring afirma:

Quando uma instituição se abre a mudanças, às vezes a mudança difere significativamente da que foi originalmente imaginada. A campanha contra os protestantes, espíritas e maçons, em si uma reação de autodefesa,

¹ O modelo da neocristandade atingiu seu apogeu de 1930 a 1945, quando Getúlio Vargas era presidente. A Igreja permaneceu politicamente conservadora, se opondo à secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Insistindo num catolicismo mais vigoroso e que se imiscuisse nas principais instituições e nos governos, as atitudes práticas das pastorais da neocristandade se diferenciavam das anteriores. MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil. 1916-1985*, p. 43.

começou a tornar a Igreja mais consciente de sua necessidade de reformular as práticas pastorais. Maior número de padres passou a se preocupar com as necessidades e os valores populares.²

A Igreja, que durante o governo Vargas, manteve um estreito relacionamento com o Estado, durante os governos democráticos de 1945-1964 precisou mudar, pois teve que diminuir a ênfase na autoridade, na ordem e na disciplina de modo a manter-se em dia com as mudanças na política nacional.³ A sociedade brasileira ao se democratizar tornou-se mais participativa. Dessa forma, ficava cada vez mais difícil para uma instituição como a Igreja Católica, que tinha pretensões de impor sua representação de mundo para toda a sociedade, manter-se hierarquizada e autoritária, como a neocristandade o fazia.

Por volta de 1955, as mudanças já estavam bem esboçadas, pois nesse momento a Igreja Católica havia se dividido entre três principais facções, cada uma possuindo visões diferentes em relação às mudanças sociais. Eram os tradicionalistas; os modernizadores conservadores e os reformistas. Os tradicionalistas eram formados por aqueles que continuavam seguindo as características do modelo da neocristandade, acreditavam que a Igreja deveria continuar coibindo a secularização e buscar fortalecer a presença na sociedade.

Os modernizadores conservadores também possuíam uma forte preocupação com a secularização e com os problemas causados com o avanço do protestantismo, mas sua forma de atuação era mais voltada para realizar uma justiça social. Ou seja, estavam mais preocupados em como atingirem o povo, entretanto ainda valorizavam as diferenças hierárquicas. Os reformistas também se preocupavam com as práticas pastorais, como os modernizadores-conservadores, mas eram mais progressistas e se preocupavam com as mudanças sociais como um fim em si.

Além de todas essas mudanças, devem ser destacadas as ocorridas no período da década de 1960 com a convocação do Concílio Vaticano II. Esse anunciou e implantou reformas amplas. Refere-se Mainwaring:

Na década de 1955-1965 houve mudanças significativas na Igreja Católica Romana, tanto em nível internacional como no Brasil. O cauteloso e conservador Pio XII faleceu em 1958, e seu substituto João XXIII promoveu reformas importantes. As encíclicas de João XXIII, tais como *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) modificaram o pensamento católico oficial. Ambas desenvolveram uma nova concepção da Igreja, mas em sintonia com o mundo secular moderno, comprometia em melhorar o destino dos seres humanos na Terra e em promover a justiça social. O concílio Vaticano II começou em 1962 sob a orientação de João XXIII,

2 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 54.

3 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 54.

reunindo os bispos do mundo inteiro em Roma para discutir uma visão mais aberta da Igreja, e teve um efeito retumbante. Quando João XXIII faleceu, em 1963, Paulo VI assumiu o papado e, apesar de algumas oscilações, deu continuidade ao processo de renovação da Igreja até sua morte em 1978.⁴

O Concílio Vaticano II foi o evento mais importante na história do catolicismo, pois além de implantar reformas significativas nas práticas da religião, como aumentar a importância do laicato, modificou a liturgia com o intuito de torná-la mais acessível e enfatizou a sua missão social, conseguindo, de certa forma, atingir seus objetivos.

A Igreja Católica buscava, naquele momento, clérigos capazes de atenderem aos anseios da instituição e que promovessem uma satisfatória representatividade da Igreja na sociedade. Num cenário como Maringá, que apontava para um rápido crescimento demográfico e um efetivo desenvolvimento econômico, gerados pelos esforços de um empreendimento altamente moderno e arrojado, essa missão deveria ser realizada rapidamente. A Igreja Católica, devido a essa conjuntura utilizou toda a sua influência e representatividade institucional e espiritual numa ofensiva para impor-se na sociedade.

A política da Igreja, não só em Maringá como em todo território cristão, era de fortalecer sua presença, aumentar a capacidade de cobertura doutrinal, principalmente em regiões em constante crescimento. A Igreja almejava sanar com maior atenção às necessidades de seus fiéis e também conseguir uma presença mais firme e determinante na região.

De acordo com essa conjuntura, ocorreu a criação da diocese de Maringá, pois a região apresentou um crescimento populacional significativo, além da grande extensão territorial, que dificultava muito a atuação de um só bispado. D. Manoel D'Elbous, arcebispo de Curitiba na época, atendendo aos anseios da Santa Sé, exerceu um papel muito importante na criação da diocese maringaense, observando o rápido desenvolvimento e potência do "norte novo", defendeu a criação das dioceses de Londrina e Maringá. Na nova divisão eclesiástica Apucarana passou a pertencer à diocese de Londrina, Cornélio Procópio à diocese de Jacarezinho. A diocese de Maringá abrangia os limites do município de Jandaia do Sul até as barrancas do rio Paraná e do rio Ivaí ao Paranapanema, na divisa com o Estado de São Paulo.

A revista "Norte do Paraná em Revista", na edição do ano de 1957, publicou a seguinte reportagem sobre a criação da diocese de Maringá:

No governo da Igreja Universal, o Romano Pontífice, desejoso de atender às necessidades espirituais de todo o rebanho que lhe foi conferido por Cristo, cria nos diversos países, as circunscrições eclesiásticas, chamadas Dioceses, à frente das quais coloca um Bispo, com plena autoridade de governar de ensinar e de julgar. Esta obra benemérita da Igreja se multiplica a miúdo.

4 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 62.

Entre nós, no Norte do Paraná, até princípios de 1956, só havia uma Diocese, a de Jacarezinho, cujo Pastor, Dom Geraldo de Proença Sigaud, desdobrava-se em zelo e fadigas para atender à sua imensa Diocese, que começava nas paragens do Paranapanema, dividindo com São Paulo e ia atingir as barrancas do rio Paraná, nas divisas com Mato Grosso, tendo por limite ao Sul o rio Ivaí. A 1º de fevereiro de 1956 o Santo Padre o papa Pio XII, gloriosamente reinante, pela Bula ‘LATISSIMAS PARTIRE ECCLESIAS’ cria as duas novas dioceses do Norte do Paraná: Maringá e Londrina. Para Londrina foi nomeado Primeiro Bispo Diocesano S. Exa. Revma Dom Geraldo Fernandes e para Maringá S. Exa Revma. Dom Jaime Luiz Coelho. ⁵

Nota-se a importância dada ao fato, ao mencionar quais os objetivos da Igreja ao criar dioceses, que segundo o autor da reportagem deve-se ao intuito de atender às necessidades espirituais de todo o rebanho. Com essa intenção que o arcebispo de Curitiba propõe a criação das dioceses, tendo em vista a amplitude territorial e a necessidade da Instituição se fazer presente e melhor representada a fim de efetivar seu domínio.

Dessa forma, Maringá é cenário não só do desenvolvimento agrário, político empresarial, demográfico, mas também campo fecundo para o consolidar da Igreja Católica em solos paranaenses. A partir desse momento todas as relações existentes nesse cenário, do campo social ao religioso, vão cada vez mais, se misturar e configurar uma forma de atuação religiosa cristã em comum acordo e estabelecendo fortes laços com o campo político-empresarial.

A decisão e o projeto da criação das duas dioceses (Maringá e Londrina) tomaram forma e foram apresentados ao papa Pio XII, em 1954, e a criação das mesmas ocorreu em fevereiro de 1956 com a Bula Papal “LATISSIMAS PARTIRE ECCLESIAS” (divisão de território de dioceses extensas). O nome da bula evidencia as intenções da Santa Sé em criar a diocese, ou seja, a questão da extensão territorial. O primeiro ponto de execução da Bula Papal diz:

Primeiro: Desmembramos e separamos da diocese de Jacarezinho todo o território ocupado pelos municípios enumerados na citada Bula Apostólica: Maringá, Alto Paraná, Jandaia do Sul, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Nova Esperança, Paranaíba. Como nestes últimos tempos outros tempos e outro municípios foram criados e deles desmembrados a saber: Bom Sucesso, Cruzeiro do sul, Floraí, Loanda, Nova Londrina, paraíso do Norte, Paranacity, Querência do Norte, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, São Carlos do Ivaí, São João do Caiuá, São Jorge, São Pedro do Ivaí, Tamboara, Terra Rica, também estes e outros municípios que deles se desmembrem igualmente desmembramos e separamos. Do território completo destes municípios erigimos e declaramos ereta a nova diocese chamada de Maringá, cujos limites se definem e circunscrevem pelos mesmos limites do conjunto dos municípios supramencionados.⁶

5 REVISTA *Norte do Paraná em Revista*, p. 13.

6 CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ, *Bula Papal Latissimas Partire Ecclesias: Decreto de execução da criação das dioceses de Londrina e Maringá pelo papa Pio XII*, p. 1.

Apesar de desmembrado o território da diocese de Maringá continuou imenso, fator esse que acarretou muita responsabilidade para o primeiro bispo. Quando a diocese foi criada ela contava com 15 paróquias, abrangendo as mesmas 24 municípios, uma área de 13.445 Km², com 480.000 habitantes. Havia sete sacerdotes seculares, 35 Irmãs e 5 Irmãos.⁷ Dessa forma, o bispo muito tinha a fazer para melhorar a situação da extensa diocese que apresentava falta de clero dentre outros problemas.

2.1 A chegada à Maringá de seu primeiro bispo, Dom Jaime Luiz Coelho

Por um período de três meses a população e região de Maringá e Londrina receberam informes e foram preparadas para a instalação das dioceses nessas localidades, D. Geraldo de Proença Sigaud, em comunicado oficial afirmou:

Pastores serão elevadas a Plenitude do Sacerdócio pela Sagração Episcopal e ambos tomarão posse de suas dioceses, de acordo com programas que vos serão comunicados, no momento são as seguintes as datas previstas: 13 de janeiro sagração em São Paulo do S. ex. Dom Geraldo Fernandes, 20 de janeiro Sagração em Ribeirão Preto de S. Ex. Dom Jaime Luiz Coelho – 17 de Fevereiro Posse do primeiro Bispo de Londrina, 24 de Março, Posse do primeiro Bispo de Maringá.⁸

Após esse comunicado oficial dirigido aos fiéis das duas novas dioceses, as mobilizações para receber os bispos se intensificaram. Em Maringá, muitos foram os incentivos, não só do bispo de Jacarezinho como também dos vigários e religiosos.

As expectativas dos moradores de Maringá e região eram enormes por ter-lhes sido anunciado que Maringá seria elevada a categoria de sede de bispado contando com a nomeação do bispo D. Jaime Luiz Coelho. Muitos preparativos foram feitos para sua chegada, sempre coordenados por D. Geraldo.

O comunicado pastoral do bispo de Jacarezinho foi uma preparação para os fiéis, alertando-os para a chegada dos bispos de Londrina e Maringá. A presença de um bispo na cidade intensificaria as relações com a Companhia, com o Estado e com a população.

A posse de D. Jaime foi preparada com antecedência e com muito esmero. Foi uma preparação rica em detalhes, um cerimonial organizado com a finalidade de criar uma chegada triunfante que contagiasse até o mais descrente. Toda essa preparação e o desenrolar da cerimônia foram descritos em várias categorias, porém a documentação aqui utilizada para demonstrar esse processo foi coletada em manuscritos encontrados nos arquivos da

⁷ REVISTA *Norte do Paraná em Revista*, p. 14.

⁸ SIGAUD, G. P. de, *Comunicado Pastoral*. Maringá, p. 1.

Cúria Metropolitana de Maringá, de autoria não identificada, e também em recortes de jornal arquivados. Os preparativos foram grandiosos, como demonstra esse relato:

22 de março de 1957 – Começam na cidade, no interior da catedral e na residência episcopal intensas atividades, em demanda de adornar definitivamente as ruas e praças, pois a vinda próxima do I Bispo de Maringá dom Jaime Luiz Coelho – na catedral foi colocado o traço estético e monumental, e no altar foi erguido um rico palio aveludado para das mais magnificência à imagem da Padroeira Nossa Senhora da Glória. No palácio Episcopal colocaram-se os lustres e o resto dos moveis, deixando-a casa digna de hospedar um príncipe da Santa Igreja. Tudo foi realizado com o auxílio financeiro de muitas benfeitorias e o trabalho árduo e abençoado do Vigário e demais padres da paróquia Nossa Senhora da Glória e principalmente de umas Senhoras do Filho de Maria. Reinava em geral uma expectativa feliz e todos contribuía com as máximas atenções e melhores intenções para o êxito esperado.⁹

Observa-se a preocupação com todos os detalhes da decoração, do conforto, do cuidado com o sucesso da cerimônia, pois naquele momento Maringá ainda não gozava de muitos privilégios e boas acomodações, pois era um novo município. Houve uma metódica averiguação de todos os detalhes, tudo deveria ser bem pensado e preparado, para bem receber e acomodar não só o bispo, que era reverenciado como um príncipe da Santa Igreja, como toda a comitiva que viria para acompanhar a posse.

O papel da hierarquia católica e sua importância para a cidade e para o bispado foram destacados na preparação sobrepujando a ação de educar a população de como se comportar diante de uma autoridade eclesiástica. Objetivava-se, sobretudo, contagiar e mobilizar toda a comunidade local.

Essa estratégia era utilizada para envolver toda a população despertando-lhes a vontade e a imensa satisfação em receber e respeitar o ilustre novo morador. Todo esse simbolismo em torno da imagem de D. Jaime foi, portanto, de fundamental importância para potencializar os objetivos de sua missão, pois com o povo ao seu lado “adorando-o” como representação do divino, os projetos da Igreja teriam êxito. Era uma forma de imortalizar uma situação, de mobilizar os corpos e mentes e de destacar a importância da Igreja Católica na sociedade maringaense.

Pretendia-se construir a imagem do bispo ao exaltar-se a importância de tê-lo e ao ressaltar as qualidades do escolhido, com reverência o chamavam de culto príncipe da Igreja, excelente orador. Nesse sentido, a imagem de alguém que representa uma posição privilegiada e de destaque em uma sociedade ou hierarquia é, de certa forma fabricada, pois se constrói para ele uma imagem pública e simbólica para se vincular em todos os matizes sociais.

⁹ Maringá se prepara para receber seu novo bispo, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 8.

No entanto, deve-se observá-la em seu contexto como uma criação coletiva de aceitação parcialmente inconsciente.

A incorporação da imagem e os simbolismos dos rituais são eficazes para impregnar o imaginário popular, D. Jaime emerge como um ser divino e salvador, um enviado de Deus. Para essa imagem ser aceita foi realizado um trabalho em conjunto com os meios de comunicação massivos. Bourdieu chama essa prática de rito de instituição:

Falar de rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira à da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço, como no caso da divisão entre os sexos por ocasião dos rituais de casamento. Ao marcar solenemente a passagem de uma linha que instaura uma divisão fundamental da ordem social, o rito chama a atenção do observador para a passagem (daí a expressão rito de passagem) quando, na verdade, o que importa é a linha. A rigor, o que esta linha separa? Um antes e um depois.¹⁰

O ritual, cuja montagem e preparação foram rigorosamente elaboradas nos seus detalhes, marcou a passagem de um momento a outro pelos quais a Igreja Católica atravessou em Maringá. Ou seja, a partir do momento em que se desempenhou o ritual de chegada e posse de D. Jaime a Igreja em Maringá, a sociedade local passou a ter uma representação simbólica de um direto representante de Deus. Essa proposta claramente é aplicada e reforçada na descrição do evento.

Observa-se nos relatos sobre a preparação e a chegada de D. Jaime uma descrição que mostra o papel da rádio de Maringá:

Também a Rádio Cultura se pôs à disposição da preparação da vinda do primeiro bispo para Maringá, todas as tardes, vários oradores falavam sobre o grande acontecimento. Segue em prosa a alocação do Rev. Pe. Vigário da Catedral em março de 1957, que teve que substituir o locutor escalado – dentre muitas coisas ele diz: - Achamo-nos, nestes dias e semanas sob a égide da preparação da vinda do primeiro bispo de Maringá, Ninguém nesta terra abençoada, ninguém deste povo fidalgo de Maringá, tem o direito de ficar indiferente em face do glorioso acontecimento histórico de que é alvo nossa querida Maringá. É este tão nobre como aristocrático povo que lhe imprimiu o cunho admirável de dignidade sem par, bem merece ser distinguida pela auréola de Bispado, formando-se assim quinhão principesco dentro das terras brasileiras.¹¹

Nesse trecho, observa-se a convocação feita por intermédio dos meios de comunicação para que a sociedade, como um todo, se mostrasse atuante e participativa na cerimônia de

¹⁰ BOURDIEU, P., *A economia das trocas lingüísticas*, p. 98.

¹¹ Maringá se prepara para receber seu novo bispo, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 8.

chegada e posse de D. Jaime. Procurava-se, sobretudo, destacar a importância do bispo e a imagem de sacralidade, bondade, salvação e representação do divino a ele associadas.

Em trechos de reportagens de “O Jornal Gazeta Diária de Maringá,” observa-se tal processo:

23 de março de 1957 – Véspera da vinda de nosso Bispo já começaram a chegar das primeiras ilustres visitas à grandiosa festa em preparação. Com o avião da Real às 14hs chegou parte da distinta família do Exmo Bispo composta da venerável e idosa mãezinha, D. Guilhermina Coelho, com duas filhas, uma nora e uma netinha. O exmo prefeito Américo Dias Ferraz, de Maringá, muitas senhoras da alta sociedade maringaense e guiadas pelo Vigário da catedral, estiveram presentes no aeroporto para prestar homenagens à feliz progenitora e demais membros da abençoada e privilegiada família, não foi esquecido o lindo ramallete de flores, expressão nítida dos sentimentos do povo de Maringá, em face d’aquelas que com graça de Deus souberam merecer ter em seu seio um filho, coroado com a plenitude do sacerdócio. Entre chuvas torrenciais o cortejo rumou para a cidade, a família do Bispo no carro do prefeito de Maringá [...] Às 16 horas chegou por Vasp sua Excelência Rev. Dom Manoel da Silveira Arcebispo de Curitiba, igualmente recebido pelas autoridades mais graduadas de Maringá, e conduzidos no carro do prefeito municipal e chegou ainda na mesma tarde o então bispo de Jacarezinho e o Núncio Apostólico do Brasil, todos hospedados por conta da Companhia no grande hotel de Maringá, onde se instalaram naqueles luxuosos apartamentos que ofereciam a seus hospedes tanto conforto. Bem estas – no entanto o povo trabalha estendendo faixas e puxando bandeirinhas, pois as chuvas cederam a uma tardezinha muito amena.¹²

O autor descreve com toda pompa e elogios a chegada dos familiares do bispo, principalmente quando se refere à mãe de D. Jaime observa-se todo o simbolismo na sua descrição, exaltando o bispo e sua comitiva, as autoridades locais, a colaboração da Companhia e a infra-estrutura do hotel de Maringá, tudo muito carregado de exaltação e significâncias.

No restante da reportagem o autor expõe a programação para o festivo dia:

Amplamente distribuído pela cidade, o programa de hoje prevê a chegada do nosso Bispo, às 14 horas formando um cortejo que irá até a Igreja São José onde então Dom Jaime Luiz se paramentará, e em carro aberto se apresentará ao povo e seguido por ele irá até a Catedral ao lado da qual depois de lido os documentos papais será empossado como Bispo de Maringá. O trajeto da praça Raposo Tavares até a Catedral, será feito a pé debaixo de palio, carregado pelas maiores autoridades locais. O povo entusiasmado agitará muitas milhares de bandeirinhas, com as armas e respectivos dizeres, do Bispo. O cortejo será abrilhantado pela famosa banda de música da capital

¹² Maringá se prepara para receber seu novo bispo, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 8.

do estado, convidada pelo Excelentíssimo governador do Paraná para essa solenidade. Igualmente será guardado o altar Monumental por soldados do Corpo de Bombeiros de Curitiba.¹³

Nota-se que na programação do evento todo o ritual a ser cumprido pelo povo estava minuciosamente previsto, descreveu-se o momento da chegada quando o povo deveria balançar as bandeirinhas no instante da passagem do cortejo, como seria a caminhada do cortejo da praça até a catedral, quem seguraria o pátio. E o povo, como coadjuvante nesse processo, deveria obedecer e seguir a programação, dessa forma, incorporaria os objetivos de tal construção simbólica. Cada um deveria ocupar o seu lugar e respeitar as diferenças hierárquicas.

A respeito do dia da chegada o autor da reportagem afirma:

Maringá recebe de braços abertos seu primeiro bispo Dom Jaime Luiz Coelho, nas festividades de hoje – milhares de pessoas estarão entre nós. Depois de uma intensa atividade todos os católicos da cidade e principalmente a grande comissão que preparou as homenagens ao primeiro bispo de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, hoje chegou o grande dia para a nossa Diocese, pois dentro de poucas horas iremos ter a presença entre nós deste ilustre Prelado. Sua Excelência dentro de toda a pompa da Igreja Católica assumirá diante de fiéis em altar monumental, artisticamente ornamentado, ao lado da Catedral provisória, suas nobres funções para as quais sua Santidade o Papa achou por bem nomeá-lo.¹⁴

Nesse fragmento, o autor esboça as expectativas de todos que trabalharam na preparação da cerimônia para receber o bispo. Observa-se toda a pompa e referencial simbólico que rodeiam o ritual de chegada de D. Jaime, ritual esse elaborado para marcar o acontecimento e dar-lhe uma importância única e de muita relevância, levando o povo a recebê-lo e a respeitá-lo de acordo com a sua posição na hierarquia social. Continuando a reportagem o autor afirma:

[...] dia 24 de março, dia abençoado em que cidade e diocese recebe o Bispo. Um céu tão lindo, como que fosse especialmente feito para este incomparável acontecimento, que ele nos traria, seja dito de antemão que se conservaria no esplendor, o povo falou a dias do milagre do bom tempo que inesperadamente protegeu as solenidades e maravilhosas decorações das avenidas, praças arcos do triunfo, faixas, postes, casas e carros em todo o seu esplendor original.¹⁵

13 Maringá se prepara para receber seu novo bispo, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 8.

14 Maringá se prepara para receber seu novo bispo, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 8.

15 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal gazeta diária de Maringá*, p. 6.

D. Jaime foi referenciado como abençoado por se associar a estiagem inesperada à presença do bispo. O autor reforçou o caráter sagrado do bispo junto a seus leitores, atribuindo a ele uma aura de divindade. No momento em que D. Jaime chegou em Maringá, os rituais se iniciaram, sob muitas expectativas:



Figura 1

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

O bispo chega demonstrando simpatia, sorridente ele retirou o chapéu para reverenciar as pessoas que ali estavam à sua espera:

Cumprindo com exatidão o programa traçado, às 14 horas dois aviões Cesma sobrevoavam a cidade. Era a caravana que trazia o I Bispo de Maringá – nesta ocasião milhares de pessoas haviam invadido a pista e eram contidas pelos membros das comissões, enquanto que um por um dos aviões iam serenamente aterrissando. Do último avião, com o prefixo AMY, salta Dom Jaime Luiz Coelho, junto com Tefermo Mazzato Ksukosh e o Pe. Alfredo da Fonseca Rodrigues, Secretário do Bispado de Maringá. O prefeito Américo Dias Feraz vencendo a massa popular aproximou-se do primeiro Bispo de Maringá, cumprimentou-o em nome da população e lhe entregou as chaves da cidade num artístico estojo, dizendo neste momento solene: Ao entregar a V. Excelcia. Revma a chave da cidade, entregamos uma outra ainda mais importante, a de nossos corações. Dom Jaime comovido abraçou ao ilustre governador da cidade.¹⁶

¹⁶ Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

A recepção no aeroporto e a entrega das chaves da cidade, desempenhada pelo prefeito, configurava todo o reconhecimento da importância da autoridade eclesiástica que chegara. Esboçava também os estreitos laços da Igreja Católica e a política em Maringá, esses apontamentos, irão se delinear e se fixar mais explicitamente no decorrer da cerimônia e dos rituais:

Formou-se então um grande cortejo com mais de 500 veículos que rumaram até a Igreja São José, onde Dom Jaime parou a fim de paramentar-se depois disso, o cortejo segue o novo bispo de pé em carro aberto muito ornamentado, até a praça Raposo Tavares. A avenida Brasil achava-se transformada em nata de bandeirinhas que balançavam alucinadas à brisa do vento vespertino, no meio das bandeirinhas salientavam-se as faixas puxadas de um lado ao outro das avenidas, colocadas com belas palavras de saudação, pelas firmas e estabelecimentos públicos, em homenagem expressiva ao novo bispo. No entanto as multidões povo se aglomeraram ao lado da avenida, aclamando freneticamente o bispo, que da altura do carro triunfo abençoou para todos os lados a multidão, recebendo as ondas sinceras de aplausos, nunca vistos, que ainda aumentaram em afluência cada vez maior da inúmera assistência. O motorista fez parar o motor do carro, pois ele foi puxado empurrado pela mocidade emocionada.¹⁷

O autor da reportagem descreveu o cortejo aplicando uma linguagem voltada para o exagero, em prol do engrandecimento do evento. Ou seja, de uma forma a fazer com que o leitor visualizasse aquela ação, ele afirmava que a avenida se encontrava transformada, carros muito ornamentados, bandeirinhas alucinadas e que o povo aclamava freneticamente. Toda essa linguagem foi aplicada no intuito de enaltecer a imagem de D. Jaime, contagiando pela descrição esfuziante até mesmo aqueles que não estavam presentes no momento.

A imagem a seguir também procurava atingir os mesmos objetivos, percebe-se que o autor da foto procurou um ângulo em que conseguisse mostrar as pessoas aguardando e também as faixas de saudação. Nota-se que o enquadramento da fotografia mostra os dois lados da avenida Brasil, onde o cortejo passaria e dos dois lados o povo à espera.



Figura 2

Fonte: Cúria Metropolitana de Maringá.

17 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

Nessa mesma perspectiva, o repórter descreveu o cortejo:

Chegando o cortejo na praça Raposo Tavares, sua Exc. Rever. D. Jaime Luiz, desceu do carro e continuou o trajeto restante, isto é a avenida Getúlio Vargas, debaixo de palio, carregado pelas mais graduadas autoridades locais. Os demais Prelados formaram a parte mais solene do cortejo. Agora o novo bispo de pé e mais chegado ao povo, impressionado pela simpatia do novo bispo não parou mais em aplaudir e aclamar em altas vozes seu bispo que acabara de chegar. Essa espontânea viva e constante manifestação da imensa massa humana, cada vez mais aglomerada que assim exprimiu seus sentimentos de regozijo em jubilosos filiais aplausos, comoveram profundamente a quantos aí estiveram presentes, e desencadeou cada vez crescente entusiasmo.¹⁸

Essa passagem revela que as pessoas espontaneamente demonstravam sua alegria pela presença de D. Jaime entre elas, porém essa espontaneidade foi, de certa forma, construída por intermédio de um poder persuasivo, ao qual a instituição lançou mão, a fim de contagiar na cerimônia desde o fiel fervoroso e dedicado até o mais relapso. D. Jaime, por sua vez, assegurado e investido de poder pelo cargo na hierarquia eclesiástica brasileira, exerceu plenamente e sabidamente seu papel, distribuiu bênçãos e mostrou-se simpático e acessível. Quando o cortejo chegou ao altar montado do lado de fora da catedral, o povo se aglomerou para assistir à cerimônia de posse. Na imagem seguinte observa-se o empenho do fotógrafo em demonstrar a grande assistência e presença do povo no evento. Ele procurava um ângulo acima das pessoas dando a noção ampla do espaço, deixando-as em primeiro plano, porém procurando evidenciar a igreja. Por ser fotografia em preto e branco poderiam-se haver dúvidas a respeito das condições climáticas, pois as pessoas aparecem de guarda chuva, entretanto a posição da fotografia mostra a sombra de uma das torres que se projeta no telhado, levando a concluir que era uma tarde ensolarada:



Figura 3

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

¹⁸ Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

A posse iniciou-se com discursos das autoridades presentes. Esse estágio da cerimônia também possui suas peculiaridades, pois foi por meio da fala que se buscou legitimar todo o evento, sua importância e relevância. Foi nesse momento que a configuração dos estreitos laços entre a Igreja e todos os segmentos da sociedade maringaense são efetivamente firmados, pois nos discursos não foram economizados elogios e claramente revelou-se satisfação em relação aos interesses ali representados:

Senhor Herman Barros, operoso diretor da Companhia Melhoramentos que comovido e jubilosamente confessa ver coroada os esforços tanto da própria companhia, como também do povo simples e abnegado pela glória de um bispado, nesta encantadora metrópole de Maringá.¹⁹

Essa reprodução da fala do dirigente da Companhia mostra bem a intenção de elevar a importância e representação do empreendimento colonizatório, visto que com a diocese e com um bispo ali presentes haveria novas possibilidades de desenvolvimento econômico, de investimentos e a credibilidade da empresa aumentaria.

Chegou a vez de falar ao novo Bispo. O povo entusiasmado esperou por este momento. Ao levantar-se já irromperam jubilosas aclamações que logo cederam a um silêncio atento. Ouviu então pela primeira vez aquela voz clara e imponente de seu futuro pastor, que desse de grande surpresa, de alegria e profunda gratidão para este povo, que agora era dele, em todo o sentido da palavra, com a tremenda responsabilidade de Bispo, pelas almas lhe confiadas. Disse que não era a hora de discutir sobre a maior ou menor dignidade do eleito, mas de aceitar humildemente os desígnios da providência de Deus. Não foi ele que desejou tão elevado encargo, mas o Sumo Sacerdote que o cingiu e enviou-a essa parte de seu rebanho, e confiando na graça daquele que o enviou, se achava disposto de seguir ao chamamento até o sacrifício da própria vida.²⁰

No discurso, o bispo mencionou ser, a partir daquele momento, o dono daquele povo e afirmou que esse era o desígnio da Santa Sé. Portanto, não admitia discussão, devendo ser aceito, sem questionamentos.

Dessa forma, ele respalda tais afirmações, justificando todo esse poder por meio da vontade do papa em nomeá-lo. Esse discurso, como se percebe, é carregado de significações e circunda no campo do simbólico.

O bispo por intermédio do poder que lhe foi conferido tinha propriedade e liberdade para diante o povo declarar-se líder, criando a partir desse momento uma relação de

19 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

20 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

paternalismo e subserviência e todo esse discurso foi legitimado por ele ser um porta-voz extremamente autorizado da Igreja Católica. Bourdieu afirma:

O porta-voz autorizado consegue agir com as palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.²¹

Depois de todo o ritual de apresentação do bispo, os prelados e parte das autoridades entraram na catedral, onde os rituais sacros da posse prosseguiram. No dia seguinte D. Jaime rezou sua primeira missa em Maringá, que também foi transmitida pela rádio Cultura.

Muitas centenas de pessoas afluíram para assistir essa missa que o bispo proferiu um sermão. Calou profundamente entre os presentes[...] Dom Jaime Luiz Coelho, prendeu a atenção de todos durante vários minutos, manifestando a sua alegria e satisfação pela recepção que lhe foi prestada. Dom Jaime nestas poucas horas em que se encontra entre nós, por sua irradiante simpatia que lhe é particular, vive realmente na cidade como nos corações do povo, como verdadeiro príncipe da Igreja, que por todos os títulos é.²²

Após a missa foi oferecido um banquete no Hotel Maringá que contou com a presença de 180 pessoas. Nele estavam presentes todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas da região e do Estado do Paraná: “D. Jaime visivelmente enveimado, demonstrou mais uma vez absoluto domínio da palavra fazendo um discurso que encantou a todos pelos conceitos emitidos.”²³

As qualidades do bispo eram a todo momento lembradas e reverenciadas pelo autor da reportagem, buscando com isso legitimar a escolha do papa Pio XII. No discurso o repórter afirmou:

[...] firmou demonstração de seu desejo de trabalhar para Maringá, com o apoio de todos, tanto na cidade como na diocese. Teceu um elevado elogio à Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, dizendo mesmo que iria estar junto nas atividades, e proclamou a via a madrinha do bispado. O Seminário, a Catedral e o ginásio Diocesano são obras que D. Jaime se propôs a realizar, tudo com o apoio dos fieis.²⁴

21 BOURDIEU, P., *A economia das trocas lingüísticas*, p. 89.

22 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

23 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

24 Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

Os discursos de D. Jaime, sua proximidade com os dirigentes da cidade e seus elogios voltados para a Companhia e seus diretores evidenciam o início de uma parceria em busca de realizações para ambos os lados envolvidos. O bispo ao eleger como madrinha do bispado a Companhia colonizadora deixava claras essas intenções.

A pose para a fotografia ao lado do prefeito de Maringá configurou a união entre ambos. O fotógrafo conseguiu através dessa pose passar a imagem de cumplicidade entre os representantes de seguimentos sociais diferentes, porém unidos no desenvolvimento e na busca de resolução dos problemas mais urgentes da região.



Figura 4

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

Demonstrando o êxito de todo o ritual de recepção e posse de D. Jaime, o repórter enfatiza a estimativa de participantes na cerimônia, destacando a exaltação ao município e ao bispo, a honra de recebê-lo e aceitá-lo, atendendo-se assim aos desígnios da Santa Sé.

Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho – Cerca de 30.000 pessoas aplaudiram o primeiro Bispo de Maringá, indescritível entusiasmo, eloqüente demonstração de cristianismo. – Domingo não só Maringá como quase todo o setentrião paranaense, viveu uma efemeridade que por certo já está fazendo da história desta região, como um dos grandes acontecimentos históricos. Maringá e mais uma quantidade enorme de municípios receberam seu primeiro Bispo. Sua santidade o Papa houve por bem em designar a nossa cidade, como sede de bispado, entregando essa nobre elevada tarefa para Dom Jaime Luiz Coelho.²⁵

Por meio dos documentos apresentados, nota-se que todo o evento foi programado no seu antes, durante e depois. Foi uma construção contínua da imagem de D. Jaime e,

²⁵ Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho, *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, p. 6.

conseqüentemente, da importância de sua posição na hierarquia eclesiástica. Tais ações intencionavam atender aos anseios e expectativas de toda a sociedade.

Observa-se em todos esses fragmentos de reportagens que descrevem a recepção uma preocupação da imprensa em construir a imagem de Maringá como uma cidade promissora, que com a vinda do bispo assume de uma vez a imagem de um município católico.

Os festejos da chegada de D. Jaime, a recepção, o cortejo, o desfile em carro aberto, intencionalmente despertaram uma grande carga de emoção e regozijo com o intuito de seduzir, atrair e também, de certa forma, marcar uma nova ofensiva pela hegemonia do mercado religioso. Era a Igreja Católica por meio de um pomposo e programado cerimonial impondo-se e firmando-se na região norte do Estado do Paraná.

Esse cerimonial ritualizado foi utilizado como afirmação de poder da hierarquia eclesiástica da Igreja Católica, buscou-se com ele a confirmação e incorporação da fé dos membros da sociedade. O bispo, por sua vez, dispôs-se em passar para a população a imagem de uma figura próxima e protetora e buscou fazer sua presença como líder espiritual ser sentida e respeitada. Os rituais de entrada episcopal eram uma forma de manifestação do poder e da sua diferença de estatuto em relação a todos os outros poderes e indivíduos da diocese.²⁶ Os relatos e as imagens mostram que há uma espécie de movimentação contagiante para engrandecer uma situação, em que cada atitude do bispo, como a descida do avião, os acenos, as bênçãos provocavam muito entusiasmo e empolgação dos presentes. Com a chegada do bispo até a chuva teria cessado, esse fenômeno foi entendido como um milagre e Maringá tornou-se uma terra abençoada. Esses eventos provam que o cerimonial e a preparação atingiram seus objetivos: contagiar, atrair, seduzir e intimidar, fazendo com que aquele momento permanecesse presente na memória da população, além de passar a mensagem da importância e amplitude do poder episcopal, que estava ali representado na figura de D. Jaime.

Os meios de comunicação, por sua vez, contribuíram para fabricar uma imagem positiva de D. Jaime, como líder, como pai e autoridade eclesiástica. As festividades de chegada foram retratadas como deslumbrantes e com grande aclamação popular. A presença do bispo garantiria à cidade fausto, riqueza e um futuro glorioso. Para a eficácia dessa tarefa usaram em abundância uma retórica triunfante carregada de elogios ao bispo.²⁷

O fato de a sociedade alvo reconhecer a autoridade e importância do bispo fez com que o ritual tivesse eficácia e sobrepusesse um alto valor simbólico, pois foi depositada na pessoa de D. Jaime toda uma carga simbólica desempenhada por meio das palavras e representações a ele conferidas.²⁸

O catolicismo em Maringá, como já observado anteriormente, esteve presente desde

26 PAIVA, J. P., *O cerimonial da entrada dos bispos nas suas dioceses: uma encenação de poder*, p. 136.

27 BURK, P., *A fabricação do rei: A construção da imagem pública de Luiz XIV*, p. 35.

28 BOURDIEU, P., *A economia das trocas lingüísticas*, p. 95.

o início da povoação e naquele momento crucial e importante coroava sua presença na região, pois a Igreja se entendia detentora do poder de organizar a sociedade. Dessa forma, um bispado em Maringá representaria, juntamente com as demais instituições, a essência para a organização social.

Numa nítida troca de interesses a Companhia alcançava seus anseios e objetivos de se destacar nacionalmente e a Igreja de fazer-se presente ampliando seu “rebanho”, propagando seus dogmas e doutrina, além de combater as religiões concorrentes.

Os discursos proferidos durante a cerimônia se apresentaram carregados de significações. No discurso de D. Jaime claramente notava-se a forma com que a Igreja se afirmava e se fazia presente estabelecendo uma cadeia de relações de poderes. Sobre isso Foucault assevera:

[...] numa sociedade como a nossa – mas, afinal de contas, em qualquer sociedade – múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade. Isso é verdadeiro em toda sociedade, mas acho que na nossa essa relação entre poder, direito e verdade se organiza de um modo muito particular.²⁹

A criação da diocese de Maringá atendeu aos anseios e determinações da Santa Sé, que via como necessidade dividir as grandes extensões territoriais para o melhor exercício de seu poder de representação e domínio religioso. Na região do norte do Paraná, naquele momento, uma única diocese e um único representante episcopal não eram suficientes para dar conta da expansão da região e, conseqüentemente, do aumento populacional, tendo em vista, ser essa população caracterizada por uma particular heterogeneidade de culturas. O espaço tornava-se apropriado para o desenvolvimento de religiões e ideologias concorrentes. Era imprescindível para a Igreja Católica a presença atuante de um bispo nesse local para homogeneizar o cenário religioso e firmar uma posição de destaque da Igreja Católica na disputa do mercado religioso.

Diante de todas as dificuldades de uma diocese recém criada é chegada a hora da ação, o bispo já empossado estava ciente dos desafios a serem enfrentados no desempenho de sua tarefa, apesar de Maringá e região terem uma significativa presença da Igreja Católica desde o início da povoação muito ainda deveria ser feito.

Contudo, faz-se necessário destacar que a Igreja Católica teve uma posição de

29 FOUCAULT, M., *Em defesa da sociedade*, p. 28-29.

relevância em Maringá. A presença de seus representantes e suas obras nas áreas sociais provam que a Igreja conquistou uma posição marcante e consolidar-se-ia como um município católico, embora abrigasse a heterogeneidade religiosa. Não deixando de salientar a importância do apoio da Companhia para os empreendimentos de D. Jaime.

3 A GESTÃO EPISCOPAL DE D. JAIME LUIZ COELHO

Dom Jaime era o oitavo entre os 13 filhos de João Américo Coelho e de Guilermina Cunha Coelho. Nasceu em Franca, SP, em 26 de junho de 1916. Iniciou o curso ginásial no colégio Champagnat, dos Irmãos Maristas, em Franca, foi aluno do Colégio São José, em Batatais por um ano, seguindo depois para o Seminário Diocesano de Campinas. Em 1935, ingressou no Seminário Central de São Paulo onde cursou Filosofia e Teologia, ordenando-se Sacerdote na Catedral de Ribeirão Preto em 7 de dezembro de 1941.¹

Nomeado Vigário Cooperador da Catedral de São Sebastião de Ribeirão Preto em 1942, ocupou, em seguida, o cargo de Secretário Geral do Bispo e Chanceler da Cúria Diocesana de Ribeirão Preto. Em 1944, foi nomeado Cura da Catedral de Ribeirão Preto e, em 1948, Cônego Honorário da mesma Catedral. Em 1956, foi elevado a Monsenhor Camareiro Secreto do Papa Pio XII. Em 3 de dezembro do mesmo ano, foi eleito por Pio XII, primeiro bispo da nova Diocese de Maringá, criada pela Bula “Latíssima Partire Ecclesias”, de 1º de fevereiro de 1956, a qual foi instalada canonicamente a 24 de março de 1957.²

Com quarenta anos de idade, D. Jaime destacou-se como um dos mais jovens membros do episcopado brasileiro, pois raramente a Igreja nomeava como bispo um prelado com menos de cinquenta anos de idade.

Depois da triunfante recepção e posse, empenhou-se em conhecer e organizar a nova diocese, que abrangia os seguintes municípios: Jardim Olinda, Paranapanema, Irajá, Paranacity, Cruzeiro do Sul, Uniflor, Atalaia, Nova Esperança, Floraí, Castelo Branco, Mandaguacu, Ourizona, São Jorge, Paçandu, Maringá, Doutor Camargo, Ivatuba, Marialva, Mandaguari, Floresta, Itambé, Jandaia do Sul, Kaloré, São Pedro do Ivaí e Marumbi.

Antes de assumir seu cargo episcopal, D. Jaime escreveu uma Carta Pastoral e também escolheu seu brasão de armas que delineava como seria sua atuação.

1 DIOCESE DE MARINGÁ: os trinta e cinco anos de história, p. 5.

2 DIOCESE DE MARINGÁ: os trinta e cinco anos de história, p. 15.

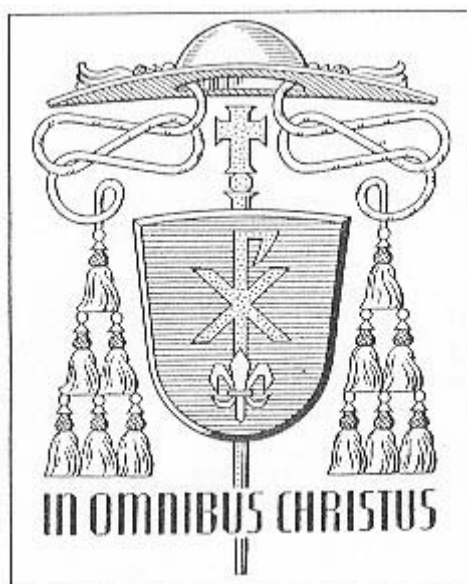


Figura 5

Fonte: Carta Pastoral de Dom Jaime Luiz Coelho.

A descrição Heráldica desse brasão é a seguinte:

Escudo – Campo de azul, em contorno português, com o monograma de CRISTO – X e P – de ouro, em chefe, encimado uma flor-de-lis de prata, em ponta.

Ornato – Chapéu prelatício, de verde, com duas séries de seis bordas também verdes, pendentes, uma, duas, três, nos flancos.

Timbre – Cruz peitoral de ouro.

Lema – Em ponta, e sem listel: IN OMNIBUS CRHISTUS. (Cristo seja tudo em todos).³

Dom Jaime alinhava-se às diretrizes emanadas pela Santa Sé ao propor-se aceitar a pluralidade da sociedade moderna. Maringá recebeu imigrantes de várias nacionalidades e brasileiros de diferentes regiões. Essa heterogeneidade o desafiava “a levar Cristo aos diocesanos”, ou seja, a todos. Seu discurso abrangia toda a sociedade, acima das diferenças econômicas, sociais, étnicas, nacionais, políticas e ideológicas. Nos anos de 1950, a Igreja modernizou suas formas de atuação na sociedade e passou a atuar como promotora do desenvolvimento. Ao ir “ao encontro das camadas populares, sobretudo nas regiões mais atrasadas e subdesenvolvidas, manteve relações de bom entendimento e colaboração com o Estado.”⁴ D. Jaime propunha-se incluir a região de Maringá no mesmo ritmo de desenvolvimento das regiões mais modernas do Brasil.

3 COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 4.

4 CAMARGO, C. P. F. de; SOUZA, B. M. de; PIERUCCI, A. F. O. de., *Igreja Católica: 1945-1970*. In: FAUSTO, B., *História geral da civilização brasileira*, p. 366.

Por outro lado, procurava mobilizar a sociedade para conquistar esse objetivo.

Em sua primeira carta pastoral de saudação aos diocesanos, o prelado apresentou seus anseios e preocupações quanto à incumbência de conduzir a diocese de Maringá. Seu desejo era:

[...] tornar mais conhecida a doutrina da Igreja sobre a PLENITUDE DO SACERDÓCIO, ou seja, A ORDEM EPISCOPAL EM PLENITUDE: a MISSÃO EPISCOPAL, ensinando, santificando e regendo o povo de Deus a mim confiado, como Bispo. E ressaltando essa missão realizando o lema que embasa o meu Episcopado: IN OMNIBUS CRHISTUS.⁵

D. Jaime deixou claro quais seriam os pressupostos básicos de sua atuação e definiu que sua maior preocupação era fazer com que os diocesanos entendessem o que era a plenitude do sacerdócio, ou seja, qual era o papel do bispo e a função de cada diocesano nesse contexto que consistia em aceitar os desígnios da Santa Sé que lhe atribuiu tal função. Dessa forma, procurava educar os fiéis sobre a obrigação de respeitar as suas decisões e ações no governo da diocese, pois estariam obedecendo a vontade de Deus.

A Carta Pastoral foi composta de três partes. A primeira reforçava as características e objetivos da plenitude do sacerdócio, a sagração e os poderes. A segunda parte tratava da missão sacerdotal e a terceira expunha as formas de realizar essa missão. Dom Jaime explicou aos diocesanos as origens históricas do episcopado, sem deixar de enfatizar que os bispos, segundo o Direito Canônico da Igreja, são os sucessores dos Apóstolos:

Obedecendo à ordem do Mestre, saíram os Apóstolos pelos quatro cantos da terra, instituindo Igrejas por todas as partes, colocando à frente das mesmas, Pastores que as regessem no espírito de justiça, de verdade, de santidade. Aí está o grande fundamento da realidade da sucessão apostólica. Sabiam os Apóstolos da impossibilidade de poderem eles ficar na terra até o fim do mundo.⁶

O bispo anunciou a importância de sua missão para os fiéis e para a sociedade. Seu discurso explicava que estava ali no governo da Igreja Católica representando os Apóstolos e designado por Deus para exercer tal função. Tornava-se, a partir de então, merecedor de respeito e obediência. Como se observa, esses são os meios pelos quais a instituição católica legitimava seu poder, ao representá-lo como puro, divino e santo.

A instituição católica, nesse sentido, objetivava ser salvadora da sociedade, e defendia uma constante auto-afirmação para conseguir êxito nessa tarefa. Na ofensiva em

5 COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 15.

6 COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 23.

prol de sua aceitabilidade e respeito, ela vinculava nesse processo seus poderes, devido sua posição hierárquica. Dentro desse contexto, D. Jaime reforçou sua posição e importância na sociedade e ressaltou quais são os poderes de um bispo:

1° Poder divino: a) poder de ordem; b) poder de jurisdição, ambos de origem divina, sendo que o exercício do poder de jurisdição vem do Romano Pontífice.

2° Poder apostólico: - sucessor dos Apóstolos, possui poder ordinário, real ou pastoral, isso é, poder de reger e governar a Diocese, em cuja frente se encontra.

3° Poder episcopal perpétuo: no tempo porque jamais poderá faltar o Episcopado enquanto durar a Igreja. O Papa, no exercício de seu supremo poder, poderá privar um ou mais bispos do direito de suas funções, mas não pode suprimir o Episcopado ou todos os Bispos da terra.

4° Poder limitado: No espaço individualmente considerado, quanto ao território (só na própria Diocese); quando às pessoas (só os próprios diocesanos); e quando aos assuntos pastorais (Há alguns pertinentes somente ao Papa).

5° Poder superior: mas não supremo, superior aos sacerdotes e fiéis, mas subordinado ao Papa.

6° Poder ordinário e imediato: sua autoridade é própria, e não expira com a morte do Romano Pontífice, que escolhe e nomeia os bispos, pois o Bispo não é um mero representante do Papa, na Diocese, mas verdadeiro Chefe da Igreja, legítimo sucessor dos Apóstolos.

Segue-se, pois, amados Colaboradores e Filhos, que os Bispos são aqueles prelados da Igreja que possuem a plenitude do sacerdócio e gozam de jurisdição ordinária em uma parte do rebanho de Jesus Cristo, chamada Diocese. Possuem a plenitude do sacerdócio, porquanto são capazes de validamente realizar tudo o que se contém no poder de Ordem concedido por Cristo à sua Igreja, isto é, celebrar os santos Mistérios e administrar todos os Sacramentos, sem excetuar o da Confirmação da Ordem.⁷

D. Jaime anunciou os poderes e atribuições episcopais e o papel destacado que ocupava na sociedade. Ele auto-definia-se como infatigável, aquele que não descansaria enquanto vivesse, que não temia nada para cristianizar e para impor como legítima a representação católica do mundo. Os católicos, por sua vez, como soldados de um exército, deveriam combater ao seu lado.

O bispo, ao aceitar a pluralidade do mundo moderno, procurou englobar em seus discursos todos os segmentos da sociedade maringense, suas instituições, movimentos e classes sociais. Seu discurso era universalista e pairava acima de todos os povos e diferenças culturais.

Aos leigos foi reservado um papel importante na cristianização social:

⁷ COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 25-26.

[...] como conceber uma Igreja que não viva a própria vida de Deus? Se os católicos são a Igreja, se a Igreja é vida e a mesma presença de Deus no mundo, como suportarmos esse marasmo de catolicismo amorfo e inconsistente? Prezados diocesanos, eis o brado de angústia que lanço junto a vós. Na dor imensa que sinto diante das necessidades das almas na extensão imensa da nossa Diocese, e sendo tão poucos os Sacerdotes que nos estão auxiliando na preparação do evangelho, apelo pra o vosso espírito de fé e vos convoco para o apostolado. Ninguém deve sentir-se excluído desse chamado.⁸

Esse apelo do prelado convocou os leigos a se posicionarem também como evangelizadores e praticantes da ação apostólica. Pois, ter à disposição uma elite católica combativa permitiria superar a escassez de clero, combater seus adversários e recristianizar a sociedade, as leis e o Estado. Para ele, os maiores inimigos do catolicismo eram o protestantismo, o comunismo, o espiritismo e a maçonaria, que intensificavam suas práticas na sociedade moderna. A falta de padres e religiosos obrigou a Igreja Católica intensificar o apostolado dos leigos, para ajudarem nas ações pastorais e fazerem frente a essa ameaça que a instituição enfrentava. Sobre isso Marchi afirma:

Desde os anos 50, boa parcela do episcopado e dos católicos do Brasil defini-se e identifica-se como progressista, mantinha um bom relacionamento com o Vaticano e dele recebia apoio explícito, sobretudo nas ações ligadas ao envolvimento dos leigos no movimento da ação católica. A presença leiga foi favorecida pela crise vocacional que causou uma carência de sacerdotes e de freiras.⁹

A escassez de clero em Maringá era um dos principais problemas, por esse motivo D. Jaime priorizou a construção do Seminário Diocesano a fim de formar o clero para suprir a própria diocese. Ao mesmo tempo, D. Jaime convocava os leigos com o intuito de ajudarem na tarefa de evangelização.

Dom Jaime defendia a aproximação do clero com os fiéis, ou seja, sua proposta não era manter uma distância do rebanho conferida devido sua posição de bispo, ele propunha o contrário, uma aproximação permanente. Ele assevera:

Quando todas as forças devem se unir para o bem estar da sociedade e paz das consciências, o vosso Bispo quer ser este elo de união inquebrantável. No meu coração lugar para todos, pois para todos fui enviado. A casa de vosso bispo, diletos Irmãos e Filhos, seja um prolongamento da vossa própria casa. Ali estará o Pastor, sempre pronto a atender às vossas necessidades, sem fazer acepção de pessoas.¹⁰

8 COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 39-40.

9 MARCHI, E., *A Igreja e o plano de emergência*, p. 91.

10 COELHO, J. L., *Carta Pastoral: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação aos diocesanos*, p. 39-40.

Essa sua posição se delineou como uma estratégia de atuação, o bispo apresentou-se como líder e pai da sociedade, e trazia para junto dele os diocesanos. Dessa forma, conseguia estar mais próximo dos problemas da diocese e da sua solução.

D. Jaime em seus discursos evidenciava ter aceitado a pluralidade, afirmando “que Cristo seja tudo em todos”. Porém, esboça que ninguém estava excluído de suas solicitações pastorais, ou seja, afirmava seu poder hierárquico na sociedade maringense e suas intenções de “normatizar” a população, no intuito de colocar todos em contato direto com ele e com a doutrina. De acordo com as declarações do padre Orivaldo Robles, que chegou a Maringá na década de 1950, as pretensões de D. Jaime surtiam efeito, pois é assim que ele e grande parte da população católica o viam:

Dom Jaime deu início em Maringá a um jeito de ser bispo que ninguém tinha visto antes. Derrubava barreiras, encurtava distâncias, levava qualquer pessoa a sentir-se acolhida, valorizada, importante. Com simplicidade, colocava-se à altura do outro, despertando-lhe confiança para uma aproximação sem medo. Era o avesso do que, muitas vezes até de forma constrangida, se viam forçados a pôr em prática os bispos daquele tempo.¹¹

O padre menciona o modo como D. Jaime se relacionava com seus diocesanos. Sua intenção era trazer para junto dele todos os fiéis por meio de uma postura amável e acessível.

Em postura revolucionária para a época, o jovem bispo mostrou independência [...] desde o primeiro momento, assumiu o volante de seu próprio veículo, uma ‘perua’ Willys adaptada a partir de um jipe, único veículo de passeio capaz de rasgar barreiros e areões deste imenso e bravo Norte do Paraná [...] também não logrou contar com o vigário geral, chanceler, secretário sequer com office-boy. Acostumados com o que acompanharam por décadas, os maringenses acabavam por julgar a coisa mais normal do mundo dar de cara com o bispo no correio, no banco, na farmácia, na rua..¹²

A disposição do bispo e sua proximidade com os diocesanos impressionavam a população, que não estava acostumada a conviver com um membro da alta hierarquia eclesial, de forma tão acessível. Ele portava-se como um cidadão comum, dirigindo seu carro, pagando suas contas, indo despachar suas correspondências. Esses aspectos eram importantes para construir a imagem de um bispo integrado ao povo, que não discriminava nenhum indivíduo, assim como Jesus Cristo não excluía ninguém e, como pastor, estava no meio de seu “rebanho” conduzindo-o.

Sob a conjuntura de fortalecimento doutrinal e forte ofensiva contra outras religiões ameaçadoras, a Igreja Católica no Brasil numa região nova como o norte do Paraná, em pleno

11 ROBLES, O., *Orivaldo Robles*: depoimento, [maio 2006], p. 2.

12 ROBLES, O., *Orivaldo Robles*: depoimento, [maio 2006], p. 3.

desenvolvimento., precisava se impor. D. Jaime assumiu essa responsabilidade de fortalecer o catolicismo e de criar uma unidade religiosa frente à heterogeneidade católica, devido ao fato de muitos católicos terem vindo de regiões diferentes e possuírem apropriações díspares do catolicismo. D. Jaime empenhava-se em converter os católicos e em promover o combate às religiões concorrentes.

Em seu lema “Cristo seja tudo em todos” e armado com seu brasão, o bispo iniciou seu trabalho, priorizando uma homogeneização do catolicismo com objetivos de cristianização, e contava com a participação importante do laicato nessa tarefa.

3.1 As frentes de atuação de D. Jaime

Os festejos de recepção acabaram, os convidados ilustres foram embora e D. Jaime viu-se à frente de sua diocese. A residência episcopal era uma casa de alvenaria, sem luxo, com espaço para o estritamente necessário, localizava-se a rua Lopes Trovão, (no Maringá Velho). Nesse local, também funcionava a cúria diocesana, “mas não passava do escritório do bispo”.¹³ A mãe dele e alguns familiares permaneceram em Maringá por algum tempo, para ajudarem na adaptação do bispo, pois ele saiu de uma cidade já constituída e moderna, como Ribeirão Preto, e foi para Maringá, que ainda apresentava pouco conforto, como falta de pavimentação e rede de saneamento.

No primeiro ano de governo, o bispo procurou visitar as paróquias e capelas, levantando os principais problemas como desorganização dos documentos paroquiais, falta de asseio, falta de edifícios e de clero, entre outros. E também se preparou para receber novas forças. No dia primeiro de setembro de 1957, por exemplo, chegaram as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, abrindo a casa de Nossa Senhora da Glória em Maringá. Em dezembro, chegaram os Irmãos Maristas que receberam da diocese o Ginásio de Maringá. No mesmo ano, as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria assumiram a Escola Paroquial Santo Inácio, mais tarde ampliada para Colégio e Escola Normal. O prelado também criou as paróquias de Terra Rica, São João de Caiuá e Nossa Senhora de Lourdes de Paranacity e nomeou os párocos. Ficaram à espera de criação as futuras paróquias de São Jorge, Santa Izabel do Ivaí, Florai e Cruzeiro do Sul, pois havia falta de clero. Nesse sentido, D. Jaime não escondeu, desde o primeiro contato com os seus diocesanos, a sua grande e primordial aspiração:

[...] construir o Seminário Diocesano, de onde sairão os futuros padres da diocese. A Cia Melhoramentos Norte do Paraná atendendo ao pedido de S. Exa., doou, generosamente, uma área de cinco alqueires, nas imediações do Clube Hípico, onde está sendo construído o Seminário Diocesano. O novo Bispo teve que imitar os desbravadores do Norte do Paraná. Recebendo as

13 ROBLES, O., *Orivaldo Robles: depoimento*, [maio 2006], p. 6.

terras em mato, logo mandou iniciar a derrubada, abriu-se o poço semi-artesiano, que jorrou ótima água e abundante, ligou a energia elétrica, e a pedra fundamental, lançada a 15 de agosto último, benta pelo Santo Padre, o Papa Pio XII, logo há de fazer frutificar o majestoso edifício que se vai erguer naquele aprazível bosque. Ali os seminaristas, em contato com a natureza, aprenderão as maravilhas de Deus, para mais tarde transmiti-las aos homens, que delas tanto necessitam.¹⁴

As aspirações de D. Jaime de promover em Maringá um celeiro vocacional estavam esboçadas nessa imediata ofensiva de criação do Seminário, que teve a pedra fundamental lançada no ano de 1958 e o início das obras no mesmo ano. Houve em toda a diocese intensa campanha para a realização de uma das mais importantes obras da diocese. O primeiro pavilhão do Seminário foi inaugurado em 24 de março de 1962. O bispo solicitou à Companhia ajuda que foi atendida por meio da doação do terreno. O bom relacionamento do bispo com os dirigentes do empreendimento começava a render seus primeiros frutos. O Seminário Diocesano maringaense abrigou 200 alunos e funcionou com os cursos ginasiais preparatórios de seis anos, que capacitavam para o curso superior de Filosofia e Teologia conforme os programas dos Seminários. Havia uma expectativa de numerosas vocações sacerdotais e religiosas, pois a maioria das famílias eram católicas e se constituíam sob as normatizações desse credo.

Não só a falta de clero e a necessidade de um Seminário eram os principais problemas da diocese maringaense, muita coisa deveria ser feita. No ano de 1958, além dos trabalhos preparatórios para a construção do Seminário houve o incentivo à construção, em alvenaria, de novas igrejas Matrizes, casas paroquiais e Colégios de Religiosas. Promoveu-se a fundação da Livraria Católica, que depois foi entregue às Irmãs Paulinas. Deu-se o recrutamento de vocações sacerdotais por meio da Semana das Vocações nas paróquias. O bispo também iniciou um programa diário na rádio Cultura de Maringá, “Por um mundo melhor” e passou a publicar uma coluna semanal no periódico “O jornal Gazeta Diária de Maringá.”¹⁵

No ano de 1959, D. Jaime sugeriu e solicitou ao governo do Estado a criação da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá – que posteriormente veio a se tornar a Universidade Estadual de Maringá – criada pela lei nº 4070, de 28 de agosto de 1959, o prelado ocupou o cargo de diretor da faculdade até o ano de 1964.

O bispo, também, promoveu a chegada de mais três Congregações Religiosas femininas: Irmãs Missionárias de Santo Antônio Claret, para atuarem em Maringá; as Missionárias Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, para atuarem em Nova Esperança; e Irmãs Filhas da Caridade (Vicentinas) para Paraíso do Norte. No mesmo ano, as Irmãs da Misericórdia de Maria Auxiliadora abriram, em Maringá, o seu Noviciado. E houve a

14 NORTE DO PARANÁ EM REVISTA, p. 14.

15 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 35.

fundação da Sociedade de São Vicente de Paulo, com conferências Vicentinas em todas as paróquias. Contando com o incentivo da Companhia promoveu, também, a ampliação da Santa Casa de Maringá.¹⁶

No período de 2 a 23 de agosto de 1959, D. Jaime realizou a sua primeira visita pastoral à paróquia de Nossa Senhora da Glória e iniciou o termo de visita afirmando:

Ao terminar a primeira visita pastoral que fizemos à Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Glória, nesta querida Diocese de Maringá, é nosso desejo deixar registrada neste livro de tombo paroquial a expressão sincera, amiga e paternal do nosso grande reconhecimento aos prezados padres palotinos e à sua sociedade pelo muito que conosco tem colaborado nestes primeiros anos de nosso governo na Diocese.¹⁷

D. Jaime teceu elogios e agradecimentos aos padres que atuavam na paróquia, como por exemplo, o padre Germano José Mayer, padre palotino que era o vigário da paróquia quando o bispo foi empossado. D. Jaime elogiou os trabalhos dos padres em suas capelas, e também destacou as ações das congregações e Ordens de Religiosas e Religiosos. Por meio de um discurso amável assumiu como “filhos” seus diocesanos e colaboradores. D. Jaime registra:

Queremos, pois, deixar para os tempos futuros, aqui registrado, tal o nosso reconhecimento pelo trabalho do padre Germano e dos seus cooperadores, já no tempo da nossa apostólica posse, fruto de um trabalho bem organizado e que é nossa maior glória de Deus e esplendor da Igreja já no decorrer desses quase três anos em que juntos estamos levando avante o Reino de Deus nesta Episcopal cidade.¹⁸

O bispo destacou a importância de seus clérigos como colaboradores na tarefa de governar a diocese e procurou estabelecer um bom relacionamento com eles. Como condutor do “rebanho” deveria, de forma dinâmica, viabilizar seus projetos, pois ele necessitava de toda ajuda possível. Ilustra-se como exemplo a construção do Seminário Diocesano: “cuja à frente está a figura apostólica do padre José, promotor do Seminário e diretor Diocesano da obra das vocações sacerdotais, que está na luta e empenho para termos em breve o nosso Seminário Sacerdotal da Diocese.”¹⁹

D. Jaime reconheceu a pluralidade da sociedade maringaense quando afirmou: “Uma cidade como esta que nos encontramos com pessoas vindas das mais diversas regiões e com

16 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 35.

17 COELHO, J. L., *Termo de Visita Pastoral*, p. 1.

18 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 2-3.

19 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 3.

mais diversos costumes, nada melhor que todos nós realizaremos o grande apostolado do amor, da caridade verdadeiramente cristã”.²⁰

O bispo convocou a ajuda de seu clero na tarefa de governar uma diocese formada por uma particular heterogeneidade. Para isso enfatizou o desempenho altruísta e generoso de seus colaboradores:

E é assim que queremos em meio a toda essa generosidade apostólica que encontraremos, pedir a todos e especialmente aos prezados padres que mais de perto nos conhecem, desculpas e perdão de nossa parte no exigir o desempenho das funções e realizações do nosso programa. Saibam com certeza, mas do que intolerância e exigências, é o nosso desejo imenso de realizar o lema, que faz a vida do nosso pobre episcopado. “Ser onnibus christus!” que Cristo seja Tudo em Todos, e para que isso se consiga, vamos lutar juntos, no campo que nos colocou Deus Nosso Senhor.²¹

D. Jaime deixou algumas recomendações para se manter em zelo às instalações da diocese. Ele recomendou:

Seja na Catedral na medida do possível, a Pia Batismal circundada por gradial. As pedras d’ara seja todas elas revestidas de linho. As afaias sejam todas sempre limpas, toalhas de altar alvas. Os vasos sagrados estejam sempre limpos e dourados; livros caixa sejam escriturados de acordo com as normas da contabilidade; que as escrituras dos livros paroquiais estejam sempre em dia com agendamentos de batizados, casamentos, crismas, óbitos, e com duplicatas para aqueles dos quais são exigidas. Antes de se construir uma capela, enviar a planta à Cúria pra a aprovação, exigir o terreno no mínimo 50x50, as comissões de capelas sejam compostas de homens idôneos, católicos nomeados pela autoridade diocesana, e sua duração é de um ano, caso não se resolva em contrário, as comissões devem ajudar o Vigário, e não prejudicar as obras paroquiais. E não nos esqueçamos das obras sociais, pois é um setor importante na vida da Igreja.²²

Observa-se a preocupação de D. Jaime com questões como limpeza dos edifícios religiosos e a organização das comissões paroquiais e, por fim, sobre a necessidade de construção de novas capelas. Em termos documentais, ele destacou também a organização dos livros e documentos das paróquias e reforçou a importância do desempenho nas obras sociais, pois foi por meio de sua atuação na área assistencial que a Igreja destacou-se. D. Jaime passou a ser visto como um bispo atuante e voltado para sanar as necessidades da sociedade e da população mais humilde.

20 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 3.

21 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 4.

22 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 5.

Nesse termo, D. Jaime expôs as principais obras da diocese que, naquele momento, compreendiam o Seminário Diocesano e a Catedral. O bispo convocou os diocesanos a ajudarem financeiramente e também tornarem-se voluntários nos trabalhos da Igreja Católica.

Depois de termos falado na construção do Reino de Deus nas almas, queremos deixar aqui também uma palavra sobre as duas obras que estamos realizando, com a ajuda de todos: o Seminário Diocesano e a Catedral casa de Deus e de Nossa Senhora, cujo projeto audacioso revolucionário, e que no estrangeiro foi louvada, admirada, como linhas que sobem para o céu, num significado bem próprio ao título da nossa Catedral diocesana a Nossa Senhora da Glória, ela é bem um convite dos maringaenses que meditando no mistério da Ascensão da Virgem e na sua Glória santifica, alimentem pensamentos da eternidade e vivam santamente aqui na terra. Para a realização desta obra contamos com a ajuda generosa de todos.²³

Nesse discurso, D. Jaime ressaltou a importância dos diocesanos de colaborarem com as obras da diocese. Destacou os significados de tais obras e enfatizou a importância da união entre os fiéis para a realização desses encargos.

Depois de ter visitado as quatorze capelas e ter realizado 2.393 crismas, D. Jaime por meio de uma linguagem afável dirigiu seus agradecimentos ao clero e aos seus colaboradores e procurou enfatizar a necessidade da atuante colaboração de todos, frente às necessidades da diocese, que ele elegia como urgentes.

A construção de uma nova catedral era um problema imediato, pois a que havia já se encontrava pequena para a grande demanda da diocese. O bispo por meio de sua influência convocou o povo e todos os demais órgãos sociais na tarefa de ajudarem na construção da mesma. Causou espanto ao mostrar a idéia de como seria a catedral, que fugiria aparentemente do estilo das construções tradicionais:

Vendo uma cidade nova que nascia no meio do barro e da poeira, não tendo ainda 10 anos de fundação, resolveu construir uma igreja moderna. Viu nos jornais o foguete *Sputnik*. Colocou uma cruz em cima e disse: “Talvez será assim a Catedral de Maringá”. A idéia transformou-se em realidade. Dom Jaime procurou Hermans Morais de Barros, diretor da Companhia Melhoramentos, que o apresentou ao arquiteto José Augusto Belluci, de São Paulo.²⁴

Essa reportagem demonstra que D. Jaime ao propor a construção da Catedral em estilo arquitetônico arrojado associava-se ao projeto da Companhia de criar uma estrutura urbana planejada, moderna para a sociedade maringaense. Apesar dos diocesanos estranharem

23 COELHO, J. L., *Termo de visita pastoral*, p. 5-6.

24 O DIÁRIO, D. Jaime Luiz Coelho: o pioneiro evangelizador, p. 12.

o projeto, a idéia saiu vitoriosa. A catedral, em estilo inovador, iria coroar os ideais de modernidade da cidade de Maringá que também faziam parte dos interesses da Companhia. Por outro lado, a posição central do terreno em que seria construída, conferia destaque à Igreja Católica como normatizadora da sociedade, solidificaria o seu posicionamento de instituição mais importante e presente em todos os locais. É possível observar a imagem criada do bispo e da catedral no relato do memorialista Ademar Shiovone que o descreve como:

Homem de visão cosmopolita e com determinação férrea, engendrou a construção da catedral de Nossa Senhora da Glória, com a certeza de que com a sua grandiosidade, seria um dia Basílica de Maringá. Na época do lançamento com maquetes e tudo, lembro-me de muita gente que achava a idéia uma loucura [...] Dom. Jaime nunca se importou com isso. Determinado, lançou o projeto e começou a construção daquela que seria o maior monumento da América Latina e o décimo em altura.²⁵

Depois do projeto pronto e aprovado, no dia 15 de agosto de 1958 foi lançada a pedra fundamental no local da construção. O início do alicerce deu-se em julho de 1959 e, em 1972, ocorreu o término da construção em concreto. O último vitral foi colocado em dezembro de 1979. A catedral²⁶ foi inspirada no significado da palavra “*poutinikki*”, que vem do russo e designa o peregrino que se afasta do mundo para ficar mais perto de Deus, numa associação com a padroeira de Maringá, que é Nossa Senhora da Glória na sua assunção aos céus. Com essa referência o bispo esboçava o triunfo da Igreja Católica na sociedade, em prol da purificação dos católicos, desde que esses internalizassem as normas e conselhos da Igreja.

Em seus aspectos simbólicos, a catedral é carregada de significados, a obra representa o manto de Nossa Senhora, sendo os vitrais circundantes as rugas deste manto apoiados em um plano. No interior, a altura do monumento passa uma idéia de infinito devido a distância do chão até o topo. Os vitrais apresentam um jogo de cores abstratas, desejadas por D. Jaime para representarem na história da criação a queda do homem e sua caminhada para a salvação: começam em cores suaves e penitenciais (o pecado), indo em direção ao Batistério (verde), na esperança do perdão de Deus. Vão-se clareando as cores até encontrar a porta principal, onde está o único vitral representativo com figura humana – Nossa Senhora. A partir daí os vitrais seguem até o Santíssimo Sacramento. A porta principal da catedral está voltada para o norte, a Capela do Santíssimo para o nascente e a do Batistério para o poente; a porta que leva à cripta, onde serão sepultados os bispos, fica ao sul.²⁷

25 SHIAVONE, A., *Memórias de um bom sujeito*.

26 As características da construção são: possui um diâmetro de 50m e uma nave única, também circular, com diâmetros internos de 38 m, o cone possui uma altura de 114 m mais 10m de cruz, no total de 124 m e envolve um segundo cone com altura livre interna de 84 m. Possui 515 degraus até a cruz, o mirante fica à 84 m, carrilhões de 8 sinos, ossário à 45m, o piso é granito, vindo do Estado do Espírito Santo, os bancos são de madeira cerejeira de Rondônia, e possui artísticos e representativos, 16 vitrais do artista Lorenz Helmar.

27 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 51.

No interior da catedral, o altar possui 3,20m. por 1,20m. Atrás do altar estão as cátedras (assentos dos prelados), com uma curvatura acima do encosto, representando a limitação pelo desejo material. As Capelas do Santíssimo Sacramento e do Batistério – cuja pia batismal é um bloco de mármore branco – são armadas em ferro batido e piramidal, acompanham toda a arquitetura da catedral. E o crucifixo de madeira de 7 m, do escultor Conrado Moser, colocado ao lado direito do altar, lembra todo o mistério da redenção.²⁸

Observa-se que com esse projeto da catedral maringaense, o bispo, aparentemente, fugiu aos moldes tradicionais em construções sacras. Porém, apresentou implícita na construção todos os desejos e características dos dogmas católicos, que apresentam a Igreja Católica como instituição atuante na salvação da sociedade, ao esboçar que o homem ao cair em pecado devia caminhar para a salvação entrando no templo sagrado, representado ali pela imponente Catedral Diocesana. Sendo assim, D. Jaime através de seu projeto atendeu aos desejos da Companhia, ao construir uma Igreja de aspectos modernos e arrojados, e ao mesmo tempo ao apresentar todo o significado simbólico que atendia aos anseios da Santa Sé em seu projeto de trazer todos à Igreja: o templo sagrado e caminho para a salvação.

Para desenvolver esse projeto de grande magnitude, o bispo solicitou a colaboração de toda a sociedade maringaense, apelou para os políticos, para os dirigentes da Companhia, e também para os cafeicultores da região, que muito colaboravam com a diocese. As comissões formadas por padres e religiosos percorriam as propriedades, levando a proposta de construção da catedral e solicitavam ajuda em nome de D. Jaime. A Sr. Idalina Alegrete, comenta:

A região de Maringá vinha enfrentado no período do frio muitas geadas, que acabava com boa parte das produções de café, o prejuízo era grande viu. Então D. Jaime após uma missa, reuniu muitas pessoas na praça e prometeu cinco anos sem geada se todos trabalhassem com empenho para conseguir dinheiro para terminar a catedral. Nós ajudamos muito com quermesses realizadas na praça mesmo, não foi só a minha barraquinha que rendeu, tinha muitas, das etnias que existem aqui né. Todas as colônias tinham suas barracas com produtos típicos, portugueses, espanhóis, alemães, italianos, até naquele tempo tinha ucranianos, sírios-libaneses, todos colaboraram nessa quermesse, que foi um bom dinheiro que entrou para a construção da catedral. E realmente, só após o quinto ano, voltou a gear.²⁹

D. Jaime em seu discurso utilizava-se da confiança depositada na pessoa dele, para prometer cinco anos sem geada, com a condição de que os diocesanos se empenhassem em prol da construção da catedral. A população aceitou a proposta e trabalhou visando atender à solicitação. E o fato de ter voltado a gear após o tempo proposto pelo bispo, promoveu o aumento de sua credibilidade e aceitação.

28 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 51.

29 ALEGRETE, I. A., *Idalina Augusta Alegrete: depoimento*, [agosto 2003], p. 3.

No ano de 1960, foram criadas sete novas paróquias: Cruzeiro do Sul, Ivatuba, Santo Antônio de Pádua, Graciosa, Planaltina, Santa Cruz do Monte Castelo e Floresta. O bispo viabilizou a chegada de outras Congregações Religiosas femininas para a Diocese, como: Irmãs Filhas da Caridade (Vicentinas), para atuarem em Maringá no albergue e no Hospital Santa Rita, e no colégio em Paranavaí, e também as Religiosas da instrução cristã para atuarem no colégio em Mandaguaçu. E também fundou o Movimento Familiar Cristão na diocese.

Nas demais e imediatas frentes de atuação de D. Jaime estavam em pauta outras obras no campo da assistência social, por exemplo, a Santa Casa de Maringá que necessitava de investimentos para ampliação e reformas. Houve também a construção da Creche Menino Jesus, que contou com a ajuda da Companhia, doadora do espaço. a população, por sua vez, colaborou com ajuda financeira e material. Os cafeicultores da região sempre colaboravam com as obras assistenciais da diocese, viabilizando recursos.

Tendo em vista a mistura cultural promovida pelas frentes migratórias, o culto católico apresentou algumas disparidades. Isso devido ao hibridismo existente no local, esse não caracterizou a intensidade da fé e sim as formas com que ela era desempenhada por cada grupo. D. Jaime por intermédio de sua proposta de levar Cristo a todos, englobou essa tarefa de homogeneizar as práticas e desempenho do catolicismo local. Ajudado pelo imaginário criado em torno dele e de seu prestígio como organizador do espaço cristão-católico, o bispo construiu as bases para tal unificação promovendo a consolidação da Igreja Católica na sociedade maringaense.

O êxito de tal ofensiva pode ser observado nas declarações da Senhora Idalina Augusta Alegrette, católica procedente do Estado do Rio Grande do Sul, que chegou a Maringá em 1955. Através de suas percepções, conta como era o catolicismo em Maringá antes e depois da chegada do Bispo. Ela destaca:

Como eu vim de um Estado que leva a religião muito a sério, que é o Rio Grande do Sul, eu estranhei muito quando cheguei aqui em Maringá, porque eu percebi que a religiosidade do povo era muito superficial, muito diferente daquela que eu tinha sido criada né. Bem diferente mesmo, não existia a catedral, existia só uma igreja que era atendida pelos padres palotinos na ocasião. O povo chegava para a missa e não se comportavam durante o sermão, conversavam, as mulheres não usavam véu, às vezes chegava um nordestino e amarrava uma fita do Senhor do Bom Fim, em uma cruz e saía, era uma desordem. Depois de dois anos que eu estava aqui que veio D. Jaime como bispo de Maringá, e aí houve modificações em todos os setores e ele impôs respeito, era um líder nato, muito culto todos tinham prazer em ouvir ele falar, ele visitava os colégios, pois como eu disse né, a religião em Maringá era muito superficial, então ele ia conversar com os alunos.³⁰

30 ALEGRETE, I. A., *Idalina Augusta Alegrete*: depoimento, [agosto 2003], p. 4.

Observa-se que toda a carga simbólica depositada na construção da imagem de D. Jaime possibilitou a ele ser entendido como promotor do progresso da urbanização, da civilização e do catolicismo em Maringá. A senhora Idalina entendia sua forma de comportamento como referência em relação às outras, e muito mais adequada. O bispo era tido, nesse sentido, como solucionador de problemas de dispersão de fiéis. Referenciado como líder nato, D. Jaime passou a ser o condutor do “rebanho disperso”.

Outro problema a ser sanado era a presença de religiões concorrentes, que tornavam a disputa no mercado religioso acirrada. Nesse sentido, o bispo procurou promover um plano de ação voltado para o desenvolvimento da Igreja Católica no município. Os católicos foram convocados para ajudarem na tarefa de evangelizar a sociedade e converter os incrédulos. A década de 1950 chegava ao fim e a Igreja Católica passava por modificações na tentativa de vencer a ameaça da proliferação de novas religiões e alguns problemas internos, como a falta de clero, por exemplo.

O papa Pio XII faleceu em 1958 e com a entrada de seu substituto, João XXIII, as mudanças puderam ser bem constituídas. Com o Concílio Vaticano II, convocado por ele, discutiu-se a necessidade de uma atuação mais aberta da Igreja Católica, isso em diversos aspectos, e a aproximação leiga era um deles. A partir desse momento os leigos eram convidados a fazerem parte da militância evangelizadora. Antes os movimentos leigos possuíam pouca autonomia, devido à atuação de um sistema hierárquico fechado. Com as reformas conciliares surgiu a possibilidade de abertura dessa postura e trazer o leigo para perto tornou-se determinante na tarefa de vencer as diversidades modernas. A abertura da primeira sessão do Concílio Ecumênico do Vaticano II ocorreu em 11 de outubro de 1962, D. Jaime participou de quatro sessões. Antes das determinações do Concílio do Vaticano II serem editadas oficialmente pela Santa Sé, D. Jaime determinou, baseado nas determinações conciliares, como deveriam ser feitas as orações comuns ou dos fiéis durante a missa, em toda sua diocese, que deveriam seguir os parâmetros abaixo:

Antes do ofertório, dito o “Oremos”, o Celebrante, voltado para o povo, dirija do altar as orações comuns ou dos fiéis. As intenções “pela Santa Igreja, por aqueles que detêm a autoridade pública, pelos que são afligidos por diversas necessidades, e por todos os homens e a salvação do mundo inteiro”, podem ser cantadas por um cantor ou outro ministro competente, mas reservam-se ao celebrante as palavras de introdução e a oração conclusiva, que será a de nº 20 entre as *Orationes diversal do Missale Romanum* (Deus nosso refugio e fortaleza), ou outro mais apropriado a celebração do dia e as necessidades próprias. Antes desta oração final, o Celebrante permitirá uma pausa para oração silenciosa do povo.³¹

São evidentes as preocupações de D. Jaime em enquadrar a liturgia desempenhada na

31 CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ. *Circular*: Como deve ser celebrada as orações comuns dos fiéis, p. 2.

diocese em consonância com as novas determinações conciliares. Antes dessas se tornarem oficiais, o prelado procurou antecipar essas modificações.

Outra determinação, que fora abordada no Concílio, foi o incentivo à participação na Igreja da comunidade leiga, devido à escassez de sacerdotes, antes mesmo do Concílio ser convocado, D. Jaime se preocupava com este problema evidente e com grande tendência de agravar-se. E em sua carta pastoral de saudação aos diocesanos, publicada, em 1957, o bispo dedicou um item aos leigos, convocando-os para a participação na Igreja e na evangelização. Com as determinações conciliares, os incentivos aumentaram e a comunidade maringense apresentava uma presença efetiva na diocese, por intermédio dos movimentos leigos que surgiram. São eles: Movimento Familiar Cristão, Movimento de Cursilhos de Cristandade, Focolares, Congregados Marianos, Vicentinos, Apostolado da Oração, Oficina de Oração, Sociedade São Vicente de Paulo e outros, e a atuação marcante das mais variadas Pastorais específicas.³²

A tendência reformista de D. Jaime legitimava as suas ações em apoio à participação leiga na evangelização nas fileiras de sua diocese. A presença dos leigos na Instituição atendia às suas necessidades internas. Por outro lado, forçava a Igreja a posicionar-se e atuar frente às questões políticas e sociais. Marchi afirma:

Durante a década de sessenta, o problema agravou-se em decorrência do número de pedidos de suspensão do ministério, provocando baixas significativas nos quadros do clero católico. A presença dos leigos, se, por um lado, explicava as virtualidades internas da Instituição, por outro, pressionava a hierarquia a posicionar-se frente às questões econômicas, sociais e políticas que preocupavam toda a sociedade brasileira.³³

A Igreja desejava continuar a ser uma instituição universal e como se encontrava dentro de uma sociedade cada vez mais secularizada e democrática, deveria desenvolver meios de se manter atuante. Nesse contexto, o modelo de Igreja reformista era uma das respostas.³⁴ Em suas características os reformistas:

[...] acreditavam que a mudança política era necessária para criar uma sociedade mais justa, mas rejeitavam as transformações radicais. Eram mais democráticos nas práticas eclesiais, dando mais autonomia aos grupos leigos. Estimulavam várias reformas eclesiais, inclusive na liturgia e no catecismo, e davam mais atenção ao trabalho com as massas do que seus predecessores.³⁵

32 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 51-52.

33 MARCHI, E., *A Igreja e o plano de emergência – 1952/1962*, p. 91.

34 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916- 1985*, p. 66.

35 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916 1985*, p. 66.

A CNBB³⁶ era a força mais importante para as frentes reformistas. Com o apoio dos reformistas do Vaticano, entre os anos de 1955 e 1964, iniciaram programas, de cunho local ou de base, em prol de mudanças eclesiais. Por intermédio da criação de movimentos como: “Movimentos Litúrgico, Movimento Bíblico Católico e outros tais como o Movimento Familiar Cristão, que tentaram desenvolver uma cristandade mais profunda e tornar o laicato mais ativo dentro da Igreja.”³⁷

Durante a gestão de D. Jaime em Maringá, a Igreja Católica passou por inúmeras transformações em sua organização e em autocompreensão, sobretudo após o Concílio Vaticano II. Como bispo, preocupou-se tanto com as questões políticas quanto com as problemáticas sociais. As críticas ao socialismo e ao comunismo estendiam-se ao capitalismo que expunha a sociedade a graves perigos, como a secularização da sociedade, a desordem econômica, a grande concentração de rendas, a ganância e o descontentamento das massas. D. Jaime rejeitava a luta de classes e a revolução por gerar o caos, a desordem e o mal. Em vez da supressão da propriedade privada defendia o acesso à propriedade privada aos trabalhadores.

D. Jaime apresenta-se, nesse contexto, como representante da ala reformista, por aceitar e utilizar dos aspectos e possibilidades apresentados pela sociedade moderna, e por meio de sua maior ênfase para a missão social da Igreja oferecer mais autonomia aos movimentos leigos, buscando criar Movimentos e Apostolados Católicos em sua diocese.

A Igreja Católica no Brasil se preocupava em manter-se, sempre, em colaboração com o Estado. Já na primeira reunião da CNBB, em Manaus, no ano de 1952, as discussões dos prelados deram ênfase à colaboração da instituição com o Estado, prestigiando-o moralmente. Em troca desse apoio a Igreja teria plena liberdade para ampliar sua rede de instituições de ensino, saúde, assistência e até mesmo de comunicação.³⁸

A Igreja modernizava sua forma de atuação na sociedade e propusera-se tornar-se a promotora do desenvolvimento a fim de evitar o comunismo. Ao ir ao encontro das camadas populares, em regiões atrasadas e subdesenvolvidas, procurava atualizar e agilizar sua ofensiva de assistência social em colaboração com o Estado. Pois as massas descontentes estariam a mercê da doutrina comunista.³⁹ A Igreja propunha-se oferecer à sociedade a solução para os seus problemas, corrigindo o capitalismo de seus desvios e excessos e condenando o comunismo. Era necessário reformar o capitalismo. As encíclicas *Mater et Magistra* e

36 A Conferencia Nacional dos Bispos Brasileiros foi criada, em 1952, através da iniciativa de D. Helder Câmara, com o forte apoio dos reformistas do Vaticano. Foi uma das primeiras conferencias episcopais nacionais do mundo e a primeira da América Latina. Desde o seu princípio, a CNBB tem sido muito importante na Igreja Brasileira. Legitimou algumas práticas, desencorajou e até proibiu outras tendências eclesiais. MAINWARING, S., *A Igreja Católica e Política no Brasil 1916-1985*, p. 66.

37 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 67.

38 CAMARGO, C. P. F. de.; SOUZA, B. M. de.; PIERUCCI, A. F. O. de., Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, B., *História geral da civilização brasileira*, p. 358.

39 CAMARGO, C. P. F. de.; SOUZA, B. M. de.; PIERUCCI, A. F. O. de., Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, B., *História geral da civilização brasileira*, p. 362-363.

Pacem in Terris, de João XXIII, publicadas em 1961 e 1963, respectivamente, trataram dos problemas do mundo subdesenvolvido. O papa condenava as desigualdades sociais, a situação precária dos trabalhadores que tinham jornadas intensas e recebiam baixos salários. Segundo Marchi, o Papa considerava “como tristíssimo espetáculo o fato de inumeráveis trabalhadores, em muitas nações viverem com um salário que os submetiam, juntamente com suas famílias, a condições de vida infra-humanas, enquanto muitos viviam no luxo desenfreado, desperdício e esbanjamento.”⁴⁰

A principal missão da Igreja Católica era de santificar as almas. O sucesso dessa missão, naquele momento, dependia de vários fatores, ligados à sociedade, por esse motivo a Igreja preocupava-se com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só no que dizia respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se referia à propriedade e à civilização em seus múltiplos aspectos, dentro das características de várias épocas.

A preocupação de João XXIII de realizar com sucesso a missão da Santa Igreja condicionava a necessidade de execução do plano de emergência, em busca de resultados frente ao perigo da secularização das massas, derivadas do aumento do pauperismo e das más condições dos trabalhadores. No Brasil, as encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* foram acolhidas como oportuníssimas:

[...] os porta-vozes da hierarquia brasileira reafirmaram a gravidade da situação do meio rural brasileiro, chegando mesmo a esboçar um roteiro de atividades no intuito de ajudar a integrar a agricultura brasileira no ritmo do desenvolvimento nacional. Para tanto, propunham a melhoria dos meios de comunicação assistência local a todos os setores da cultura, profissionalização e aproveitamento da mão-de-obra, seguros e previdência sociais, além de uma política econômica adequada. o documento praticamente era dirigido à Ação Católica Rural, postulando maior dinamismo dos movimentos leigos específicos para o meio agrícola – Juventude Agrária Católica (JAC) e Liga Agrária Católica (LAC) – no sentido de assegurar às massas católicas no campo, mística bastante forte para contrabalançar e superar a mística comunista.⁴¹

A hierarquia eclesiástica brasileira passou a preocupar-se com as condições dos trabalhadores rurais e a concentração fundiária, passando a defender a modernização e a recuperação econômica e social da agricultura brasileira. A CNBB apoiava iniciativas como a de sindicalização rural, encomendada pelos bispos do Nordeste, e as frentes agrárias dos bispos do Paraná e Rio Grande do Sul e, sobretudo, o Movimento de Educação de Base (MEB). Pois essa foi a ofensiva da Igreja para acompanhar o desenvolvimento e o progresso da sociedade.

40 MARCHI, E., *A Igreja e o plano de emergência – 1952/1962*, p. 89.

41 CAMARGO, C. P. F. de; SOUZA, B. M. de; PIERUCCI, A. F. O. de., *Igreja Católica: 1945-1970*. In: FAUSTO, B., *História geral da civilização brasileira*, p. 365.

Para os bispos da época a forma mais eficaz de fazer frente à ameaça comunista era promover reformas para satisfazer às aspirações da massa descontente, no caso, os trabalhadores rurais. Em Maringá, o partido comunista de Curitiba surgiu como problema a ser combatido pela Igreja Católica. D. Jaime procurou combater a atuação e a influência comunista na sociedade maringaense.

Três meses após a publicação da encíclica de João XXIII, que propunha a solução para esses males, D. Jaime em Maringá participou da fundação de uma frente agrária para combater a ameaça comunista na região. O partido comunista, com sede em Curitiba, procurava aumentar suas bases no norte do Paraná. Com o intuito de solucionar os problemas do pequeno trabalhador rural e anular o avanço da ideologia comunista ocorreu a criação da Frente Agrária Paranaense (FAP), cuja sede localizava-se em Londrina. E era uma sociedade civil com personalidade jurídica, constituída por número ilimitado de sócios e destinada a congregar todos trabalhadores rurais do Estado do Paraná, com o objetivo de promover a união da classe para reivindicação e defesa dos seus direitos e de prestar-lhe assistência social, educacional e técnica.

No dia 13 de agosto de 1961, foi realizado o II Congresso de Trabalhadores Rurais do Paraná, no município de Maringá, contando com autoridades de diversos partidos. D. Jaime reagiu a esse evento, organizando na mesma data e horário a “Festa da Lavoura”, que contou com a presença das autoridades religiosas (bispos de Londrina e Jacarezinho), civis e militares. Ocasão que foi “oficialmente criada, nessa diocese, a Frente Agrária Paranaense. Associação que visava levar ao Trabalhador Rural, na medida das suas possibilidades; o amparo para uma vida humana.”⁴²O bispo buscava apoio à ofensiva anticomunista.

As intenções com a criação da FAP consistiam em impedir que os trabalhadores rurais tomassem contato com as ideologias revolucionárias, no caso, o partido comunista, no afã de reivindicarem suas necessidades e direitos. Segundo a hierarquia eclesiástica os comunistas preocupavam-se em intensificar a organização dos trabalhadores e em promover neles mudanças no modo de pensarem tanto nos aspectos religiosos quanto nos políticos ou sociais. Sendo assim a Igreja Católica objetivava manter os trabalhadores longe desta influência.

A programação da criação da FAP consistiu em uma Missa Campal, às 10 horas da manhã em frente à Catedral e às 14 horas um desfile pelas ruas do centro, passando exatamente pela praça central onde se realizava o congresso dos trabalhadores rurais do Paraná. Para maior êxito na manifestação, o bispo solicitou o auxílio das congregações, das autoridades de todo o Estado, para as quais ele mandou convite com alguns dias de antecedência.

Os ofícios em resposta demonstram apoio às aspirações do episcopado norte

42 COELHO, J. L., *Carta convite: a festa da Lavoura*. Maringá, p. 1.

paranaense frente ao avanço comunista. Na medida em que essas respostas em apoio partiram de aliados de D. Jaime, o então governador do Estado do Paraná na época, Sr. Ney Braga, respondeu cordialmente ao convite do bispo:

Recebi com emoção o convite para participar da Festa da Lavoura que a Frente Agrária Paranaense realizará no próximo dia 13 em Maringá, farei possível para comparecer, entretanto asseguro o meu integral apoio, e mandarei representantes de órgãos do governo, incluindo o secretário do Estado, sei que precisamos apoiar Vs. Rever, para juntos resolvermos os angustiantes problemas da lavoura, dentro do espírito cristão que norte sempre todas minhas ações.⁴³

Nesse evento, as autoridades clericais acabaram por instigar nos fiéis e colaboradores uma certa hostilidade frente ao congresso e seus participantes. Isso porque os bispos de Jacarezinho, Londrina e Maringá referenciavam o comunismo, como representação do mal, do “diabólico”, inimigos mortais cujos fiéis diocesanos deveriam ajudar a combater. Todas as congregações e ordens religiosas, pastorais e colaboradores participaram da manifestação e posicionaram apoio à Igreja. A Irmã Superiora do Colégio Santa Cruz, Irmã Terezinha, esboçou em carta seu apoio:

No dia em que V. Excia. lutara arduamente, em prol da Religião combatendo contra o comunismo ateu que se manifestara em Maringá, às alunas deste Estabelecimento elevaram suas preces à Virgem Maria rezando a tradicional oração das “Mil Ave-Marias”. Não somente elas, também os pais as acompanharam. a comunidade diocesana e o Corpo de Docente da casa de ensino compartilhou com muito ardor nesta campanha de orações. Parabenzamos V. Excia. Pela bravura com que lutou incansavelmente neste dia. Aqui ficam os corações que muito desejam trabalhar na obra de Cristo.⁴⁴

A carta mostra o apoio espiritual dedicado ao bispo na investida contra o comunismo. Além disso, a irmã referencia D. Jaime como um homem corajoso e bravo, militante na liderança do combate ao partido extremista.

Porém, mesmo com todo o empenho de D. Jaime, existiam em Maringá e região condições favoráveis à aceitação da proposta comunista, como, por exemplo, a Câmara Municipal de Mandaguáçu, cujo presidente era o Sr. Sebastião Castanhar, que juntamente com os vereadores, criou na cidade uma entidade social com o nome de “União Geral dos Trabalhadores de Mandaguáçu”. Esses, através de ofício, exigiram uma retratação pública de D. Jaime, por ter lhes taxado de comunista. O documento afirma que a entidade atuava

43 BRAGA, N., *Correspondência: Agradecimento ao convite*, p. 1.

44 CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ. *Correspondência recebida de Irmã Terezinha*, p. 1.

em defesa do pequeno trabalhador e não tinha vínculos com o partido comunista.⁴⁵ D. Jaime, em resposta, afirmou que a condição de bispo e brasileiro assegurava-lhe o direito e o dever de zelar pelos seus diocesanos e compatriotas, prevenindo-os do perigo comunista ateu, materialista, anti-democrático e anti-nacional.⁴⁶

D. Jaime procurava, por meio de sua influência, promover uma imagem negativa do partido comunista e dos seus partidários. Suas intervenções na política local eram explícitas, pois não escondia de ninguém qual candidato apoiava e a quem se opunha. Ele mobilizava o eleitorado católico em seu proveito ao canalizar o voto deles para a defesa dos interesses da Igreja Católica. O objetivo era evitar que candidatos hostis fossem eleitos e aproximar-se do Estado, por meio de grupos de pressão, de candidatos que defendiam as prerrogativas católicas e por meio de relações amistosas com os governantes em todos os âmbitos. O eleitorado católico era lembrado sobre o dever de votar e esclarecido sobre os candidatos que mereciam os votos dos católicos. O eleitor deveria informar-se sobre a trajetória política do candidato, suas propostas, sobre sua vida privada e pública e, sobretudo, sobre sua posição perante a Igreja Católica. Para merecer o voto dos católicos os candidatos deveriam defender as reivindicações e os princípios da instituição. Cabia aos poderes públicos acatar as propostas da hierarquia católica (indissolubilidade do vínculo conjugal, condenação ao aborto, ensino religioso obrigatório, intervenção do Estado na vida econômica) e amparar com recursos e incentivos suas obras assistenciais e de estabelecimentos de ensino da Igreja Católica.

Uma evidência dessa postura é sua coluna no semanal “O jornal Gazeta Diária de Maringá”, na qual o bispo procurava influenciar os diocesanos a votarem em determinados candidatos. Ele assevera em uma das edições de 1960:

Diante de nossa obrigação de guardas do Evangelho não estamos afirmando e nem os padres da diocese em nosso nome, que o Sr. Nelson Maculan é ou foi comunista. Os jornais, no entanto deste mês de agosto, publicaram o manifesto dos comunistas paranaenses dando pleno apoio aos candidatos seus. Teixeira Lott, João Goulart e Nelson Maculan. Dentro das diretrizes da Igreja Católica, os padres em obediência às nossas instruções superiores, aliás, publicadas bem antes do manifesto dos comunistas, estão chamados à sua consciência de eleitores católicos os nossos fiéis diocesanos. Isto é dentro das normas da Igreja, o eleitor católico não pode votar, não pode só não votar nos candidatos comunistas, mas nem mesmo nos candidatos dos comunistas.⁴⁷

Nesse outro artigo, também escrito em sua coluna semanal intitulada “Por um mundo

45 CASTANHAR, S., *Ofício recebido*: A “União Geral dos Trabalhadores de Mandaguaçu”, não se envolve com o comunismo, p. 1.

46 COELHO, J. L., *Ofício expedido*, p. 13.

47 COELHO, J. L., Cuidado Eleitor Católico. *O Jornal*, p. 13.

melhor”, D. Jaime expôs seus posicionamentos políticos partidários em relação às eleições para governador em 1960:

Campanha cívica e patriótica. Eleitor cristão, escolha entre os candidatos aquele que é o melhor. VOTE no candidato cujo passado é uma garantia segura de que cumprirá aquilo que promete. NÃO VOTE no mentiroso e aventureiro. VOTE no candidato que é realmente honesto e de caráter. NÃO VOTE no hipócrita e oportunista. VOTE no candidato competente e capaz. NÃO VOTE no divorcista, comunista ou inimigo do ensino particular. VOTE no candidato que é trabalhador autêntico seja empregado ou empregador. NÃO VOTE no demagogo, falso amigo do povo, que só quer a luta de classe. VOTE no candidato que é homem de bem e de crédito. NÃO VOTE naquele que faz propaganda desleal ou afrontosa ao seu concorrente. VOTE no candidato que realmente trabalha e luta pelo bem público. NÃO VOTE naquele que é “apenas” um dos seus amigos, ou parentes. CUMPRA o dever cívico e religioso de votar bem para a moralização política do Brasil.⁴⁸

Esse discurso demonstra seu apoio ao candidato Ney Braga. Por intermédio de seu prestígio e acesso aos meios de comunicações, o bispo expõe sua preferência e, ao mesmo tempo, instiga os diocesanos a seguirem suas recomendações. Cioso de suas prerrogativas fazia questão de celebrar as missas na catedral. Seus sermões eram uma tribuna onde podia dedicar-se a temas variados desde o ensino da doutrina católica até a defesa de suas convicções políticas. Nesse sentido, era inegável o papel político que o bispo ocupava em Maringá, no estado do Paraná e no Brasil. O seu envolvimento com a política local, estadual e nacional garantia muitos benefícios para Maringá, pois os candidatos que ele apoiava venciam as eleições e em retribuição liberavam recursos para a diocese e para os empreendimentos do bispo, do clero e das instituições católicas. Segundo memórias:

Dom Jaime sempre participou da vida política de Maringá e do Paraná. Tornou-se amigo pessoal de Ney Braga e liderou sempre, mesmo que por trás das cortinas, as campanhas de Ney aos diversos cargos que disputou. Soube, também, usar dessa amizade para conseguir benefícios para a cidade, como a construção do Seminário Diocesano, verbas para a construção da Catedral, instalação da faculdade de Direito e construção e instalação da Universidade. O ensino superior de Maringá deve muito a Dom Jaime.⁴⁹

Shiavone, nesse fragmento descreve a atuação de D. Jaime na política, porém com cautela, pois ele afirma que o bispo atuava mesmo nos bastidores. Essa cautela certamente é para que a imagem de D. Jaime não aparecesse predominantemente vinculada à política.

A citação esboça também o jogo de interesses entre a Igreja e o Estado em Maringá,

48 COELHO, J. L., Cuidado Eleitor Católico. *O Jornal*, p. 13.

49 SHIAVONE, A., *Memórias de um bom sujeito*.

onde o candidato solicitava o prestígio de D. Jaime para vencer as eleições. O bispo, por sua vez, utilizava esse apoio para conseguir recursos e ajudas em projetos da diocese.

No Brasil, a década de 60 não só revelou mudanças no cenário religioso. O meio político também enfrentava momentos de instabilidade, derivados de uma polarização partidária que dividira o país politicamente entre a direita e a esquerda. Segundo Mainwaring:

Por volta de 1964, a Igreja brasileira havia se modificado de maneira significativa, mas a Igreja sofria graves conflitos internos. Num extremo estava a esquerda católica comprometida com uma transformação social radical. No outro, estavam os tradicionalistas, de cujas fileiras surgiu a direita católica [...] que ajudou a provocar a queda do presidente Goulart em 1964 e a gerar pressões contra a esquerda católica e os bispos progressistas. O golpe militar de 1964 significava que a direita havia prevalecido temporariamente sobre a esquerda tanto na Igreja como na luta política mais ampla. O governo militar apoiava o anticomunismo da direita católica e a direita deteve sua posição de proeminência dentro da Igreja por vários anos à frente.⁵⁰

A hierarquia católica e o governo militar apoiavam o anticomunismo. Nesse sentido, “o golpe militar de 1964 significava que a direita havia prevalecido temporariamente sobre a esquerda, tanto na Igreja como na luta política mais ampla.”⁵¹ Desse período em diante a Igreja passou a desempenhar uma posição ambígua e pendular com o Estado, quer de apoio e colaboração, quer de crítica diante de antagonismos e entraves como a repressão, o fim das liberdades democráticas, perseguições ao clero e aos movimentos de Ação Católica, fizeram com que o clero e parte da hierarquia eclesiástica retirassem seu apoio institucional, que já vinha sendo recusado pelos setores radicais desse movimento. Nos anos de 1967 e 1968 os conflitos entre a Igreja e o Estado se intensificaram. Neste ano o governo promulgou o AI-5 e a Igreja se reuniu em Medellín com a presença do Papa Paulo VI, e assumiu uma posição de vanguarda com os movimentos eclesiais de Base.

Os documentos do II Encontro Episcopal Latino-Americano em Medellín definem com precisão a opção da Igreja pelos novos grupos de cristãos: categorias sociais excluídas e as comunidades de base. Na década de 1970 aprofundaram-se os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado, pois a defesa dos direitos humanos levou a uma maior atenção às classes menos favorecidas e a apoiar movimentos e manifestações sociais. Portanto, contrapôs-se a violência do Estado autoritário e ditatorial. Porém, havia a existência de uma divisão interna opondo hierarquias progressistas, que defendiam os direitos humanos e a libertação dos oprimidos e os tradicionalistas, que apoiavam o Estado autoritário e ditatorial e a unidade institucional.⁵²

50 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 64-65.

51 MAINWARING, S., *A Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*, p. 64 -65.

52 CAMARCO, C. P. F. de; SOUZA, B. M. de; PIERUCCI, A. F. O. de. *Igreja Católica: 1945-1970*. In: FAUSTO, B., *História geral da civilização brasileira.*, p. 372.

A postura da ética social católica que criticava a realidade social brasileira manifestou-se, igualmente, em órgãos da CNBB como:

[...] o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra. Alterações na estrutura da Igreja em sua organização e na maneira de formular a teologia constituem expressão das mudanças apontadas e, igualmente, meios indispensáveis para sua efetivação. Além da CNBB e dos órgãos interdiocesanos voltados para problemáticas específicas, como a dos indígenas e a do acesso à terra, desenvolveu-se novo módulo eclesial: as Comunidades Eclesiais de Base. Este último, fortalecendo nas periferias urbanas e na zona rural, organiza-se como um pequeno grupo de fiéis dedicados a oração, ao auxílio mútuo e a constituição de modalidades renovadas de solidariedade face aos atritos da sociabilidade comparativa e dissociativa predominantes no modelo econômico e social do país.⁵³

Como decorrência dessa modificação, foi criada a Teologia da Libertação que representou a emergência de um pensamento teológico original na América Latina. Seu procedimento metodológico caracterizou-se, em primeiro lugar, em uma interpretação científica da realidade social, julgada, num segundo momento, pelos padrões de libertação inscritos na vida de Cristo. Esse pensamento teológico legitimou o pensamento da prática pastoral. Em suma, observa-se que as mudanças ocorridas na Igreja em relação aos aspectos políticos e sociais tiveram como contexto determinante e essencial o Estado capitalista autoritário e a emergência da consciência de classes e de seus antagonismos. O Estado se preocupava com o crescimento econômico, ignorando as desigualdades, inclinado ao modo de produção capitalista, afastou-se da ideologia religiosa. Dessa forma, decresceram os interesses recíprocos de colaboração entre Igreja e Estado.⁵⁴

Na diocese de Maringá, D. Jaime, acompanhado essa nova autocompreensão, desenvolveu pastorais centradas na ética social, que colocava em primeiro plano a vida religiosa e o auxílio aos menos favorecidos, numa tendência mais social.

Na década de 1970 apoiou as questões sociais mais amplas em detrimento a autoridade excessiva e a opressão aos trabalhadores. D. Jaime criou Comunidades Eclesiais de Base e pastorais como a Oficina de Oração, Movimento Familiar Cristão, a Sociedade São Vicente de Paulo, entre outras.

D. Jaime, de forma ambígua, apresentava-se também como defensor da moral cristã e do progresso, contudo quando os interesses da Igreja Católica eram ameaçados assumia uma postura intolerante. Shiavone analisa:

53 CAMARGO, C. P. F. de; SOUZA, M. de.; PIERUCCI, A. F. O. de., Igreja Católica: 1945-1970. In FAUSTO, B. *História geral da civilização brasileira*, p. 379-380.

54 CAMARGO, C. P. F. de; SOUZA, M. de.; PIERUCCI, A. F. O. de, Igreja Católica: 1945-1970. In FAUSTO, B. *História geral da civilização brasileira*, p. 380.

Fiquei noivo e marquei o casamento com mais de seis meses de antecedência, para o mês de dezembro de 1961. Já cursava a faculdade de Ciências Econômicas e Dom Jaime fazia questão de celebrar pessoalmente, a cerimônia religiosa, na antiga catedral. A época trabalhava em “O Jornal”, onde era colunista social. A par disso eu escrevia artigos sobre assuntos diversos. Num arroubo próprio da juventude, escrevi um artigo defendendo a implantação do divórcio no Brasil, Dom Jaime foi ao jornal, viu o artigo sendo composto. Alertado pelo Cônego Teles, não deixei que ele fosse publicado. Não adiantou. Dom Jaime, muito magoado comigo, me comunicou que não mais faria nem, deixaria que fizessem o meu casamento na sua diocese. Afirmando que quem era a favor do divórcio, não casaria na Igreja.⁵⁵

A influência de D. Jaime em todos os segmentos da sociedade maringense é inquestionável e evidente. Ele examinava os artigos a serem publicados no jornal, no qual ele próprio possuía uma coluna e que por meio dela apresentava suas determinações. Respalado por sua posição de líder na sociedade sentia-se no direito de censurar as opiniões dos diocesanos e punir os que fossem contrários às suas convicções e verdades.

No ano de 1968, são concretizadas as aspirações de D. Jaime em desmembrar Paranavaí da diocese de Maringá, criando outra diocese. Em 7 de julho deste ano ocorre a instalação canônica da diocese de Paranavaí e posse do primeiro Bispo, D. Benjamim de Souza Gomes. Nesse mesmo ano, quando o Brasil vivia sob o regime militar, D. Jaime obedecendo às determinações desse, esteve em audiência em Brasília com o Presidente Costa e Silva para acertar as diretrizes da criação do canal de TV Cultura de Maringá Ltda.⁵⁶

Em 1969, D. Jaime implantou as Pastorais dos Bairros em Maringá, dividindo os setores e entregou aos cuidados de 16 Casas Religiosas Femininas locais, para que dessa forma, num plano conjunto de pastorais se preparassem para a introdução, que se tornou obrigatória, dos cursos de preparação para batismos, crismas, primeira eucaristia e para noivos. Na década de 1970, vários projetos se encaminhavam para o êxito e a Igreja Católica se fortalecia, através das várias congregações e ordens de Religiosos e Religiosas, e também das várias paróquias criadas e inauguradas por D. Jaime.

3.2 A província Eclesiástica

De uma forma geral, na década de 1970, a Igreja Católica em Maringá desponta para o consolidar das frentes iniciadas nas décadas anteriores. Projetos como a catedral e o Seminário Diocesano já estavam em fase de término. A Igreja em Maringá apresentava condições para ser elevada à categoria de Arquidiocese e de permanecer atuante frente ao cenário religioso de Maringá e região.

⁵⁵ SHIAVONE, A., *Memórias de um bom sujeito*.

⁵⁶ OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOESE DE MARINGÁ, p. 43.

Em 1972, houve um reforço dos trabalhos dos apostolados, principalmente dos leigos, promovendo Cursilhos de Cristandade, Escola de Pais, encontro de jovens. Foi ministrado curso por D. David Picão, bispo de Santos, com o título “O leigo na Igreja”.

Em 30 de agosto de 1973 ocorreu o lançamento da programação da TV Cultura de Maringá, D. Jaime Luiz Coelho foi o diretor-presidente. No dia 25 de setembro, houve a inauguração oficial da TV Cultura, Canal 8, com programas diários doutrinários e Santa Missa televisionada aos domingos.⁵⁷

No âmbito da educação, muitos colégios e instituições de ensino superior haviam sido implantados. Num apanhado geral, desde a fundação da diocese até a década de 1970 haviam sido criados: Colégio São Francisco Xavier, Colégio Marista, Regina Mundi e Santo Inácio, em Maringá; São Francisco de Assis, em Mandaguaçu; São José, em Jandaia do Sul; Anjos Custódio, em Marialva; Sagrada Família, em Mandaguari e Coração de Jesus, em Nova Esperança. E anteriormente à criação da diocese em Paranavaí, D. Jaime fundou colégios em Paraíso do Norte, Loanda, Santa Cruz do Monte Castelo, e em Paranavaí. Também a criação da Universidade Estadual de Maringá deve-se ao bispo, pois esse, juntamente com outros professores, no ano de 1959, fundara a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas. D. Jaime foi o primeiro diretor e atuou como professor de Ética e Sociologia. Posteriormente, essa instituição de ensino originou a atual Universidade Estadual de Maringá.

Os colégios católicos espalhados por toda a diocese configuravam a ofensiva de D. Jaime frente à necessidade de evangelizar a população. Com uma proposta de normatização, por meio de projetos pedagógicos, formulados pela Associação de Educação Católica (AEC) integrada ao discurso de manter a qualidade do ensino, a Igreja conseguia aumentar sua representatividade, estando presente no processo de aprendizagem e formação intelectual-social dos diocesanos.

Esse processo de consolidar a presença da Igreja Católica na sociedade incluiu investimentos nos meios de comunicação de massa, âmbito em que o bispo participou e coordenou, como por exemplo, um jornal diário, “Folha do Norte do Paraná”; coluna semanal em “O Diário do Norte do Paraná”; programa diário na “Rádio Cultura”; programas ocasionais em outras emissoras de rádio; programa diário na TV Cultura, canal 8 de Maringá (emissora da qual D. Jaime fora o fundador e primeiro diretor) e missa dominical televisionada e radiada. A diocese atingia, dessa forma, uma maior e eficaz, cobertura doutrinal, pois os sermões e determinações do bispo difundiam-se com rapidez. Tais ações respondiam às determinações do Concílio Vaticano II, que ditavam que os meios de comunicação de massa deveriam ser intensamente utilizados pela Igreja Católica, na busca de atingir amplamente toda a sociedade. Ou seja, a Igreja passa a se utilizar das inovações e possibilidades oferecidas pela modernidade como forma de concorrer com outros setores em pé de igualdade.

⁵⁷ OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 44.

A Comunidade Eclesial de Base (CEB) destacou-se entre as Pastorais Diocesanas, pois tinha como objetivo fortalecer a evangelização e impulsionar a presença e atuação dos leigos na Igreja. Para alcançar êxito nessa e nas demais pastorais, o bispo contou com a colaboração das congregações e ordens de Religiosas e Religiosos, que também atuavam nas obras assistenciais da diocese, como lar para os idosos, creches, escolas, pastorais sociais, saúde pública, auxílio aos mais necessitados, entre outras obras.

Em 1980, foi criada a Província Eclesiástica de Maringá. Esse processo iniciou-se em 1958 com a criação da diocese de Campo Mourão, que fazia parte da jurisdição do centro-oeste em Foz do Iguaçu e foi efetivamente instaurada pelo papa João XXIII, em 1959, começando a funcionar em 20 de abril de 1960, tendo como primeiro bispo D. Eliseu Simões Mendes. A diocese de Paranavaí veio um pouco mais tarde, criada pelo papa Paulo VI em 20 de janeiro de 1968, foi desmembrada da diocese de Maringá e instalada a 7 de julho do mesmo ano, seu primeiro bispo foi D. Benjamim de Souza Gomes. Já a diocese de Umuarama foi desmembrada da diocese de Campo Mourão, criada também pelo papa Paulo VI, em 26 de maio de 1973 e instalada em setembro do mesmo ano, seu primeiro bispo foi D. José Maria Maimoné.

No ano de 1979, a situação da diocese de Maringá (futura Província Eclesiástica) era a seguinte: População de 526.000 habitantes abrangendo 26 municípios, num total de 33 paróquias e 1 missão Nipo-Brasileira; possuía 141 capelas, num total de 42 sacerdotes, sendo estes, clero diocesano 30 e clero religioso 12. Possuía 10 irmãos leigos; 132 Irmãs Religiosas e 34 Casas Religiosas; 10 comunidades masculinas e 24 femininas. E também possuía 850 Ministros Extraordinários da Eucaristia. Possuía 4 centros de formação de leigos; 12 colégios e institutos culturais; 20 obras assistenciais e promocionais em andamento; contava também com meios de comunicação social de massa, como o jornal “Folha do Norte do Paraná” e a direção da “TV Cultura, canal 8 de Maringá”⁵⁸. Observa-se que a diocese encontrava-se bem estruturada e assistida.

O norte do Paraná em termos populacionais (decorrência das frentes migratórias e imigratórias das décadas de 1940 a 1960) vinha se desenvolvendo e a Igreja, no afã de manter seu espaço, ampliou suas frentes de cobertura ao dividir as dioceses existentes com preocupação doutrinal. Essas novas dioceses eram instaladas para contribuir com o progresso religioso. Essas solitudes de maior cobertura e ofensiva católica se intensificaram entre 1964-65, para atenderem as determinações conciliares, e foram decisivas no decorrer da década de 1970.

A diocese de Maringá tornou-se o centro regional de influência do “norte novo.”⁵⁹ Ocorrendo essa influência em todas as áreas tanto social, política, econômica quanto religiosa, cultural, educacional. D. Jaime, em relatório defendendo a criação da Arquidiocese, afirma:

58 COELHO, J. L., *Relatório: A situação religiosa da futura Província Eclesiástica de Maringá*, p. 3.

59 Nome atribuído a região colonizada pela Companhia de Terras Melhoramentos Norte do Paraná.

Maringá, com tantos meios de comunicação e serviços existentes na cidade, inclusive um aeroporto para aviões e jatos de grande porte, consolida a sua posição de uma futura metrópole, centro de reunião de âmbito regional. Por tudo isso a Igreja deve estar presente a esse processo de crescimento, com diretrizes seguras de Evangelização. É exatamente essa presença da Igreja, por meio da arquidiocese será a providencia mais acertada para atingir plenamente esse objetivo.⁶⁰

O bispo preocupava-se com a situação emergente em que Maringá se enquadrava, em consequência disso esboçou um plano para assegurar a posição de destaque já conquistada. Esse é mais um indicativo de que a Igreja Católica em Maringá atuou como representante da salvação e ordenamento da sociedade.

Deve ser destacado que a importância de D. Jaime para a hierarquia eclesial não esteve somente vinculada à Maringá. Durante seu episcopado se destacou como representante do escalão dirigente da Igreja Católica no país, e como representante do Estado do Paraná. Foi eleito como redator do III CELAM, realizado no ano de 1979, em Puebla, e que abordou o tema: “Ação da Igreja Junto aos Construtores da Sociedade Pluralista na América Latina.” Além disso, D. Jaime foi um dos membros da presidência da “Regional Sul II”, que se reunia a cada mês em Curitiba, em assembléia geral, reunindo o clero dos estados do Sul.

D. Jaime, como representante e chefe da Igreja Católica em Maringá, soube desempenhar seu papel frente à sociedade, fazendo eficazmente que triunfassem as aspirações da Santa Sé, trabalhou para defender os interesses da Igreja Católica, utilizando-se das possibilidades cedidas por essa, e também das possibilidades apresentadas pela configuração da sociedade moderna.

No dia 16 de outubro de 1979, o Papa João Paulo II elevou a diocese de Maringá à categoria de Arquidiocese e criou a Província Eclesial de Maringá, tendo como sufragâneas as dioceses de Campo Mourão, Paranavaí e Umuarama. D. Jaime foi promovido a Arcebispo Metropolitano. No dia 20 de janeiro de 1980, ocorreu a instalação canônica da arquidiocese de Maringá e a posse do primeiro arcebispo. A cerimônia contou com a presença de autoridades civis, militares e clericais tais como o Núncio Apostólico, D. Carmine Rocco, os arcebispos de Londrina, Cascavel e Curitiba, bispos, Religiosos, Religiosas, seminaristas e fiéis.

Na bula de criação da arquidiocese, o Papa João Paulo II asseverou:

Um dos principais deveres do Romano pontífice é apresentar aos fiéis íntegra a fé em Jesus Cristo, propagá-la e preservá-la dos erros. Assim, um governo pastoral de Dioceses unidas em Província Eclesial contribui eficazmente para o aumento da religião. Pelo que pedir a divisão da Província Eclesial de Londrina, decretamos: SEPARAMOS A DIOCESE DE MARINGÁ

60 COELHO, J. L., *Relatório: A situação religiosa da futura Província Eclesial de Maringá*, p. 14.

da Província Eclesiástica de Londrina e enumeramos entre as Igrejas Metropolitanas e promovemos o venerável irmão Jaime Luiz Coelho, bispo de Maringá, à dignidade arquiépiscopal e ao mesmo tempo metropolitano, alimentando a esperança de que aquele que diligentemente administrou a diocese, ainda mais cuidadosamente governe a arquidiocese.⁶¹

Oficialmente empossado como arcebispo e conseqüentemente governante da arquidiocese e Província Eclesiástica de Maringá, D. Jaime vê coroados seus projetos e reconhecido seu trabalho. Observa-se que ao longo de seu governo frente à diocese, Maringá e região se desenvolveram em extensão, em população e economicamente, obrigando frentes de atuação e ofensivas cada vez mais intensas por parte da Igreja Católica, que pretendia manter-se como líder espiritual da sociedade e responsável pela salvação das almas ali viventes. D. Jaime, à frente desse encargo, procurou utilizar-se das possibilidades e oportunidades de desenvolvimento a fim de alcançar seus objetivos com total eficácia.

Enfim, D. Jaime, conseguiu conquistar uma posição de liderança na sociedade maringaense. Maringá, desde sua fundação, apresentava elementos que a caracterizavam procedente de um empreendimento de visões modernizantes e conseqüentemente, recebera uma configuração social moderna. A Igreja Católica, diante dessa configuração, apresentou-se como organizadora do espaço heterogêneo e por intermédio de uma atuação persistente conquistou êxito no propósito de organização do espaço com liderança indiscutível. Porém, a homogeneidade sonhada esvaiu-se e D. Jaime e a Igreja Católica tiveram que dividir o mercado religioso com outras religiões. A heterogeneidade sobrepôs-se à homogeneidade pretendida.

61 OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ, p. 47.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maringá constituiu-se por meio de um empreendimento representado como arrojado e promissor, fator esse que possibilitou o desenvolvimento da cidade em aspectos voltados para a modernidade. A imagem constituída é a de um município de rápido crescimento, progressista, opulento e formado por um povo trabalhador, ordeiro, católico e empreendedor. Nesse sentido, a cidade que foi fundada no início da década de 1950 absorveu levas de migrantes e imigrantes atraídos pelas propostas de melhoria de vida e condições sociais satisfatórias.

A Igreja Católica fez-se presente e procurou consolidar-se nesse espaço, desde o início da colonização, confortando espiritualmente os colonos que chegavam. A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná teve na Igreja Católica uma importante aliada. Ambas estavam interessadas em migrantes e imigrantes pacíficos e trabalhadores, ou seja, as intenções foram de normatizar o espaço social por intermédio das normas e preceitos cristãos. Para a Companhia, os investimentos e a credibilidade aumentariam e para a Igreja Católica haveria a oportunidade de constituir uma comunidade católica e tornar-se a instituição mais importante e normatizadora da sociedade.

A conjuntura da Igreja favorecia e justificava a investida, por essa razão ela procurou rapidamente se estabelecer em Maringá. O padre Emilio Clemente Scherer construiu a primeira capela e desde aquele momento, observando a heterogeneidade cultural, social e religiosa, mostrou-se preocupado com a concorrência do mercado religioso e com os hibridismos culturais que ameaçavam a hegemonia da Igreja Católica na sociedade em formação. A fundação da segunda capela, cuja padroeira era a Santa Cruz, anunciou a ofensiva para ocupar espaços e impor sua presença.

Com a fundação oficial de Maringá, a cidade ficou sob a jurisdição da paróquia de Mandaguari e ambas sob o controle da diocese de Jacarezinho, cujo bispo era D. Geraldo de Proença Sigaud. Vários eram os problemas a serem enfrentados pela Igreja Católica em Maringá no seu encargo de se firmar como instituição normatizadora e líder da sociedade que ali se constituía. Problemas como falta de infra-estrutura, dificuldade de acesso, falta

de edifícios religiosos, escassez de clero, e de recursos. Havia também problemas devido à heterogeneidade.

Dessa forma, a Igreja Católica em Maringá procurou se desenvolver e ampliar a sua presença. Mesmo distante da sede episcopal, D. Geraldo procurou viabilizar uma assistência religiosa para a região, no intuito de não perder as bases que lá se constituíam. D. Geraldo criou duas paróquias, a de “Nossa Senhora da Glória” e a de “São José Operário”, convidou Ordens e Congregações religiosas para auxiliarem na catequese, na recristianização social e prestar assistência educacional e também atuar em hospitais. Realizou visitas pastorais, administrou o sacramento da crismas, organizou associações religiosas leigas e construiu edifícios religiosos. As Ordens e Congregações religiosas que passaram a atuar a partir de 1952, no município, foram os Jesuítas, Josefinos, Capuchinhos e Carmelitas.

A criação da diocese de Maringá permitiu o avanço das ofensivas católicas. O desmembramento da diocese de Jacarezinho e a criação das novas dioceses, de Maringá e Londrina, ocorreram devido à necessidade de diminuir as grandes extensões territoriais, para dessa forma, incrementar o controle sobre aqueles espaços. Em Maringá o primeiro bispo nomeado foi D. Jaime Luiz Coelho.

Com quarenta anos de idade, D. Jaime Luiz Coelho foi nomeado pelo papa Pio XII, como primeiro bispo de Maringá, em uma região nova e repleta de desafios sociais, políticos e religiosos a serem enfrentados. Dessa forma, as ofensivas do bispo foram delineadas para atenderem todas as necessidades da Igreja Católica naquele local. D. Jaime alinhava-se às diretrizes emanadas pela Santa Sé naquele momento e propunha-se a aceitar a pluralidade da sociedade moderna e trabalhou para atingir uma posição sólida e de destaque para a Igreja Católica no cenário maringaense. Em sua primeira carta pastoral com o objetivo de saudar aos diocesanos, D. Jaime deixou claro quais eram os pressupostos básicos de sua atuação, ressaltando como principal lema: levar Cristo a todos. E sua maior preocupação era fazer com que os diocesanos entendessem o que vinha a ser a Plenitude do Sacerdócio, ou seja, expôs qual era seu papel, enquanto bispo, e a função de cada diocesano nesse contexto: aceitar aos desígnios da Santa Igreja que he atribuiu o encargo de bispo de Maringá.

A preparação e a posse de D. Jaime explicitaram as intenções da Igreja Católica, verificadas pela criação de um imaginário em torno da pessoa do bispo, vinculando-o como a representação do divino. D. Jaime, por sua vez, desempenhou seu papel e assumiu os diocesanos como filhos. O prelado procurou reforçar sua posição hierárquica, porém utilizando-se de muita acessibilidade e desprendimento. Manteve, nesse sentido, um contato direto e permanente com seus diocesanos. Apresentou-se a par dos problemas da sociedade maringaense e procurou intervir com vistas a consolidar uma posição sólida para a Igreja Católica.

D. Jaime apresentou-se como representante da ala reformista, pois aceitou e utilizou-se dos aspectos e possibilidades apresentados pela sociedade moderna e deu ênfase para a

missão social da Igreja, oferecendo mais autonomia aos movimentos leigos e buscando criar Movimentos e Apostolados Católicos em sua diocese.

D. Jaime fazia questão de celebrar as missas na catedral. Seus sermões foram uma tribuna onde podia dedicar-se a temas variados desde o ensino da doutrina católica até a defesa de suas convicções políticas. Nesse sentido, foi inegável o papel político que o bispo ocupou em Maringá, no estado do Paraná e no Brasil. O seu envolvimento com a política local, estadual e nacional proporcionou muitos benefícios para Maringá, pois os candidatos a quem ele apoiava, venciam as eleições e em retribuição liberavam recursos para a diocese e para os empreendimentos do bispo, do clero e das instituições católicas.

D. Jaime, na década de 1970, apoiou as questões sociais mais amplas em detrimento de uma autoridade excessiva e opressão aos trabalhadores. D. Jaime criou Comunidades Eclesiais de Base e pastorais como a Oficina de Oração, Movimento Familiar Cristão, a Sociedade São Vicente de Paulo, entre outras.

A Igreja Católica teve na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná uma importante aliada, obteve o apoio das elites, dos políticos e fiéis. D. Jaime preocupou-se com a concorrência com as demais religiões e com a necessidade de ocupar todos os espaços, para isso, viabilizou a vinda de várias congregações religiosas a fim de atuarem nos vários colégios católicos, fundados por ele, e também em outras obras, vinculadas à evangelização. O bispo também se inclinou em reformar as manifestações religiosas, para isso buscou promover uma homogeneização dessas práticas. Para superar a escassez de clero viabilizou a construção do Seminário Diocesano, e a partir do funcionamento desse, a Igreja em Maringá veio posteriormente constituir-se como um celeiro vocacional atendendo às necessidades da diocese local e de outras regiões.

A construção de uma catedral em estilo arquitetônico arrojado e inovador associou-se ao desejo da Companhia em configurar uma estrutura moderna para a sociedade. Ao mesmo tempo, D. Jaime atendeu as demandas da Santa Sé ao idealizar um templo carregado de representações do divino e da salvação.

D. Jaime desempenhou obras assistenciais como a construção de creches e asilos, no campo educacional contribuiu por meio da fundação de colégios católicos e também com a implantação do primeiro curso de ensino superior no município, que deu origem a Universidade Estadual de Maringá

A influência de D. Jaime na sociedade maringaense abrangeu não só o campo religioso como também o político. A participação do bispo na política permitiu que ele sanasse os problemas da diocese em termos de investimentos e burocracias, pois apoiou candidatos que eram de sua confiança e esses o retribuía com apoio financeiro e político. Na luta contra o avanço das influências partidárias comunistas, D. Jaime foi atuante e perspicaz, unindo-se às demais autoridades episcopais do Estado partiu para o enfrentamento.

A formação de uma elite católica também foi uma investida de D. Jaime, que por quase toda a diocese constituiu colégios católicos, dirigidos por Ordens e Congregações Religiosas, que ele trouxe para a região. Impedindo, dessa forma, a secularização das elites. Um exemplo dessa ação é o Colégio dos Irmãos Maristas, que se tornou referência na região.

Os leigos, através das pastorais, foram incentivados e convocados a participarem da Igreja, atendendo às determinações conciliares. O bispo empenhou-se em levar para dentro da Igreja leigos que pudessem ser atuantes e úteis para ajudarem no processo de evangelização da sociedade. A utilização dos meios de comunicação de massa como rádio, jornal e TV foi outra alternativa de D. Jaime para aumentar a cobertura doutrinal e fazer chegar a todos os lugares as suas determinações, inclinações e ações.

D. Jaime Luiz Coelho não foi apenas importante para a diocese de Maringá, mas também procurou desempenhar uma notável atuação no cenário nacional e estadual, pois foi participativo nas ofensivas e ações da Igreja institucional, que procurava, principalmente após as reformas conciliares, firmar sua hegemonia expandindo sua presença e combatendo seus inimigos.

Devido ao desenvolvimento urbano e com o crescimento populacional da região, outras dioceses precisaram ser criadas, desmembradas de Maringá, possibilitando o projeto de criação da Província Eclesiástica de Maringá.

Maringá transformou-se num pólo metropolitano de grande porte e influência na região Norte do Paraná, as aspirações de D. Jaime foram acatadas, tendo em vista as necessidades da Igreja e, finalmente, a diocese foi transformada, por decreto do Papa João Paulo II, em Arquidiocese e D. Jaime tornou-se o primeiro arcebispo.

Em suma, a Igreja Católica em Maringá apresentou uma trajetória de crescimento contínuo, acompanhando o desenvolvimento do município. A sociedade maringaense, nesse contexto, muito contribuiu com as investidas da Igreja. Com a presença de D. Jaime, esse referencial simbólico se consolidou até os dias atuais por meio da simbologia católica altamente valorizada, representada pela figura do primeiro bispo, D. Jaime Luiz Coelho e da Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Glória, a única catedral até a década de 1980 a receber esse título no Estado do Paraná.

Os caminhos da Igreja Católica em Maringá e a atuação de seu primeiro bispo foram nesse trabalho analisados. Vale ressaltar que as hipóteses e problemáticas não foram esgotadas, dessa forma o estudo abre a possibilidade para novos questionamentos e pesquisas futuras, na busca de complementar e aprofundar as idéias e possibilidades aqui levantadas.

4 REFERÊNCIAS

4.1 Fontes Manuscritas

CARLOS, Teófilo. *A construção da capela Santa Cruz*. Maringá: Cúria Metropolitana de Maringá, 1951.

CARLOS, Teófilo. *Livro tombo de criação da primeira paróquia de Maringá: Paróquia Santíssima Trindade*. Maringá, 10 de abril, 1950.

COELHO, Jaime L. *Termo de visita pastoral*. Maringá: Cúria Metropolitana de Maringá, 1959.

CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ. *A preparação e a cerimônia de posse de D. Jaime Luiz Coelho*. Maringá, 1957.

SIGAUD, Geraldo P. Comunicado pastoral: *A criação das dioceses de Londrina e Maringá*. Janeiro de 1957.

SIGAUD, Geraldo P. *Termo de visita pastoral*. Maringá: Cúria Metropolitana de Maringá, 1955.

4.2 Fontes impressas

BULA PAPAL LATISSIMAS PARTIRE ECCLESIAS. Decreto de execução da criação das dioceses de Londrina e Maringá pelo papa Pio XII. Janeiro, 1957.

CASTANHAR, Sebastião. *Ofício recebido*: A “União Geral dos Trabalhadores de Mandaguaçu”, não se envolve com o comunismo. Ofício 120/61.

COELHO, Jaime L. *Relatório*: A situação religiosa da futura Província Eclesiástica de Maringá. Maringá: Cúria Metropolitana de Maringá, 1979.

COELHO, Jaime L. *Carta pastoral*: Sobre a Plenitude do Sacerdócio e de saudação a seus diocesanos. Maringá, 1957.

COELHO, Jaime L. *Carta convite: A festa da Lavoura*. Maringá, 2 de agosto, 1961.

COELHO, Jaime L. *Relatório: A situação religiosa da futura Província Eclesiástica de Maringá*. Maringá: Cúria Metropolitana de Maringá, 1979.

CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ. Correspondência recebida de Irmã Terezinha. Maringá, 14 de agosto, 1961.

4.3 Jornais e Revistas

COELHO, Jaime L. Cuidado Eleitor Católico. *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, Maringá, 1960.

DIOCESE DE MARINGÁ: os trinta e cinco anos de História. Maringá, 1992.

DIOCESE DE MARINGÁ: os quarenta anos de História. Maringá, 1997.

Maringá se prepara para receber seu novo bispo. *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, Maringá, 24 de março. 1957, p. 4.

Uma verdadeira apoteose a recepção de Dom Jaime Luiz Coelho. *O Jornal Gazeta Diária de Maringá*, Maringá, 25 de março. 1957, p. 6.

OS VINTE E CINCO ANOS DA DIOCESE DE MARINGÁ. Maringá, 1982.

REVISTA Norte do Paraná em Revista. Maringá, 1957.

4.4 Fontes Oraís/Depoimentos

SANCHES, A. *Antenor Sanches*: depoimento [maio 2006]. Entrevistadora: M. M. Pereira. Maringá, 2006. 1 fita micro cassete (60 min). Entrevista concedida à pesquisadora.

ALEGRETE, I. A. *Idalina Augusta Alegrete*: [agosto 2003]. Entrevistadora: M. M. Pereira. Maringá, 2003. 1 fita micro cassete (60 min). Entrevista concedida à pesquisadora.

ROBLES, O. *Padre Orivaldo Robles*: [maio 2006]. Entrevistadora: M. M. Pereira. Maringá, 2006. 1 fita micro cassete (60 min). Entrevista concedida à pesquisadora.

4.5 Fontes Iconográficas

CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ. Fotografias da chegada e posse de D. Jaime Luiz Coelho.

4.6 Bibliografia

ALBERIGO, Giuseppe (Coord.). *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- ALBERIGO, G. Novas Fronteiras da Igreja? *Concilium*, n. 57 p. 870-885, set. 1970.
- BARROS, Jose D'Assunção. *O Campo da história: Especialidades e abordagens*. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Tradução Ana Maria Alves. Lisboa: edições 70, (s/d). [1ªedição: 1972]
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Eduspe, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Editora Perspectiva. São Paulo, 1992.
- BURKE, Peter (org). *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- CAMARGO, Cândido, P. F. de.; SOUZA, Beatriz, M. de; PIERUCCI, Antônio, F. O. de. Igreja Católica: 1945-1970 In: FAUSTO, B. *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1971
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 – 1945)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes. São Paulo, 1999.
- GARRIDO, Joan Del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In: *Memória, História, Historiografia: Dossiê Ensino de História*. ANPUH. Editora Marco Zero, SCT – CNPq – FINEP, s/d.
- ISAIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- ISAIA, Artur César. Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, n.30, 2001.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: Representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República: cem anos de compromisso: 1889-1989*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

LUZ, France. Maringá em fase de implantação. In: DIAS, R.B.; GONÇALVES, J.H.R. (Org.) *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e política no Brasil 1916 – 1985*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARCHI, Euclides. A igreja do Brasil e o plano de emergência – 1952/1962. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. EDUFSC, n. 30, 2001.

MARIN, Jérri Roberto. *O acontecer e o desacontecer da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. 2 vol. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.

MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Becerra. Fontes visuais, Cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História. O Ofício do Historiador*. ANPUH, 2003.

MEZZOMO, Frank Antonio. *Religião, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná*. Cascavel: EDUNIOEST, 2002.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1988.

MORAES, Sibeles de. *O Episcopado de D. Carlos Luiz D'Amour (1878 – 1921)*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

PAIVA, José Pedro. O cerimonial da entrada dos bispos na suas dioceses: uma encenação de poder (1741-1757). In: CARVALHO, Joaquim Ramos (Org). *Rituais e Cerimoniais*. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 1993, p. 117-146.

RECCO, Rogério. *À sombra dos Ipês da Minha Terra*. Londrina: Midiograf, 2005.

ROBLES, Orivaldo. *A Igreja que brotou da mata*. Maringá: Sextante, 2007.

SANCHES, Antenor. *Maringá outrora e agora*. Maringá: Bertoni Gráfica e Editora, 2006.

SANCHES, Antenor. *Maringá – sua terra e sua gente*. Maringá: Massoui, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Martins. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SHIAVONE, Ademar. *Memórias de um bom sujeito*. Maringá, 2000.

STADNIKY, Hilda Pivaro. Contribuição ao estudo da presença nipo-brasileira no Norte Novo de Maringá. In: DIAS, R.B.; GONÇALVES, J.H.R. (Org). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de uma história regional*. Maringá. Eduem, 1999.

TOMAZI, Nelson Dacio. Construção e silêncio sobre a (re) ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, R.B.; GONÇALVES, J.H.R. (Org). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999.

VERGOTE, Antoine. *Modernidade e cristianismo: interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.